

GUILHERMINA
DE AZEREDO

BRANCOS E NEGROS

LISBOA
1954

GUILHERMINA DE AZEREDO

Branças e Negras

PRÉMIO FERNÃO MENDES PINTO, 1955



AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR
LISBOA // MCMLVI



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

BRANCOS
E
NEGROS

(PRÉMIO FERNÃO MENDES PINTO, 1955)

POR

GUILHERMINA DE AZEREDO

AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR
DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
1956

SAUDADE
(PÓRTICO)

Autorizado por Portaria n.º 14.695

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

Nesse dia chegaste tarde da derruba, amarraste o «cabo-verdiano» a um poste e estendeste-te no velho cadeirão.

Há quanto tempo foi!

— Sabes que isto é um vício? — disseste.

— Sim — respondi. — Um daqueles viciozinhos de que a alma se não despega facilmente. Esta hora faz-me esquecer durante o dia todas as horas de canseiras. Nela penso instante a instante. É uma obcecação, talvez, mas o trabalho corre assim mais leve. Será porque ela encerra o minuto em que tu voltas?

Puxaste pelo célebre isqueiro e as intermináveis palestras recommçaram.

Quanto sonhámos naquela varanda! Que de projectos, que de ficções, que de mundos criados e erguidos num momento por cima da «garrancharia» imensa! Fomos para ali fascinados pela selva e em plena selva erguemos a nossa choupana. Não te correu fagueira a vida? Unidos um ao outro, pelo mesmo anseio e pela mesma solidão, não nos amparámos e não fomos felizes?

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

Tu querias ser um patriarca, senhor de vastos territórios e manadas lustrosas. Atraía-te a vastidão do mato sem limites, a liberdade e a grandeza da floresta; eu acarinhava um rebentozinho frágil contra o seio e protegia-o da luz e dos perigos com rendas e afagos, ternuras e beijos. Amava o meu refúgio como o caracol ama a sua casca, até à morte, porque a ela está preso uma vida inteira. Esse refúgio era todo paz e flores, frutos e searas, aconchegado como um ninho nas fofas ramagens de uma árvore. Saudades? Nunca tive; era forte e sã a nossa alma, uma consciência serena em sua plenitude criadora, certa de si mesma, do seu valor e da sua missão na Terra.

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

A teu lado, trabucava sem descanso, serenamente, amassando a vida com risos, lágrimas e quimeras. Os teus projectos eram os meus projectos, os teus sonhos os meus sonhos. Podias ter seguido carreira melhor ou estar hoje guindado aos mais altos postos. Vi outros lá chegarem com muito menos vontade e inteligência do que tu. Mas... cada qual escolhe o seu destino...

— Será esta atmosfera branda um narcótico a ponto de nos fazer esquecer a realidade? — perguntei. — Sim, a realidade da vida, tudo quanto perdemos e fomos no mundo civilizado?!

Disse isto baixinho e o meu coração ouviu; galopava como um doido.

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

A nossa frente estendia-se aquele emaranhado de braços entrelaçados de serra para serra até ao hori-

zonte, em lonjuras descompassadas. E por cima deles, tocando-os ao de leve, o vento tangia música estranha...

Fora a floresta que nos prendera assim? Que força ignota nos impelia? É o segredo que o mato guarda avaramente, mas ela atrai, atrai como um íman e prende e arrasta e entusiasma.

Baixas extensas perdiam-se na grandiosidade de tanto tronco milenário; as lagoas dormiam enconchadas em vastos caniçais, cobertas de limos e de rosas de água; os vales eram simples traços ou riscos na vastidão do verde e até os olhos atónitos se pregavam no morro altaneiro que, revoltado, procurava libertar-se da força bruta e pujante erguendo a frente acima da selva. Ano após ano, ela cingia-o cada vez mais, invadia-lhe já os flancos, galgava-lhe as escarpas, até que, finalmente, conseguiria dominar o seu orgulho.

O mato! Em pouco teria mesmo vencido toda a terra incomensurável se não foras tu com as derrubas.

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

Que maravilha para nós, tudo aquilo! As mais pequeninas coisas nos pareciam prodígios, justamente porque nunca as havíamos visto; fomos levados pela nossa fantasia como as crianças a quem se mostra de longe um paraíso de fadas. E, olhando da nossa varanda a imensidade da floresta, sulcada de correntes como um grande mar, verdadeiros corredores em que vagalhões escuros se alteavam empinados, marcando distinta a floresta negra da floresta clara, pareceu-me que ela guardava avaramente o seu coração. O mato denso fechava-se agressivo contra nós. Ai daquele que tentasse desvendar o seu mistério, ai dele, pobre louco! Todos os feitiços lhe cairiam em cima e o sono da morte venceria a sua audácia e o seu atrevimento.

Bruscamente, perguntaste: — Diz-me, tens pena do passado?

Encolhi os ombros e peguei nas tuas mãos; lágrimas corriam, sem querer, pelas minhas faces.

Se tinha pena do passado? Não, que ideia! Nada valia a minha vida presente.

Então, disseste: — Vivamos o presente!

Calámo-nos, recolhidos, enquanto o sino tocava a largar e o Sol desaparecia tristemente por trás do fumo das palhotas. Tudo falava baixinho, tudo vibrava dentro de nós; os perfumes eram intensos, as cores mais deslumbrantes...

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

Por fim, a Lua, vermelha como roda de carro de algum Deus pagão, espreitou-nos através da folhagem... Um brilho estranho cobria a floresta; as sombras pareciam maiores e mais inquietantes e, debaixo delas, sentíamos milhares de seres em movimento...

Não era aquela grande maga, senhora de cara ratona e manto cor de fogo, temida e adorada pelos homens, que enfeitiçava tudo? E não estariam também as nossas almas enfeitiçadas?

Cada estralejo de fruto seco parecia suspeito; os próprios insectos, voejando à toa e emaranhando-se nos meus cabelos, faziam-me estremecer...

Então, apontaste para o rio...

— Que tal te parece a onça a ronronar? Ih! Que luz! São dois faróis... E os chacais respondem... Esplêndido, teremos concertina!

Ergueste-te impaciente e a passos largos mediste a nossa varanda de ponta a ponta.

Eras tu o pobre louco! Eras tu que erguias o teu machado contra esse gigante poderoso — o mato.

Chamaram-te visionário, quase criminoso, até! E, no entanto, tu deste àquela terra o melhor do teu esforço. Sacrificaste por ela o teu nome, a tua posição e a tua glória; riquezas mais acessíveis e vida confortável e fácil.

Foste como aquele pioneiro que, a golpes rudes, abriu caminho à civilização; foste o mártir da selva e a ela tudo deste: a tua persistência, o teu sacrifício, o teu trabalho e o teu sangue, combatendo o próprio sentimento e o próprio desânimo.

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

Desse teu esforço gigantesco nasceu a fazenda, e dentro dela, à tua ordem, cem, duzentos, trezentos braços revolviam a terra, abriam valados e picadas, erguiam paredes, batiam o ferro, moldavam o barro. Tu próprio, tudo ensinaste, tudo fizeste naquele mato. Foste cavador e engenheiro, ferreiro e lenhador. Numa luta titânica contra a Natureza, sem recursos, aguçaste o engenho. E as semanas correram umas atrás das outras, meses e meses canseirosos e iguais.

Quanta dor curtida! Quantas saudades mortas! Quanto sonho desfeito! Alargou-se a clareira; fugiu a *tsé-tsé*. Amparados um ao outro, vivemos. Ansiedades de um eram as ansiedades do outro; escondíamos toda a fraqueza, muitas amarguras e dúvidas, muitos desesperos. E, assim, ganhámos coragem e temperámos as almas, fazendo do trabalho um padrão e do combate uma fortaleza.

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

Tive medo de ti naquela noite; parecias alucinado e os teus passos automáticos ressoavam com um som estranho. Depois paraste mesmo ao pé de mim, de braço estendido para o horizonte:

— Ainda que morra, há-de recuar uns quilómetros para trás. Havemos de ver a telha nos telhados e os frutos nos pomares. Do teu sacrifício e do meu sacrifício sairá qualquer coisa de grande, um milagre talvez...

Ficaremos amarrados uma vida inteira? Que importa? Seremos os grilhetas da terra, mas a terra é generosa e mais tarde ou mais cedo nos dará a recompensa.

Fizemos uma jura, tu e eu, e a comoção era tão grande que nos embargou a voz.

Sim, fizemos uma jura e cumprimos até final. Transformada a selva numa pequenina pátria portuguesa, com o facho do espírito erguemos um altar a Deus. Já o asceta missionário abençoava as coisas e os homens, incitava a propagar a Fé de Portugal, a Fé que de nossos avós tinha feito grandes heróis. Parecia um santo, com as suas barbas brancas veneráveis, as faces maceradas e pálidas. Não viste lágrimas bailarem nos olhos cansados dos outros sertanejos? Ergueram-se mãos rudes e calosas, ciciaram-se rezas há muito olvidadas...

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

E os anos correram... muitos...

Porém, nada há de absolutamente estável neste Mundo. Quando as coisas pareciam consolidadas e nos campos pastavam as tuas manadas e nos pomares amadureciam os teus frutos, sobreveio uma reviravolta medonha e tudo se perdeu. Secas, tempestades, altas e baixas de cotações...

Sempre os números a estragarem a vida! Do nosso assombro nem reagimos. Para quê? Que fazer? De mais a mais quando a doença bate à porta e as forças mingam. Construir, quanto custa! Destruir é um instante!

Deixada livre e sem peias humanas, a floresta riu-se de nós e reconquistou a terra. Já pelos terreiros cresciam bissapas, depois transformaram-se em arbustos, depois em fustes grossos. Dos campos, outrora ridentes, erguiam-se rebentos de sambas e olumués. Por toda a parte imperavam ortigas, a vinha brava e os espinhos. Às vezes, em dias de vento e chuva, a floresta parecia um exército, avançava bramindo, dominando e abafando o nosso trabalho... Disseram mesmo que o fogo devorara campos e armazéns...

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

Aquela varanda, que saudades eu tenho dela! Faz-me lembrar todas as varandas do mato, todas as almas que por lá moirejam e fazem juras como nós.

São elas, meu amigo, com o seu trabalho paciente e humilde, que engrandecem a Pátria. Ninguém as recompensa nem lhes dá honrarias, mas podes lá avaliar o que escrevem nas páginas da nossa História? Só tu e eu, e outros como nós, podemos compreender e sentir o que essas almas sentem.

Pois não é?

Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos e tão cheios de ilusões!

Mas ouve: nunca, nunca se ouviu dizer, por mais desgraçada que uma criatura tenha sido naquelas paragens, ter ela amaldiçoado o sertão e esquecido por completo a sua influência e beleza estranha a ponto de não desejar mais para lá voltar, sofrer as mesmas dores, a mesma solidão e a mesma saudade pungitiva.

Dizem que todo o colono, ao beber pela primeira vez água africana, toma o feitiço do continente... Afir-mam-no a rir, mas toda a gente acredita nisso...

Que saudades, meu amigo, da nossa varanda e daquela noite maravilhosa em que jurámos! Ficou vazia

a nossa casa e as andorinhas nunca mais lá fizeram
ninhos. Morreu a menina dos olhos verdes... Está no
Céu! Não vês a neve que desceu sobre a minha frente?
E eu tenho tantas saudades, tenho tantas saudades!

Se um dia lá voltares, àquelas terras do Chimbasse,
e as queimadas tiverem poupado a «samba» do meu
jardim... queda-te um pouco debaixo dos seus ramos...
Sentirás bater o meu pobre coração.

*Ah! Meu amigo, meu amigo, nós éramos tão novos
e tão cheios de ilusões!*

TUDO É «CHIPURULO»...

Àquela hora, a vida na fazenda ficava paralisada. O sol batia de chapa sobre as plantações, que reverberavam em tonalidades verde-negro; um halo de estufa quente abafava-nos... E para além, lá longe, cintando as culturas, a floresta sem fim nem termo era o mar onde se perdia a nossa vista. Matávamos o tempo à sombra da varanda, aquele tempo que o badalar do sino cortaria na chamada implacável para a labuta dos campos.

Dessa vez, porém, o meu amigo deixou-se ficar horas seguidas a meu lado...

Narrou-me coisas espantosas dos seus primeiros anos de sertanejo; falou-me da dedicação do nativo como colaborador, da sua alma simples e humilde, do seu espírito de justiça e do seu coração cheio de humanidade e grande filosofia... As suas palavras calmas fizeram-me ver coisas que nunca tinha visto e reconhecer virtudes onde só observara manha e estupidez. Tudo se tornou mais claro e compreensível à minha volta... homens, usos, costumes...

* * *

— Foi há dez anos... — disse. — Não deve lembrar-se... nem sequer me conhecia ainda...

Tínhamos desembarcado há pouco da Metrópole com um formidável «trem» de lavoura e mirabolantes projectos sobre a futura fazenda. Dois vagões de vinte e duas toneladas não chegaram para transportar a maquinaria da costa até aqui.

Pode lá imaginar o espanto desta boa gentinha! Houve quase uma revolução.

À medida que descarregávamos sobre o cais do caminho de ferro caixotões misteriosos, maiores que troncos de tacula, e os içávamos para os carros boeres, a pulso ou com a ajuda de alavancas, o espanto subia de grau. — Que é isto? — perguntavam uns e outros. — Que vêm eles cá fazer? A terra é nossa, só nossa, toda nossa!

* * *

— Não se admire, minha amiga! Sempre tinham vivido atrás do balcão. Nunca pensaram sequer em plantar uma hortazinha de nabos e galega. Consideravam-se na posse do solo que os seus olhos abarcavam, como de direito divino ou privilégio dos que primeiro chegam e primeiro o vêem.

Tamanho atrevimento, aquele de ocuparmos «terras de ninguém», lançou, pois, grande alarme nesta região.

Amarravam as mãos na cabeça e pediam a Deus fôssemos poisar bem longe, onde a cobiça invasora os não estrangulasse...

Preces assim tão fervorosas só no tempo dos gafanhotos...

Ri-me a bóm rir... Que havia de fazer, não é ?

* * *

— Ora sucedeu justamente o contrário do que desejavam; gostámos destas planuras, destes céus, do rio

e até da floresta densa, dita impenetrável e perigosa. A derruba começou...

Então os nossos vizinhos, sobressaltados, desviaram as pupilas da carreteira por onde chegavam diariamente numerosas comitivas. Pela primeira vez em sua vida, deram conta das árvores seculares e da terra forte que alimenta milhares de homens, milhares de enxames e milhares de bozinhos luzidios.

Meu Deus, quantos disparates disseram!

Todos se sentiam fortemente lesados em seus direitos e interesses; discutiram alto e bom som.

— São uns piratas! Derrotam tudo! — exclamaram. — Não queremos ficar sem um pau para queimar, que diabo! Não, não e não!

Afigurava-se-lhes ver, por cima das copas, qual outro gigante Adamastor, um monstro empunhando serra e machado.

Ai, o medo, minha amiga! É contagioso e espalha-se como azeite...

* * *

— Assim, antes que a floresta se sumisse à frente da nossa fúria, primeiro os nossos vizinhos, depois à volta deles e, por último, em toda a província, cada qual desatou a fazer piadas e a pôr tabuletas para nesgas de terra de futuros couvais ou extensões mais vastas que um distrito de Portugal...

Com vista a quê?

Ninguém sabia. A corrida para o mato foi espantosa. Parecia que vinha aí uma invasão; lançaram mão do que puderam... Nesta ordem de ideias, as marcações sobrepunham-se. Os maiores incluíam os mais pequenos em seus domínios de serra a serra; nós próprios, que havíamos provocado tamanho pânico, fomos também engolidos por poderosa companhia. Este estado de coisas

provocou grossa intrigalhada. Houve reacções, panfletos e comícios. Os poucos fazendeiros, agarrados à terra como mexilhão a penedo, quase se revoltaram.

* * *

— Ai! Ele é isso? Trata-se de força? Nós é que esgaravamos a terra e querem governar-se à nossa custa, hem?... Pois esperem-lhe pela volta!

E, de trabuco aperrado, vociferavam:

— Cá os esperamos no mato! Que venham!

Outros, mais calmos, riram-se da farsa. A Natureza fez o resto. Mal chegaram as chuvas, cresceram os capins e os ramos das bissapas entrelaçaram-se com tamanho vigor que nem vestígios ficaram dos vistosos marcos.

Entretanto, o perigo comum havia-nos criado amigos e choviam conselhos de todos os lados.

— Plante rícino!

— Não, a purgueira é mais resistente!

— Ginguba! Ginguba!

Isto de conselhos...

Decidimos pelo rícino.

Acabadas as instalações, embora primitivas, derrubado o mato e lavrado o terreno, lançámos a primeira sementeira nos trinta e tantos hectares preparados.

Deus do Céu! Que lindos arbustos!

* * *

— Começaram a florir, mas logo uma legião de bichinhos vermelhos caiu sobre aquele esplendor todo, destruindo-o.

Segunda floração, já dos ramos laterais, tentou brotar; mas os insectos tinham-se multiplicado por milhares e nem sequer deixaram desenvolver os corimbos.

Estava perdida por completo a colheita; não dispúnhamos de recursos para combater tão grande mal.

Que fazer?

Naqueles recuados tempos, nenhum dos nossos amigos conhecia a moléstia nem de nome nem de vista e, consultadas as instâncias superiores, também de lá não veio remédio algum.

O espanto foi geral, minha amiga. Houve romaria para a fazenda durante perto de quinze dias.

— Não faltava mais nada! — dizia o meu digno sócio, irritado com a sorte e ainda mais com a curiosidade indiscreta dos visitantes e seus risinhos maldosos.

— Por cima de uma praga, outras pragas!

Colheu três frascos cheios dos tais insectos, por curiosidade, é claro, e tomou a resolução mais trágica de toda a sua vida: «corte-se o rícino!».

Está a ver, hem?

Novamente as máquinas revolveram a terra e novas sementes caíram nos sulcos das charruas. Desta feita, porém, era milho *ikoriking*.

Apesar dos exércitos de milhões de formiguinhas pacientes que carreavam dia e noite, dos ratos e do porco-espinho, das perdizes, das fracas e dos tecelões, sempre o milho cobriu a terra. Porque nós, contando com isso, no terreno em que devíamos deitar dez arrobas, deitámos quinze e vinte.

— Coragem! — dizia eu com alegria. — O primeiro milho é dos pardais!

Fazíamos cálculos espantosos. O «dente de cavalo» espigou rapidamente, desenrolando folhas maravilhosas. Chegou mesmo a embandeirar.

Porém, os infortúnios anteriores haviam reduzido o nosso capital. Não era a falência, nem para desanimar, felizmente. E, talvez por isso, levávamos horas em con-

templação e a medir a altura dos pés majestosos derreados com três e quatro espigas barbudas.

— Milho! Milho! Toneladas de milho!

O meu companheiro não cabia em si de contente. Todas as manhãs, arma ao ombro, largava-se à caça de petiscos para o jantar; de tarde estendia as pernas por cima da mesa e beberricava café com leite.

Sucedeu, infelizmente, ter vindo mais cedo o Verão africano de Janeiro. Foram seis longas semanas de sol abrasador e de vento do Cálaari. Nem de noite cacimbava. E a terra, onde mergulhavam aqueles milhões de raízes como bocas sequiosas, deixou que o milharal encarquilhasse as folhas, torcesse as bandeiras e cresstasse as barbas loiras. Pouco grão se criou...

Nesta aflitiva situação (mesmo assim e apesar da seca o preço do milho estava de rastos porque os navios só carregavam géneros ricos) decidimos novamente seguir os bons conselhos dos velhos e experimentados colonos. Comprámos seis leitoadas e seis marrãs de pêlo eriçado.

Bela ideia — pensei —, transformar milho em carne!

Enquanto a terra descansou, até às primeiras chuvas, os porcos cresceram e multiplicaram-se. Já não eram só doze, mas trinta e seis vorazes focinhos de pistola apostos a revolverem as nossas hortas, os nossos campos e até o mato inteiro!

Está a ver, hem?

Graves problemas se levantaram. Onde ir buscar tanta lavagem? Como fazer currais?

O pior, ainda, era defender os porcos da onça e do chacal, dos mabecos e do jacaré, do bissonde e das bitacaias, quer dizer: dos grandes e dos pequenos...

Todas as noites fazíamos a nossa ronda e o meu companheiro disparava uns tiros às nuvens. Eu seguia a seu lado, armado de cacete e lampeão ao dependuro.

Mas certa manhã... apareceram, de volta do cercado, umas marcas enormes, muito suspeitas, mesmo junto das nossas pegadas... Puseram-se-me os cabelos em pé... e, por medida de prudência, rareámos as surtidas e armámos ratoeiras.

Qual quê! Foi pior a emenda que o soneto! Uma onça, mais matreira que raposa, destruiu todas as engenhocas. Depois, penetrando a seu contento nos currais, fez matança de Páscoa grande.

Não sei descrever o que encontrámos no dia seguinte nem dizer do nosso desânimo e desolação!

Pode imaginar?!

Para cúmulo, o cheiro a sangue, ou quer que fosse, atraiu grandes exércitos de bissondes. Dia e noite trabalhámos afincadamente no salvamento da leitoadada e da nossa própria pele.

Foi por demais! Gastámos latas de petróleo e meia dúzia de litros de creolina; quase íamos deitando fogo a tudo, com tais meios de defesa contra a terrível formiga invasora. Pois, mesmo assim, os resultados da batalha ficaram indecisos... Destruímos, é certo, milhões dos assaltantes, mas poucos salvados nos ficaram para além das velhas marrãs e do varrasco escapados para o mato.

E o meu digno sócio, com a extraordinária calma da inconsciência e alheado das realidades da vida, ordenou, convicto: «Matem-se os porcos e façam-se chouriços... Que isto de porcos... está visto — não dá nada».

Em face de tal decisão resolvi reagir e combater aquela fleuma improfícua. Tivemos discussões acaloradas e acabei por lhe fazer compreender que a calma sem acção e persistência era uma coisa assim a modos de imbecilidade. Naquele regime de campo experimental do Estado caminhávamos abertamente para a fome declarada...

— Falta-nos a receita, meu caro. Lá orçamento ainda faremos. O que nos falha é o modo de lançar impostos...

Em face destes argumentos convincentes, o meu sócio acabou por entrar na boa doutrina. Assentámos na montagem dum negóciosito, ao lado das criações e culturas, como meio de se obter receita com maior rapidez.

Reuni os últimos cobres.

Isto foi no tempo das «vacas gordas». Um boi soba custava então quatro escudos e 50 centavos; uma galinha comprava-se a troco de sal; e um metro de riscado vendia-se por 10 centavos, já carregado de alcavalas.

Qual dos dois devia ir ao litoral fazer as compras? — perguntava a mim próprio.

Deitámos sortes à ventura e ao meu amigo coube a missão de se deslocar e organizar a quitanda. Estou a ver a sua alegria na volta:

— Agora, sim! — disse, satisfeito. — Vamos a isto! Comprei mercadorias com que você montará a melhor loja da região; a melhor e a mais civilizada!

Ele próprio, de martelo e cinzel em punho, botou-se ao rijo trabalho de abrir caixotes sobre caixotes...

Abriu o primeiro... e eram latas de conserva. Abriu o segundo, o terceiro... e eram latas de conserva!... O quarto... o quinto... e surgiram velas, sabões, leites condensados, peixes em salmoura e em azeite, cogumelos... espargos, molhos, manteiga, compotas e mais compotas, inúmeros pacotes de chá em folha, chá em pó, chá em comprimidos, e, finalmente, no fundo duma grande grade, lá surgiu um fardo pequenino com meia dúzia de peças de fazenda, meia dúzia de coletes usados e um pacote de missangas...

Minha amiga: tive então a prova de que não morreria doido... mas mais que tudo me exasperava a indiferença do meu companheiro. O seu encolher de ombros

desprezível, à passagem das comitivas de gentio que nem atentavam nas míseras peças esticadas, pôs-me fora de mim.

— Que vou fazer com isto, hem!... — berrei, furioso.

— Ora! Não se aflija, homem! Cada qual é para o que nasce... Ele diga agora que não andei bem comprando lataria... Estamos garantidos... por um ano...

Estas e outras sentenças irritavam-me cada vez mais os nervos, pois não podia deixar de reconhecer que, no fundo, alguma razão lhe assistia. A minha inexperiência e os meus escrúpulos, por vezes exagerados, faziam com que os negócios, em vez de prosperarem, lançassem, cada vez mais, pesadas verbas na página da esquerda.

— Meu caro, para ser comerciante é preciso ter olho, e você...

Um dia, já farto da filosofia de Job de que o meu sócio estava imbuído, recorri ao crédito, consultei «Capítia», o melhor guiador daqueles sítios, e aventurei-me floresta dentro. Deixei o meu companheiro a fazer cálculos sobre a melhor forma de ir buscar água a vinte e tantos quilómetros de distância, por via de valas e sifões.

Meu Deus! O mato é grande e nele cabem muitas fantasias... minha amiga...

Como não tinha montada, segui a pé. Levava pendente do cinturão o meu velho revólver e pus a Mauser ao ombro.

«Capítia» cheirou o ar, apurou o ouvido e ergueu ao céu as pupilas inquietas.

— Tu és ainda criança, branco! — sentenciou, com aquele seu ar de troça. — Olho de leão pode mais que olho de gente!...

Disse isto antes de amarrar as sandálias, e eu sacudi o pó das botas para que o enguiço não continuasse a perseguir-me...

Não sei porquê, mas não gostava do velho. Questão de antipatia, talvez. Tinha a cara fechada e um sorriso velhaco.

Pusemo-nos a caminho.

— Vai bem, patrão? — perguntou.

— Vou — respondi, secamente.

Atirei com o chapéu para a nuca e continuámos no mesmo passo ginástico, ele à frente, eu atrás.

Eram enormes as espáduas de «Capitia». O seu braço direito segurava o lumango com a mala e os bite-res. O esquerdo baloiçava-se como um pêndulo e a mão roçava pelo punhal de meio metro.

Que pensaria o negro?

Quando entrou ao meu serviço disse-me:

— Patrão! «Capitia» não é sordado, nem cipai, nem quimbar. Também nunca foi no Santomé. «Capitia» é «Capitia» mesmo.

Sendo assim... devia ter pouca manha...

Entretanto, já íamos longe e o velho pôs-se a cantar. Eu só via os seus ombros largos e aquela manápula de gorila baloiçando. Também me vinham à mente, uma a uma, todas as vozes atrevidas dos carregadores durante a revolta dos Seles:

— Fomos nós que assentámos a linha!

— Fomos nós que fizemos as estradas!

— Fomos nós que construímos a tua casa e o teu curral!

E logo havia de levar comigo tanto dinheiro...

Tínhamos mergulhado em plena baixa. «Capitia» esbracejava como a nadar em mar alto de praganas bravas.

Os seus olhos vigiavam como os do liácúti. Eu, porém, sentia as pernas bambas; o sol esfuracava-me a nuca. Atirei com o casaco para cima da carga de «Capitia». Pesavam-me também as botifarras e arregacei as calças. Meio atordoado, o suor a escorrer em bica, só via à minha frente aquela sombra deliciosa da nossa varanda, a boa chávena de café com leite e as pernas compridas e magras do meu sócio estendidas por cima da mesa.

— Vai bem, patrão?

Era «Capitia», de novo a rir-se de soslaio. Seria jeito? Senti ganas de o socar, ali mesmo no capinzal.

Porque se ria?... Apoderara-se da mala, do dinheiro e do casaco, e o seu punhal era um grande punhal...

Assim falando com os meus botões, veio-me também à ideia «sô Morales», o capataz branco.

Não sei se chegou a conhecê-lo...

Duma vez, na damba, pegaram nele (também assim a modos de risonhos), uns pelos pés, outros pela cabeça, a baloiçarem-no, enquanto outros o moíam com socos.

O homem esteve doente sem nunca acusar o seu mal; tornou-se taciturno e seco.

Por fim, fugiu... Seria o caso de o branco ter medo e um gentio nunca denunciar outro gentio?

Sabe como é... As coisas no mato sucedem assim e ninguém foi, ninguém viu... ninguém ouviu. Ali, porém, era diferente. De homem para homem não ia força de boi...

Mas a impaciência é má conselheira e o cansaço um agulhão. Já tínhamos quatro horas de marcha e nem sombra de quimbo ou palhota... Ameacei, praguejei, dei berros...

Envergonho-me ainda hoje da minha cólera.

«Capitia» continuou sereno como se nada tivesse ouvido.

Haviam-me contado uma história de um branco e de um preto assim perdidos na floresta. Andaram por fojos e muchitos e sempre vinham dar à mesma clareira. Ao cair a noite, rotos, exaustos, as mãos ensanguentadas de romperem bissapas, o branco, cheio de ira, chicoteara o negro e logo este encontrara o caminho... Coisas do mato...

Nisto pensava sem desfrutar o companheiro.

— Então? — perguntei, enfurecido.

«Capitia», sem me responder, parou de chofre, deitou-se no chão e colocou o ouvido à terra... Depois ergueu-se de repelão, gritando: «Foge!».

E sumiu-se no mato.

Com uma Mauser na mão, cartuchame abundante e um seguro revólver no cinto, qualquer moço ignorante do mato é destemido até à temeridade e não deve nem teme como os velhos cafusos de outros tempos. Porém, eu sentia-me à mercê dum selvagem matreiro com bons músculos e pé leve...

Coloquei-me por trás dum forte tronco de ungerite e aperrei a arma.

Pois foi o que me valeu... Uma avantesma negra precipitava-se desembestada sobre mim.

De «Capitia»... nem sombra.

Búfalo! — pensei.

O bruto veio cego; marrou contra o tronco. Via-lhe os olhos coriscantes, as ventas abertas soprando tempestades... e joguei às escondidas com ele, recuando de árvore para árvore...

Que se apossara de mim? Raiva ou temor? Sem saber o que fazia, consegui abatê-lo com um tiro chofrado entre os olhos e a seguir despejei-lhe o revólver, à toa, pelo corpo.

Com o último estoiro veio a calma...

Então verifiquei estar na presença de um grande boi mocho com geba de zebu...

O que eu me ri!

Nesse mesmo instante, «Capitia» surgiu da floresta empurrando um gentio de pele à cinta como vestimenta.

— Hás-de pagar, malandro... hás-de pagar mesmo... — berrava «Capitia», excitadíssimo. E, atirando-se-me aos pés, a abraçar-me as polainas, exclamou em altos brados:

— Patrão, mata mesmo «Capitia», mas «Capitia» não tem culpa. Não tem culpa, não, senhor. Tu és «homem forte», és mesmo Dumbo!

Só nesse momento saí do meu pasmo e pus-me de novo a rir às gargalhadas, não sei se de vergonha por ter tido tanto receio dum boi, se de alegria por estar vivo e com as costelas inteiras...

O negro ergueu-se meio desconfiado. Riu-se do meu bom humor mas, voltando-se para o gentio, com cara carrancuda, começou a «andaca»:

— Hás-de pagar mesmo! — e contava pelos dedos: — O susto do branco, o medo de ele me cortar a pele quando se viu perdido no teu mato, as balas que gastou com o teu boi enfeitigado, o capote sujo, a mala rota... Vê! Vê! Vamos discutir, porque isto não é forma de receber ninguém.

Estávamos perto do Canguerenga; o mísero que nos olhava com os olhos esgaseados era o próprio seculo da terra.

«Capitia» fez valer a nossa qualidade de hóspedes ofendidos e exigiu churrascos de galinha, cabaças com leite fresco, batata doce, mandioca, tudo quanto lhe veio à cabeça e ao apetite. Dormimos nos melhores chingues; serviram-nos boa chissangua. Quando partimos, um dia depois, levávamos dez bois comprados e

a nossa parte da carne da rês abatida que o seculo oferecera em nossa honra, e eu, com grande desgosto de «Capitia», mandara distribuir segundo as regras do protocolo indígena.

Também «Capitia» não levou a bem que desistisse da andaca litigante. Ele levantara-a arditosamente com mira na indemnização, demais que os próprios velhos haviam julgado a favor do seu pleito, com a concordância do chefe da terra. Para quê, pois, deixá-lo ficar mal?

A minha renúncia ao «pagamento» do seculo, além de ser um contra-senso — pensava ele — ficou-lhe sempre atravessada nas goelas. Disso tirou uma conclusão firme: jamais eu seria um bom funante.

O resto da viagem correu sem incidentes. A manada de garrotões cresceu a despeito da má impressão do meu companheiro.

O pior foi que «Capitia», em vez de se calar, todo o caminho falou das nossas aventuras com um boi enfeitado e da forma como ele tinha adquirido uma vaquinha. O seu reconhecimento não tinha fim. Eu não o maltratara, apesar de tudo; não quisera andaca nem lhe chamara cão e ainda por cima lhe dera aquela nema de presente, a quem já ele queria como aos olhos da cara.

Oh!... A imaginação de «Capitia», minha amiga! Ela só pode ser comparada à fêmea do escorpião, que desfaz os seus anéis em dezenas de vidas buliçosas. Criava histórias sobre histórias, as mais inverosímeis, as mais fantásticas!

Desta sorte, quando chegámos a casa, já de volta da nossa longa expedição, não fora um boi, mas sim muitos bois que nos tinham atacado, mandados pelo feitiço dos velhacos seculos, e também muitos búfalos à mistura. Coisa de terrível quimbandice...

Transformado em grande herói, fomos recebidos com batuques e fogueiras. O meu sócio abraçou-me comovido e fez subir um enorme balão, em minha honra. Pouco a pouco todo o nosso povo veio dar-me também os parabéns e, como eu me risse a bandeiras despregadas e negasse a pés juntos tal aventura ridícula, ninguém me quis acreditar.

Quem podia convencer aquela gente do contrário?

A volta de «Capitia» faziam-se grandes rodas. Ele piscava-me os olhos e começava a arengar ao povo quantas patranhas lhe vinham à cabeça.

Fiquei sendo «o homem forte», o «da cor do leão» ou Caidumbo. Ninguém me tratava por outro nome e até os brancos nossos vizinhos se habituaram a ele. À hora do pirão, com a barriga bem cheia, os homens vêem tudo bom e maravilhoso. Falavam sempre de mim...

— Caidumbo? Caidumbo?

— Você não sábi — dizia «Capitia» — leão bravo mas coração... bom mesmo! Ê virdádi! Bom mesmo!

E a cantilena nunca mais acabava. Cada qual contava à sua maneira a história de «Capitia».

O meu nome, assim martelado dia e noite à medida que a vaquinha ia crescendo, quando ela teve a primeira cria ganhou fama e maior prestígio entre os nativos. Os mais velhos da região vinham consultar o meu parecer; traziam-me o seu dinheiro antes do imposto para eu contar e conferir; entregavam mesmo à guarda do meu sócio as suas mulheres e as suas filhas para os trabalhos do campo, o que constituía pasmo para os demais europeus.

Tudo isto fez que o negócio corresse para as minhas lojas.

Os meus aviados reuniram pelo mato várias manadas como a primeira e centenas de porcos roliços; pude-

mos pagar as dívidas, amealhar alguma coisa e ser felizes.

Respirámos, enfim!

— E o seu sócio?... — perguntei.

Ah! O meu digno sócio! Conseguiu fazer o açude e plantou o maior bananal do distrito; abriu valas, semeou ginguba e algodão; fez viveiros gigantescos de sisal; traçou estradas e palmares; enfim... deu largas à sua fantasia.

Sem dúvida alguma, ficámos a dever a nossa felicidade, e ainda hoje a devemos, ao meu velho servidor.

Que fonte inesgotável de gratidão, minha amiga! Que grande filosofia! Por toda a parte, nas minhas muitas andanças do mato, seguiu-me fielmente como um cão e nunca disse mal de mim...

Sabe? Ninguém afirme levianamente: «eu não gosto daquela cara, nunca me engano nos meus juízos». Em geral, os factos desmentem tão ridícula asserção... «Capitia» tinha aquele jeito de rir... mas era bom.

— Porque tu, diz sempre, ensinaste-me — e eras uma criança! — a não fazer andacas. Deste-me aquela primeira vaca do meu sambo. E com ela, com os filhos dela e os netos dela arranjei quatro mulheres e sou seculo rico...

Agora, sempre que me encontra nesta vida de canseiras, tira o boné, sacode a cachimbeta na palma da mão e, numa linguagem meio bantu, meio portuguesa, declama:

— Oh, branco! Para que te matas com trabalho? Envenenas o teu coração e ninguém to agradece. Tudo é «chipurulo» nesta vida, branco! Olha, Caindumbo: Deus deu-te boa casa e boa roupa, mulher e filhos! comida não te falta, nem dinheiro, nem sambos cheios de bois, nem campos cheios de milho. Que mais queres?

Nada podem contra ti os feitiços grandes... Descansa na tua cubata e sê feliz como eu...

Era a hora da largada. Badaladas tristes chegavam até nós... depois os gritos dos homens... correndo para o armazém... O meu amigo ergueu-se... pegou nas rédeas... formou o salto e desapareceu pelos talhões de purgueira e sisal ao trote nervoso do seu cabo-verdiano.

— Até logo!

— Até logo!

E... fiquei a sonhar naquele mesmo sítio da varanda onde ouvira a sua voz, olhando a floresta, o rio em remansos, as plantações extensas...

Meu Deus! Meu Deus! «Capitia» está na razão — pensei. Tudo é «chipurulo» neste mundo! Oh... vã cobiça!...

MÃE E FILHO

Lua. Também duas sardinhas espalmadas e secas assam na brasa.

Tudo isto a preocupa imenso; os seus olhos, alagados como os dos bânmbis, correm de aqui e de ali poisando nas mais pequeninas coisas.

A cabaça estará cheia de água? A chissângua ferve? O cachimbo tem tabaco?

Sacode-o na palma da mão, enche-o até acima. Ela própria sorve uns goles de água e bochecha a boca, lavando em seguida a ponta dos dedos. Com a mesma lentidão vira a massa dura do maber e da batata sobre o gamelo de pau, põe-lhe em cima a abóbora arraçoada aos bocados e as sardinhas tisanadas.

Lá fora os homens conversam e riem. Ela ri também, feliz por sentir dentro da sua palhota o cheiro acre a capim novo fermentando, por ter um companheiro a quem ama, para quem trabalha e semeia o grão.

Esta ideia de sustentar o seu homem com a enxada nova e de suar por ele, toda dobrada para a terra ou de joelhos, virando as bipangas, tal e qual como fez a sua mãe, a sua avó, a mãe da sua avó, enche-a de resignação e até de orgulho.

— Mulher é assim! Mulher nasce para moleca.

Depois curva-se na pequena abertura do chingue e sai.

— Pronto!

Pousa o gamelo e as cabaças lá fora perto da fogueira e fica de pé, mãos na ilharga. É uma mulher desempenhada, de fartos seios tatuados presos por um cordel, com um rolo grosso de junco ao pescoço coberto de fios de cobre e amuletos. Examina com curiosidade a estranha criatura arribada à sua palhota.

— É Ganguela, pai?

E a um gesto negativo:

— «Camsequel», então?

O outro encolhe os ombros.

— É bicho do mato; só come gente no seu quimbo!

Bons pares de olhos agudos fixam-se na intrusa. Realmente, ninguém sabe dizer ao certo a raça a que pertence ou a cor que tem. Chega da escuridão como um fantasma e só as suas pupilas pequenas de mongol falam agarrando-se à comida. Toda ela é monstruosa e assexual, de maçãs salientes afuroando a pele.

— Esta só vem comer o que eu plantei!

A nativa lança um muxoxo ao canto da boca com todo o seu desprezo e puxa acima o pano azul floreado, traçando-o lentamente sobre o seio.

Sim, para que a queres tu? — e aponta os braços da mulher. — É ladrão, não serve para nada.

Mas o seculo pisca os olhos cheios de manha e ri-se, cofiando os ralos pêlos sarrentos ao canto da boca.

— Também a vaca com fome não dá leite!

A rapariga senta-se e estende as mãos para as chamas. Depois, calmamente, como se dentro do peito não sentisse o sangue a ferver em cachão, dá mil razões para que não fique.

— Ainda se fosse da nossa raça! Assim, pode trazer enguiço, fazer morrer as tuas vacas e tornar-me infecunda. E que será de ti, seculo, sem vacas e sem filhos? Todo o homem pode cuspinhar na tua frente, até o mais reles moleque!

E após uma pausa:

— Na minha cubata não dorme, a minha cubata nunca foi ninho de cadelas.

Chamar cadela a uma criatura é o maior insulto. O velho ouve-a com paciência, sem interromper nem contrariar. No seu íntimo pensa: «Chipurulo de mulheres!» — mas guarda para si o pensamento, porque a sua companheira mais nova tem goelas de elefante. Antes vencer que vencer! É preferível. Ele, seculo, já tem a

experiência e a ciência da vida; aprendeu à sua custa e sabe que uma mulher ciumenta é pior que uma onça... Portanto, começa o seu discurso com mil rodeios; fala do trabalho futuro, das derrubas, do chão duro, das ervas altas, do arimo cansado que é preciso abandonar, no milho que apodrece e na mandioca que enrija de mais se faltam os braços para a colheita.

— Pois não é? — pergunta, virando-se para os outros. — Já pensaste na viagem até ao «ferro»? Queres carregar tu sôzinha? E o senhor Jacaré, os ladrões, os feitiços do caminho à espreita no mato? Se tivesses uma moleca, compravas mais panos. Afinal... depois de gorda... será tua escrava, escrava dos teus filhos e dos filhos dos teus filhos... Nunca mais paga a dívida, nunca mais!

Espera um pouco pelo efeito das suas palavras; não quer andacas de raparigas. É a pior peste! E como a companheira não diz nada, ele também nada acrescenta. Tossica um pouco e puxa o pigarro para dar tempo a que ela pense.

Quando ergue os olhos do brasume, espreita de soslaio e dá logo com duas pupilas buliçosas que vêm ao seu encontro e o atravessam como o aço da azagaia trespassa a pele dos bâmbris.

— Então?

Ele finge que não liga; faz-se rogado e vira a cara para o lado. Mas no fundo, lá muito no fundo, vê paz e cobiça, e os pastores também aplaudem e batem palmas.

— Querem?

Vira-se para a mulher:

— Também queres?

E só momentos após, indiferente, desdenhoso, com largos gestos de condescendência, alarga o friso e oferece um lugar, naturalmente, como se faz a um irmão...

— Vamos!

Chega a acalmia, vai-se o amuo. À vez, todos ferram os dentes no isco e na abóbora, todos atiram mãozadas para a boca e riem, riem, aconchegando os corpos, desfranzindo as testas... E ela, a bárbara, pára de comer e acaricia com ambas as mãos os pés do seculo, o seu seculo, o seu pai, o seu senhor. Considera-se mais insignificante que o pó da sandália de malanca que ele usa; é a sandália dele mesmo, a formiga que ele pisa, o cão que ele enxota. Isto sente e, para provar que sente, atira o filho para o lado e endireita-se levando as mãos à cintura.

— Lé, lé, lé! Lé, lé, lé! — canta baixinho.

Fixa o seculo e mira os outros com as pupilas vagas e indecisas.

Imperceptivelmente, as suas mãos trémulas puxam a tanga. Fica nua, hirta... Mas, pouco a pouco, a estátua anima-se. Percorre-lhe o corpo certa crispação nervosa. As ancas ondulam suavemente, os seios empinam-se e estremeçam. Ao ritmo dos seus «Lé, lé, lé! Lé, lé, lé!» e das suas palmas frenéticas em surdina, todos os movimentos se cadenciam. Depois sobressai o ventre. Estremece aos sacões; os músculos alteiam-se e endurecem à volta do ponto fixo do umbigo, a entrada da vida.

Transformado em roda saliente, cuja pele mais flácida se agita e se move, prende os assistentes em assombro. Também batem palmas e cantam. Ondulações, espasmódicas primeiro, contínuas logo a seguir e aceleradas por fim, parecem agitar esse mar palpitante. As vagas sucedem-se quebram-se, espraíam-se.

— Lé, lé, lé! Lé, lé, lé!

E a negra sorri, com os lábios rubros entreabertos, os olhos semicerrados.

As ancas, essas mantêm a ondulação inicial e têm agora naquele conjunto o sentido da sensualidade acordada que suspende a respiração e prende os olhares na contracção única da carne voluptuosa.

Todavia, ela mantêm o resto do corpo firme e parado. As suas mãos esguias e ossudas subiram à nuca, quebrando os braços numa posição hierática de sacerdotisa ante o deus pagão do mistério gestatório.

As palmas aceleram-se até ao paroxismo. Os «Lé, lé, lé! Lé, lé, lé!» são gritos abafados de ternura e lamentos de dor. Mal se percebe a cadência do compasso; aumentam os espasmos, atingem o auge.

Ela quer realçar o segredo da fecundação naquela dança estranha. Quer obrigar os outros a pensar na força hipnótica dos sentidos que o cérebro domina.

— Lé, lé, lé! Lé, lé, lé! Lé, lé, lé!

Coberta de suor, pára, volta a ser humilde, senta-se ao lado da outra.

— A noite fez-nos presente dela! — diz o velho.

Domina-os a todos o mesmo encantamento, a mesma fascinação das brasas. De pernas escanchadas, o calor chapado na cara e no ventre até se entranhar bem nas vísceras, esquecem tudo, os maiores empecilhos da vida...

São pastores.

Quando o Sol se ergue e afugenta as relas perigosas, muge as vacas e abalam mato dentro. — Brr! Brr! — e enquanto caminham enxotam as nemas e mastigam lucango. A felicidade do quimbo está naquela manada luzidia, toda mergulhada nos capinzais das baixas ou espontando folhinhas tenras dos arbustos na orla da floresta. — Eh! Onça! Eh! Bâmbi! — E eles aí vão, pára aqui, pára ali, com o pau lançado à frente, o sol ardendo nas pupilas...

— Boa terra, a nossa terra! — E o velho aponta a linha negra das copas. A sua voz pausada evoca outros tempos de grandiosas guerrilhas, de caçadas ao búfalo, noites como aquela, quando ele era mais novo e o seu quimbo regurgitava de gente para o batuque...

— Ah! Cuenje, já não volta mais o bom tempo antigo! Não volta mais!

No céu, porém, cintilam os mesmos astros de maravilha. As chamas bruxuleiam em volta dos troncos enca-begados, erguem-se e lambem o ar e a cada pé-de-vento há sombras que tremem e se alongam cheias de mistério, há traços rubros nas faces de ébano, beiçorras que gritam, pupilas que se incendeiam.

— Dás fumo?

O cachimbo vai de mão em mão, de boca em boca, e os lábios chupam gulosamente, a largos haustos...

— «Chiuá muéne!» — dizem. Bom mesmo!

Por ali fica a gentia, luas sem conta. Feita escrava dos outros, mal o sol aquece e bate no quimbo, a sua cubata já fumeja.

— Escravo não tem descanso! — exclama, humilde.

Varre primeiro a cubata com a sua vassourinha de capim fino atado ao meio. Em seguida prepara as rações dos pastores; punhados de milho nas patronhas, batata doce assada, com fartura, numa sacola de bâmbi novo; mói também tabaco entre os dedos, que ela despega da torcida enrolada numa grande roda chata, e mete-o depois nas tabaqueiras compridas de tacula artisticamente trabalhadas. Em seguida ajeita o filho às costas e vai buscar as cabaças do leite.

— Queres maçambala, mãe? — gritam os pastores, rindo por trás do cercado.

Ela não responde — «moleca é assim, até o mabeco, quando anda só, lhe morde os calcanhares». Pega nas

vasilhas, uma à cabeça, outra na ilharga, como se não tivesse ouvido o escárnio.

No seu íntimo odeia-os. Sim, odeia-os. Cospe uma, duas, três, quatro vezes, tantas até que a boca se lhe seca. «Cães, que andam agarrados ao rabo da vaca, que comem a carraça da sua vaca, que cobrem o corpo com a bosta da sua vaca!».

— É da maçambala a minha terra? — grita para o sambo. «Mas é a minha terra!».

Novamente cospe para o chão num gesto de íntimo desprezo. Fica-se a olhar o nascente, extasiada diante do Sol, como os animais bravios quando sentem na pele o esplendor de um dia bom.

De volta, pendura as cabaças; o fogo espera-a dentro da palhota, e para lá se encaminha com o filhote.

Por causa daquele menino nu e barrigudo está empenhada. Sim, ela empenhou-se ao seculo porque o filho ainda vive do seu corpo, como a semente da árvore. Na véspera vira uma das porcas do quimbo, brava como os ongurubis, deitar-se no chão, esbarrondada. Os bacorinhos puxavam-lhe as tetas viradas ao alto e ela grunhia baixinho; nem se mexia para os não magoar...

Não defende a onça os seus filhos?

Tudo isto sente, sem mesmo dar conta, com o seu instinto de mulher e aperta o pequeno contra o ventre, entregando-lhe o seio à vontade. Como se ele fosse o mais bonito de todo aquele mato, sorri, os seus olhos piscos riem, a sua face fechada e carrancuda ri. Parece-lhe que o leite das suas veias, correndo para a boca disforme do garoto, a enche até transbordar de uma alegria voluptuosa. Unta-o com o resto de ungunði, amarra-lhe um cordelzinho ao pescoço e outro sobre o umbigo, contra a inveja. Depois põe-se a mastigar um pedaço de pirão frio da véspera e cola os seus beijos aos beijos da criança.

Quando dá por ela, já o Sol vai alto. Amarra-o, então, outra vez sobre os rins, com os braços de fora por causa do calor e de forma que o corpo fique bem direito e amparado. Vai grande azáfama no quimbo. Cá de cima ela vê cirandar vultos de um lado para o outro, chegam de lá vozes alegres de canemas, assobios de quem parte para a faina mato dentro... E, mais ao fundo, perto do rio, duas ou três mulheres estatelam ao sol ouricinhos de rícino; sobem em seguida aos cocurutos das rochas, onde gerações e gerações também já pisaram o milho grelado e afundaram as poças redondas do granito.

Põe-se a cantar com elas e senta-se diante das cabaças. Não tarda a companheira bamboleando os quadris.

— Mulher livre dorme quanto quer! — diz-lhe a selvagem. A outra encolhe os ombros e senta-se-lhe na frente, pés com pés.

— Eu sou muanha!

Mas já pelo ar vem a cabaça. Espalma as mãos e atira-a com novo impulso para o outro lado. Durante mais de quarto de céu, as vasilhas vão e vêm ininterruptamente, os corpos dobram-se e endireitam-se num ritmo certo. Ao fim olham para as árvores, medem a altura do Sol.

— Pronto, deve estar! — E enquanto a do quimbo tira a gordura — o ungunði —, a moleca, sempre com o pequeno às costas, pega na quinda grande, mete-lhe dentro a enxada e a ração e abala para o arimo. Lá, põe-se à vontade, quase nua. Em cima dos farrapos deita a criança e aconchega-a. Abriga a comida dos ardores do sol, ajoelha-se a meio da clareira, segurando com ambas as mãos a pequena enxada gentílica, e cava, cava, palmo a palmo, pé a pé.

Endireita-se a cada passo e olha para o filho.

— «Ômôna iângué!». O meu filho!

Diz aquelas palavras com orgulho, o orgulho de ser fecunda como as outras mulheres e de ter leite, como as vacas, para criar uma vida. Sempre vigilante e atenta nas mais leves ondulações do capinzal, aguça os ouvidos, não vá o quissonde atacá-lo ou a cobra cuspi-lo.

Aquele menino!

É feio como ela, da cor da nocha, com a carapinha rala e vermelhusca das unturas da hula, mas para o seu coração não há outro igual. Já a escorrer em suor, porque choraminga, amarra-o novamente sobre os rins e continua o trabalho.

— Cava! Cava, moleca!

A sua voz pergunta ao vento quanto dura a escravidão; pergunta às ervas, aos troncos, ao pó que anda no ar e foge rodopiando... E as luas passam assim... luas sobre luas...

Um dia, a criança começa a ajudá-la.

— Vamos, pega na enxada!

Ao lado um do outro, trabalham. O pequeno, com a sua ferramenta quase no olho, corta as ervas de volta dos pés nascidos e arrasta bissapas para as margens.

— Planta agora batata, cuenje! Assim!

Espeta ramos verdes na crista dos camalhões, primeiro um renque por cima, depois outro de cada lado, cruzados.

— Vai agora à frente e estende os grãos! — Ela segue-o e rapa a terra cobrindo as sementes.

Como eles riem na volta!

— Quando colhermos o milho, o meu seculo dá-te um colete!

— Um colete?

— Sim, um colete, um bom colete de fazenda!

Outras luas correm. Já pelo chão se estendem braços tenros com grandes taças amarelas; vagens rompem aos magotes da folhagem e as barbas louras das espigas

embonecadas brilham cheias de seiva. Mãe e filho passam os dias embevecidos no arimo. Às vezes dormem lá, escondidos por trás da enorme sebe embandeirada.

— Ah! Pai! — diz ao seculo, uma tarde em que ele aparece calculando as puas. — Esta é a maior lavra, a mais bonita lavra da tua gente. Quero um colete para o filho e panos novos para mim. Ouviste?

E vendo-o bem disposto:

— Quero, sim! Trabalhei muito!

Cala-se à espera da promessa, mas o velho tem mais manha que um chacal.

— Então tu, seculo, não dás o colete? E os panos? Não dás, seculo?

— Ainda pode vir a seca!

— A seca! — Atira-se ao chão, chora, acaricia-lhe os pés humildemente...

— Minha sandália! Minha sandália! Eu sou a tua escrava, sou a tua mulher. Dei-te o suor do meu corpo e agora qual é a recompensa?

Felizmente, a chuva cai todos os dias e rega as plantações. Estão maduros os frutos, começam as colheitas.

Será de propósito que ela passa pelas outras cubatas dando uma grande volta?

Orgulhosa como uma Ceres carregada de messes, leva uma abóbora cor de oiro contra o peito, raízes de mandioca atadas em feixe e, à cabeça, uma quinda monstruosa de espigas e frutos.

Atrás, o garoto, espigadote, ostenta na seta três papa-milhos amarelinhos e tufados.

Rodeiam-nos com curiosidade. Ela defende-se da cobiça.

— É tudo meu! Não foi roubado nos vossos arimos. Tudo meu, ouviram?

Agressiva e dura, com um muxoxo ao canto da boca, segue direita à sua palhota.

Cortam-lhe o caminho.

— Dá cá isso, anda! Isso é meu, a terra é minha!

Tem na frente a companheira; olha-a com ódio. E, como lhe vira as costas, desdenhosa, a outra deita as mãos ao carrego.

— Paga a dívida, moleca! Paga a dívida primeiro!

Ao ver o seu tesoiro espalhado no chão, as beíçorras tremem-lhe. Já não é a mesma ovelha mansa, que implora.

— Ainda queres mais, hem! Grande bêbada. Queres comer o meu feijão e beber o meu milho sem trabalhar?

Cresce como uma leoa para a rival; agarra-a, vira-a de costas, rasga-lhe os panos, põe-na nua.

— Assim! Assim! Toma! Toma!

E com uma força bruta domina-lhe o corpo, arranha-a no ventre, nas coxas, nas nádegas, até enterrar bem as unhas. À vista do sangue transforma-se em fera. Quer marcar a companheira bem marcada, crava-lhe os dentes na face.

— Ah! Bêbada! Grande bêbada!

Antes que as outras reajam, espezinha tudo, os tomates, os quiabos, o tabaco, o milho, a abóbora. Atira-lhe com os pedaços ao peito e à cara, cheia de raiva, vomita um chorrilho de insultos. Depois foge, gritando como possessa.

— Sois todos uns bêbados, sois todos uns cães!

Pela madrugada volta à palhota quase de rastos.

— Cuenje, dormes? — chama baixinho.

O garoto ergue-se estremunhado.

— Moleca é assim, moleca é pior que cão. Não vale a pena repontar, cuenje!

Chora de mansinho, sentada no escuro, os seus olhos brilham como lumes.

— Cuenje, se eu estivesse no meu quimbo passava fome, mas era livre.

— Ouves, cuenje? Era livre! Livre!

Segue despreendida os movimentos do garoto a cirandar em volta da chama, soprando os cavacos. Habitou-se a vê-lo agir por conta própria.

— A mãe é escrava do filho, mas se o filho larga do seu peito e pode trabalhar, a mãe perde o seu filho.

Chama-o para mais perto.

— Quando uma semente está madura, o que acontece?

O rapaz fixa-a espantado.

— Não sabes?... Cai para o chão e nasce outra árvore... Tu és a semente madura, já me não pertences. O teu senhor é o teu seculo, deves obedecer ao seculo, ser escravo do seculo. Foi ele que te criou.

A criança não percebe, mas sente que alguma coisa de grave se está passando. Enrosca-se ali mesmo na manta, perto da fogueira, e chora.

— «Mamãe iângué!». Minha mãe!

Ela fica indiferente, com os olhos pregados nas sombras. A linha negra do mato está cheia de vozes e parece que a chamam; vem de lá um canto estranho...

Enche o cachimbo lentamente, cospe uma, duas, três, quatro vezes... Depois rasteja de novo para a paliçada do quimbo e cola-se aos paus. Já perto da saída levanta-se muito hirta; torna a cuspir em todas as direcções, com a boca franzida, os braços erguidos...

— Bêbados! Bêbados!

E, como veio, assim desaparece, silenciosamente, misteriosamente... Nunca ninguém soube quem era, como se chamava ao certo, de onde tinha vindo, qual o caminho que tomou...

A VELHA DO AÇUDE

*À memória do grande colono
Valentim Pires Leiro*

— Eu não sou crendeiro... mas um pouco de superstição toda a gente sente, lá isso... e ninguém foge a ela, ainda que negue, ainda que proteste... E você, com a sua prosápia, diga lá sinceramente: nunca em sua vida sentiu nascer do fundo do coração um arrepio por coincidências inexplicáveis? Nunca? Nunca teve de cerrar os dentes e retesar os músculos para que o passo se não alongasse a fugir de uma sensação desagradável?

— ?!

— Ora aí está... É por isso mesmo que não gosto de passar o açude e de vasculhar o mato bravo. Afinal, nada há de comparável a isto, a esta paisagem ridente, harmoniosa e arrumadinha das nossas fazendas.

Então levantei os olhos da água cachoante para os alongar, vale acima, através desse pórtico maravilhoso em que a arte da Natureza, talhada a pique, e o engenho e a inteligência de um homem se tinham aliado num prodígio. Adivinhava para além dessa barragem formidável um mundo novo que não tinha estradas, nem pontes, nem açudes, nem cavalos, nem carros, nem fábricas de açúcar ou plantações geométricas. Tudo vinha assim ao Deus dará, espontâneo: fetos e sarças misturados com gramas e canaviais, para mais adiante se

abrirem folhas maravilhosas de bananeiras, palmeiras em leques gigantes, com parasitas, com trepadeiras, num assombro de graça e força, alastrando seus pingos vivos, suas nódoas claras e berrantes, moita contra moita. E ainda uma não estava formada, já outra abria os braços para cima daquela, estendendo-se num guarda-sol frondoso, os dedos espalmados crivadinhos de pedrarias.

— E se nós lá fôssemos ver a feiticeira?

O meu velho amigo mediu-me espantado.

— Valha-a Deus! Parece uma criança! Que lhe importa a si, mulher civilizada e culta, uma outra, selvagem, imunda e repugnante? Pois não acha? Olhe, deve ser a criatura mais feliz deste Mundo...

— Julga isso? — perguntei. — Então assim sòzinha, sem filho nem filha, parente ou animal com quem falar, com quem berrar, a quem bater... Não acredito. Porque as almas até das suas exteriorizações impulsivas e brutais necessitam para serem felizes. Olhe o seu açude, aqui debaixo dos nossos pés, cheio de raiva e movimento, rolando, batendo, espumando, não é mais bonito que o rio sereno e igual perdendo-se nas margens cultivadas? Como pode ser boa a vida se não tiver contrastes, se não tiver lutas e desesperos? Todo o homem, ainda o mais selvagem, nasce para a comunidade...

Novo silêncio interrompeu a palestra e cada qual mergulhou nos seus pensamentos, dando largas à fantasia. Depois, ao som dos martelos que rebitavam os cravos da ponte, dos cachões em tumulto, dos homens que partiam cascalho, amassavam cimento e gritavam ordens, ele desfiou uma história, a grande tragédia ali ocorrida.

Fora num domingo. Três rapazes alegres subiram o rio em grande folgança. Eram seus empregados e muito cumpridores. Um, mesmo, viera há pouco da Metrópole

e andava tristonho com saudades da mãe e da noiva. Fazia projectos de casamento para breve. Dias antes pediram-lhe licença para levar um batelão rio acima. Que havia de fazer, não é? Eles eram novos e mais valia darem o passeio do que meterem-se nas sanzalas ou na batota. Pois, antes tivessem jogado! Tinha sido melhor... Por lá andaram todo o dia na exploração da selva. Do que se passou, ninguém soube, porque a canoa, impelida pela corrente, galgara o açude, despenhara-se por ali abaixo aos rebolcos, e os moços desapareceram para sempre, tragados pelo abismo na força da vida...

Um horror!

— Bem, mas... e a velha que tem com isso? Nada.

— Nada? Sabe lá você?!

— !?!

Não pude deixar de sorrir ao ver na minha frente aquele homem de cabelos brancos, curtido em todas as agruras do mato, espírito superior pela inteligência, habituado a vencer, forte, enérgico, com seu génio criador e a sua franqueza rude e, no entanto, subjugado por aquela pontinha de superstição...

Ele não gostou. Todo o caminho, na volta para a vila, quando a noite caía bruscamente e as muares vinham a passo com as rédeas soltas, foi contando... contando... coisas espantosas, grandezas de outras eras, do tempo em que a borracha esticava e os tesoiros eram carregados por levadas e levadas de negros. Gente heróica palmilhava o sertão, acalentando sonhos logo desfeitos pela rudeza do mato...

«Eu ainda sou dos anos em que as fábricas destilavam a aguardente, moíam dendém e partiam coconote. Agora é como se vê, tudo a monte... Só eu e outro é que fabricamos açúcar... Até quando? Deus sabe! E faz pena, faz, sim, senhor, ter vontade de trabalhar, de

fazer progredir uma terra a que sacrificamos o nosso esforço e a nossa vida e não poder...

Noutros tempos, aí antes de 18... um fazendeiro que quisesse arranjar pessoal... só comprando-o. Regulava o custo de cada homem 100 mil réis... Fora o resto...

Não digo que muitos não cometessem abusos, mas compreende que o moleque era um empate grande de capital; uma epidemia, um desastre, e a criatura ficava arruinada para sempre, nunca mais levantava cabeça... Portanto, o senhor cuidava da saúde do escravo mais que da própria; alimentava-o bem, vestia-o, gastava rios de dinheiro com ele. Agora a mão-de-obra é mais fácil e mais barata; tudo se simplificou...

Fiquei espantada, a olhar para o meu amigo. Ele sorriu-se.

A mentalidade de hoje já não compreende as leis desse tempo... Leis que eram imperiosa necessidade da época e do meio. Mas é preciso ver que o colono branco, por muito rude e por muito mau que fosse, sempre seria mais humano que os sobas movendo impérios de escravos e sacrificando milhares de vidas aos seus caprichos.

Não?

Mas seja como for, o caso é que, quando veio a lei para soltar os escravos, as portas se abriram de par em par e os senhores ergueram os braços e apontaram para o horizonte, clamando: «Ide, sois livres!».

E que sucedeu?

O que acontece quando abrimos a gaiola a um pássaro. Parte como uma seta e depois, muitas vezes, volta para a sua gaiola.

Os velhos não quiseram ir. Agarraram-se a chorar.

Se ali é que eles tinham ganho raízes e as suas afeições estavam incrustadas! Que haviam de fazer por esse mato bravo, sem família, sem arrimo de ninguém, trôpegos e fracos? Mas, no primeiro arranco, para os mais

novos aquilo foi mesmo uma alegria; pareciam toiros no seu tumultuar venturoso. Saciaram o peito de liberdade e a alma de vadiagem. Porém, acalmado o ímpeto, surgiram dificuldades e falta de recursos. Muitos deles por aí vieram bater à porta do mesmo dono, metendo o pescoço debaixo da canga, humildes e agradecidos pelo trabalho assegurado... Só poucos subiram o rio e se instalaram em plena floresta. Ainda o açude não estava em projecto nem eu tinha chegado a África.

— E a velha?

— A velha? Pergunte por aí. Toda a gente dará notícias dela.

Soube então, até aos mais pequenos pormenores, pelos mais velhos negros da fazenda, a sua história.

Aquelas palmeiras acima do açude abrigaram, pouco a pouco, palhotas de gente farta e feliz. Os milharais, a maçambala, mandioca, aboboreiras sugavam nas areias e nos lodos seivas gordurosas; desabrochavam os frutos quase espontaneamente: a bananeira, o ananás, o mamão, a anona... Era só colher, só comer, raízes de mandioca maiores que as coxas de um homem, batatas do tamanho de cabaças, tal e qual como se ali, em vez de águia planando nas alturas, riscasse o céu uma ave simbólica do paraíso.

À sombra generosa, outros braços ergueram novos ninhos, outras almas uniram os seus afectos. E assim, cumprindo a lei da Natureza e de Deus, como as aves nos copados e a fera no seu fojo, o povo cresceu e multiplicou-se. Se a fome apertava, os homens desciam a margem e procuravam serviço nas fazendas dos senhores; se o ano era de fartura, alimentavam-se com os produtos da terra, bebiam mel e marujo. Nunca houvera gente mais alegre e pacífica. A fartura faz os homens bons.

Mas um dia a feiticeira veio não se sabe de onde e instalou-se ali...

Ao tempo, ela era uma moça forte e valente do quimbo de Caparandanga e muito desembaraçada.

Dizia-se que a mãe viera de longe e a dera à luz em pleno mato, como uma chacal. Por isso tinha tanta força. Chamava-se Sucuri.

Sòzinha, semeava mais areais durante a seca pelas beiras do rio e mais arimbos nos altos, pelas chuvas, do que seis raparigas do seu quimbo todas juntas.

Podia fazer a felicidade de qualquer homem.

Ora, justamente por essa época, andava um rapaz da outra margem à caça por ali. Chamava-se Chitongo e era filho da irmã mais velha do chefe que mandava em todo o vale, portanto herdeiro do seu sobado.

O moço viu a rapariga e quis falar-lhe; mas ela fugiu assustada como gazela.

Foi então uma correria pelo matagal. Forte e ágil, Chitongo em breve a alcançou, segurando-a pelos pulsos contra uma palmeira. Mirou-a dos pés à cabeça.

Tinha na sua frente uma bela mulher, alta e forte, de braços bem torneados, olhos brilhantes e seios erguidos.

Suas narinas dilataram-se, o olhar disse da vida que lhe estuava no peito a arfar...

— Como te chamas?

— Sucuri... E tu quem és?

Sentiu os braços presos por dois anéis de ferro e fixou-o atemorizada.

— Deixa-me!

As pernas tremiam-lhe; começou a chorar, cheia de raiva.

O rapaz largou-a e falou-lhe ao coração. Estivesse descansada; não lhe faria mal algum, embora ela fosse

a onça e ele o bândi... mas, se gostasse dele faria uma cubata nova para os dois, do lado de lá do rio, e entregaria um arimo na terra farta e negra da margem... Haviam de ser felizes...

— Queres?

Quando Sucuri, saída do seu enleio, ergueu a cabeça para responder a Chitongo, já este ia longe, floresta dentro, receoso de alguma andaca, pois o soba daquela terra era inimigo do seu tio, muito interessado e tudo lhe servindo para atamar.

Porém, e seguindo o uso tribal, foi procurar o seculo da libata e, sentado à fogueira dentro do jango, falou uma noite quase inteira para convencer o velho rábula a dar-lhe a rapariga.

Disse-lhe quem era, quantos bois tinha e o que devia herdar — o que ele não ignorava, de resto, embora o fingisse. Gostava da moça e pagaria bem.

Seria a sua primeira mulher, a senhora do seu quimbo.

O negócio era complicado por se tratar do sobrinho do soba e seu herdeiro.

Todavia, depois de muita discussão, chegaram a acordo. Chitongo conseguira bom advogado.

Tudo foi combinado até aos pormenores: o dia, logo depois da lua nova; os presentes, constituídos por bois para os parentes grandes; panos, uma farda de chefe branco (de general), bebidas e muito mais coisas menores que os conselheiros e ajudantes seleccionaram com grande cuidado e a maior precisão.

Sem que os presentes fossem todos entregues, verificados e examinados pela parentela; sem que as pragmáticas se encontrassem finalmente cumpridas, o casamento não seria válido e, além da indemnização, o seculo reservava-se o direito de ir buscar outra vez a mulher para o seu clã.

Sucuri foi passar largo tempo à cubata nova, na outra margem, a ver se se entenderia bem com o futuro companheiro.

Veio o feiticeiro grande e fez o «onjonrére», para obter a simpatia geral do quimbo. Depois seguiu-se o «encunso» — o feitiço do amor — e, por último, o quimbanda pôs ao redor da cintura de Sucuri o «oncombi». Com este cinto cheio de ervas especiais ela encontrarse-ia a coberto dos cazumbis que o ciúme das outras lhe lançasse.

E só depois iniciou o «ócuricondéca», noivado experimental.

Passados que foram oito dias, Chitongo perguntou à noiva se estava contente com os presentes de panos, as pulseiras, colares e brincos comprados nas lojas dos brancos e se o que tinha distribuído à farta por todos que a haviam acompanhado satisfizera; mais, se ela própria se sentia feliz.

Queria também saber se ela desejava ficar para sempre, porque era preciso preparar o batuque e convidar vizinhos, amigos e parentes.

A noiva, ainda com a chiquela dos cerimoniais na cara, acenou-lhe com a cabeça que sim; seus olhos brilharam de felicidade e não falou mais nada.

As companheiras coube a missão de a preparar para ser mulher; disseram-lhe dos encargos e deveres da mãe, que deveria ser fecunda acima de tudo, para ser honrada e respeitada por toda a tribo.

— Mulher sem filhos é como vaca maninha...

Enfeitaram-na com colares de gimbo e sonde-iômbua; untaram-lhe as trancinhas do cabelo com óleo de palma, esfregaram-lhe o corpo com hula. E ela saiu desta *toilette* toda reluzente de óleo e com o corpo de cor avermelhada pelo pó da tacula.

Então, logo Chitongo mandou que se fabricasse chimbombo sem conta. Ordenou a matança das primeiras reses: porcos, bois, cabritos, e as puitas e os chin-gufos atroaram o mato a chamarem o povo para o grande festim.

Durante muitos dias, durante muitas noites, o batuque decorreu sem descanso. As marimbas não cessavam de bimbilhar; novos, adolescentes, anciães, toda a gente animava a dança ininterrupta dum povo que festejava o enlace do seu chefe.

Chitongo e Sucuri amaram-se e foram felizes.

A vida correu-lhes fagueira largo tempo.

No fim das chuvas colhiam montes e montes de maçarocas; durante a seca, montes de cará.

Ele caçava e pescava.

Dendém era só colher no mato; as frutas eram tantas que apodreciam pelo chão.

Sucuri trazia tudo varrido e limpo na sua cubata; o seu homem bem tratado e contente.

Só ansiava por um filho.

Não sabia rezar, porque era selvagem, é claro; nunca a palavra de Deus ali chegara por intermédio dos missionários.

Contudo, sabia que havia um Deus Senhor da terra, do mar e do céu, a quem os homens e as mulheres pediam auxílio e refúgio.

E, ao pé da cubata nova, ambos construíram uma cubatinha pequenina aonde todas as manhãs e todas as tardes Sucuri levava um bocado de pirão e infunje para aplacar os cazumbis, as almas errantes do outro mundo que lhe quisessem fazer mal. Também o sangue dos cabritos e das galinhas ou do porco que comiam durante o ano era enterrado à porta da palhota.

Que havia almas tinha ela a certeza, e que essas

almas eram castigadas por um ser superior — o «Suco» — também não duvidava.

Mas quem era esse Deus supremo e todo-poderoso que dava a vida e a morte ao homem, aos bichos e as plantas? Fazia crescer o milho e a palmeira, mesmo sem que os semeassem, e mandava do céu as chuvas, o calor e o vento?

Não sabia, tinha medo desse Deus.

As suas preces simples de pagã não foram ouvidas pelo «Suco», e o filho que ela com tanta alegria e com tantos cuidados trazia no ventre nasceu morto.

Foi um falatório por toda a região. A notícia correu célere, de boca em boca e de quimbo em quimbo, chegou mesmo aos ouvidos do grande senhor, o soba.

Este mandou chamar o sobrinho e ordenou-lhe, à frente dos seus macotas: — Repudia a mulher!

— Não repudio — respondeu o rapaz, sem pestanejar.

— Pois se não repudias, ao terceiro filho que nascer morto perdes o meu trono e as minhas riquezas. Devias ter casado com uma mulher da tua tribo.

Tinha falado o soba.

Chitongo voltou para o seu quimbo, triste e acabrunhado.

Que fazer?

Logo os velhos seculos, conselheiros muito respeitados e muito queridos e ouvidos em questões difíceis da sua gente, insistiram para que viesse o maior quimbanda do interior do Seles para curar a doença e o maior feiticeiro para livrar a terra de desgraças.

Assim se fez; veio o quimbanda e o feiticeiro.

Durante uma semana não se calaram os tambores e as puitas; nem se apagaram as fogueiras. Houve batuques fantásticos, bois mortos, porcos, cabras, e com o seu sangue ainda quente e à luz do luar fez-se um cír-

culo em volta da cubata grande e da cubata pequenina enfeitçada.

Os brancos da vila julgaram ter chegado a sua última hora e correram para os batelões da praia assegurando a retirada das mulheres e das crianças. Mandaram também emissários ao soba.

Que não. Era um grande feitiço que andava na terra, os feiticeiros estavam a cortá-lo. Não tivessem medo os brancos...

Sucuri, depois de tanto chocalhar aos seus ouvidos, de tanto berro, cantoria e beberagens amargas como fel, ficou exausta e quase sem fala. Parecia hipnotizada, hirta, olhos de doida. O seu homem, porém, estava radiante e cheio de esperanças. Ficara pobre, mas rico de fé no futuro.

De novo recomeçaram vida e não lhes correram mal as luas. Ao fim de quinze, marcadas num pau fino de tacula, mesmo quando ela atravessava o rio para o lado de lá em busca de um refúgio com paz e sossego perto da mãe, vieram-lhe pela segunda vez as dores de parto.

O filho nasceu ali mesmo dentro da água e também vinha morto. Então, o espanto e o medo aumentaram.

Que crimes pesariam sobre a mulher para que nem aquele célebre feiticeiro, nem os bois, nem as cabras e os porcos mortos tivessem apaziguado os espíritos maus errantes?

Sucuri era uma mulher maldita.

A pobre berrava aos quatro ventos que não tinha culpa, que o seu coração estava mais limpo que a água do rio no tempo da seca. As raparigas da terra é que tinham inveja dela. Cobiçavam-lhe o homem, o seu dinheiro e a sua força.

Grandes questões se levantaram entre os quimbos de uma margem e os quimbos da outra. Odiavam-se os homens porque as mulheres se odiavam.

O pior castigo que o «Suco» pode mandar a uma rapariga é não ser fecunda — morre de vergonha.

Mas ser fecunda, criar os filhos no seu ventre e nascerem-lhe todos mortos não pode deixar de ser um grande feitiço dos homens maus.

E como vencê-lo?

Como saber quem era o criminoso ou as criminosas que assim a tolhiam para fazer contrafeitiço, se aquele grande adivinho não tivera força para isso?

Outros perguntavam:

— Não será ela própria uma feiticeira?

E começaram a olhar para Sucuri de revés.

As outras mulheres, mães de dois, três e quatro filhos, quando passavam à frente da sua cubata, viravam a cara para o lado e punham a mão direita sobre os amuletos que traziam ao pescoço. Ou então, se criavam o primeiro filho ao peito, iam dar grandes voltas para a não verem. Até as rapariguinhas impúberes, de seios a apontar, magras e ágeis, fugiam como lebres, numa grande restolhada, mal a avistavam ao longe.

Sucuri chorou, desolada. Enroscou-se sobre a esteira dias seguidos, quase sem comer nem beber. Depois enfiou-se; berrava de noite como uma possessa.

— Que culpa tenho eu se me querem mal as invejosas? Vocês é que são umas malditas. Que a vossa maldição vos caia em cima!...

Mas, ao terceiro filho que nasceu morto, ninguém mais lhe falou, nem lhe estendeu uma cuia de água ou de matete para matar a sede e a fome durante a doença.

Só o seu homem a tratava com a mesma paciência e o mesmo carinho, embora triste e acabrunhado por tão grande desgraça, por já não ter bois, nem porcos, nem cabras para dar aos feiticeiros insaciáveis.

O soba renegou-o e passou os direitos para seu irmão mais novo.

Ele é que não renegou Sucuri. Amava-a mais que à luz dos seus olhos.

E, nas noites luarentas, acocorava-se à porta da cubata a cismar... Tocava quissange. As notas tristes espalhavam-se pelo mato como gemidos. Depois calavam-se e ele ali ficava como um sonâmbulo, a emagrecer, a dormir... E, por fim, morreu.

Sucuri chorou o homem oito dias seguidos, embrulhada no seu cambriquite e nas suas roupas; sofreu muito, emagreceu mais, mas resistiu... Quando saiu da cubata parecia outra. Só tinha olhos, pele e ossos.

Dizia-se baixinho que embruxara o homem e o matara com filtros para que não gostasse das outras. Era uma invejosa.

Tinham-lhe medo e asco.

Uma tarde, Sucuri vinha da lavra, cansada e envelhecida. Encontrou no seu caminho uma companheira de infância que arranjara homem e palhota nova há pouco tempo.

Quis falar-lhe e saber se era feliz a sua irmã. Ela, porém, encarou-a assombrada e desatou a correr e a berrar como se tivesse visto coisa ruim.

— Não — disse às do quimbo —, na minha cubata não entra aquela feiticeira!

Sucuri, com toda a paciência e resignação, foi ao lado de lá e, num sítio solitário mais alto, de onde se podia avistar todo o vale, levantou nova cubata grande e nova cubata pequenina.

Pôs-lhe logo dentro pirão e infunje...

Não queria saber nem da família nem dos companheiros da margem onde vivera. Desprezava-os, tinha-lhes ódio e a sua vontade era cuspir a todos na cara.

Que lhe pesava na consciência? Nada!

Quando foi pelas poucas coisas que possuía e viu

que ninguém se abeirava dela na despedida, atirou-lhes à cara as suas maldades e as suas patifarias.

Pegou num bocado de capim a arder e lançou fogo às palhotas onde vivera aqueles anos desgraçados, com o seu companheiro. Depois, calmamente, proferiu a maldição sobre as mulheres.

— Sim, malditas sejais, malditas entre as malditas, e que as almas ruins deste mato vos caiam em cima da cabeça!

Já de noite, lá do alto, repetiu o anátema em altos berros, sibilando bem as palavras de ponta a ponta do vale, cheio de terror.

Tudo começou a correr mal... Não havia flagelo que não atormentasse os povos, praga sua que não caísse na terra. Ele eram feitiços de toda a ordem, gente embruxada, crianças mortas à nascença, animais esqueléticos, as plantações devoradas pelos gafanhotos ou pelas lagartas, ou então, mal nasciam, comidas pelos pássaros e pela seca, uma seca implacável que queimou até as árvores.

El metia pena, contavam os antigos, ver assim desaparecer vidas e haveres. Mas, mais do que isso, uma peste mortífera acabou por ceifar quase toda a gente. A uns dava-lhes para comer muito e morriam, com a boca atafalhada de feijão; outros dormiam em pé; outros iam a andar e caíam de repente fulminados, a ressonar alto; outros, ainda, ficavam-se estáticos perto do rio e não sentiam nada, até que o jacaré os arrasava para a água...

O vale transformou-se num cemitério e os últimos seres humanos, tomados de pânico, ergueram as esteiras e fugiram ninguém sabe para onde.

Só a velha se deixou ficar, imune a todas as doenças e a todos os malefícios, resistindo à solidão, à fome e à miséria.

* * *

Os dias passaram-se... as semanas...

Para o meu amigo, um pedido exteriorizado por nós era quase uma ordem, e de uma vez, ao jantar, anunciou, piscando-me os olhos, um grande passeio organizado debaixo das suas vistas.

— Bravo! E armas? Ao menos para alvejar os paus...

Bem sabia que era por nossa causa todo aquele aparato; o «americano» aparelhado, dois batelões levados acima do açude, amarrados à margem, e uma caravana de gente alegre e bem disposta. Confesso que, naquela altura, as histórias do meu amigo e dos pretos não ensombraram a minha boa disposição, quando o barco singrou lentamente cortando a água. Só tinha olhos para aquele paraíso, essa linda nesga, terra de promissão, onde o Sol abria em leque os seus esplendores e majestosas colunas sustentavam exuberantes cabeleiras. Para além, de um lado e outro, eram lombas torradas; as pupilas pouco descansavam, logo tolhidas pelo fulgor intenso e micante que se desprendia do rio e das encostas, formando outros sóis e destilando novos deslumbramentos.

Enquanto as barcaças avançavam lentamente e os remadores esticavam os músculos, não me cansava de ver esse mato diferente de tudo quanto até ali tinha admirado e esses milhares de periquitos guinchando alvoroçados com a nossa presença, num fervilhar de asas impressionante.

O dia correu bem e alegre; houve quem fulminasse uma águia em pleno voo, quem, à falta de jacarés, varasse garrafas pelo gargalo de uma a outra margem.

Ao fim, já cansados, preparámo-nos para a volta.

Então pendurei-me no braço do meu amigo e muito à sucapa insisti:

— E a velha? A pobre Sucuri?

Ele respondeu-me bruscamente e essa aspereza fez amuar um pouco a minha alegria. Aninhei-me a um lado do batelão e pus-me a olhar os troncos nus dos remadores.

Chape, chape, o barco tomava rumo, deslizando veloz ao sabor da corrente, o sol causticava-me a pele, esbraseava-nos a frente.

E de repente... meu Deus!... que era aquilo?

Um ror, um ror de moscas, compridas e negras, com voos curtos e asas cruzadas...

Não sei se empalideci, se as pupilas se me dilataram...

— Meu amigo... Meu amigo... Olhe o feitiço da velha, olhe o feitiço deste mato!...

Mas já o açude aparecia formando lago; uma manobra em falso e resvalaríamos como os outros, perdidos para sempre...

Houve um silêncio fúnebre, comandos rápidos; os remos agitaram-se mais e as barcas rodaram para a esquerda debaixo do impulso firme. Enfim, estávamos todos safos, senti um grande alívio...

E, ao saltar em terra, o meu amigo ainda acrescentou:

— Diga agora que não sentiu a velha, que não a viu ali na água escabujando como um demónio? E ainda queria ir vê-la! Há enguiços fatais, minha amiga. Pense nisto... É o que lhe digo...

CHIRAUÉ

Seco, alto, espadaúdo, tanga ensebada, sandália de couro cru nos pés, Chiraué percorre o mato boas cinco léguas diariamente.

Sua sina é andar, andar... Seus pés mal afloram a terra. De posto em posto, de quimbo em quimbo, trilha os macangos como uma cabra e orienta-se com faro de mabeco.

Quem melhor do que ele corta pelos capinzais das baixas de mais de dois metros de altura ou atravessa rios caudalosos com água pelo peito?

Conhece todos os vaus e todos os pegos perigosos e as suas pernas são seguras e firmes como as de uma malanca, os seus braços musculosos como os de um gorila.

Logo cedo, acorda preocupado com a viagem.

Acocora-se, espevita o lume e aquece as mãos. Lembra-se do punhal e da faca e espeta-os no cinto; também segura à direita a tabaqueira em forma de chifre de pacaça e a machadinha pregueada.

Armas terríveis nas mãos de Chiraué!

Uma machadinha bem atirada à cabeça dum inimigo vira-o imediatamente e uma boa faca... sempre é uma

boa faca!... Entra a fundo na carne como calhau no lodo.

Nesta madrugada está mais apreensivo do que nunca. Verifica se todos os feitiços estão com ele — contra os que rastejam, contra o «grande», contra o senhor dos cançais e da água, contra os parentes invejosos e os homens seus inimigos a quem rouba espigas de milho e feijão pelos caminhos.

Depois disto, mastiga à pressa meia dúzia de batatas doces encorrihadas e frias, empunha a carta que ele tivera o cuidado de entalar num canigo rachado ao meio e ergue-se para partir.

Sem patronha também não faz viagem e a espingarda atravessada a tiracolo e o cambriquite enrolado na cinta e um punhado de milho no saquitel de couro.

Que mais é preciso para que um homem se aventure adentro da imensidão do mato?

Vai ali perto, mesmo à orla da floresta, corta um pau morrão e acende-o na fogueira.

— Ainda é cedo! — diz.

Acocora-se de novo ao lume com os joelhos afastados, mãos espalmadas sobre as chamas... Depois bebe mais uns golos de chimbombo ou chissângua e arruma a cabaça a um canto.

A cabaça fica. Se tiver sede debruça-se sobre os riachos, sobre os charcos. E se os rios estiverem secos e os charcos duros e gretados, então cavará na areia uma poça funda ou chupará maboques e vagens de imbondeiro.

Põe-se de novo a olhar o fogo e fica assim tempos infinitos... a pensar...

Parece-lhe, pelo menos, que são tempos infinitos...

E que pensa ele, o grande corredor da selva?

Na sua vida errante?

Na carta?

No patrão velho que lha entregou?

Ou na responsabilidade de ter à sua conta um papel escrito pelo branco?

O patrão tinha pronunciado as palavras que amarram «Mó conta iobe», da «chieba». — Na tua conta, percebes? Trazes vinte contos.

Não sabe o que é um envelope sarrabiscado, nem o que representa, nem o que esconde...

Pode ser tudo e pode não ser nada...

O branco tem muitos segredos... muitos feitiços... mas o que Chiraué sente realmente é o perigo de perder a carta. Disso, sim, tem plena consciência. O envelope que ali está, ao alcance das suas mãos, torna-o a ele, se desaparecer, responsável, culpado e até criminoso. Pois não merecerá do branco os piores castigos e as maiores perseguições, mesmo para além da morte, onde as almas procuram a paz e os vivos as não deixam sossegar com suas pragas, se não chegar ao seu destino e não trazer uma resposta?

Aquele papel, leve como uma pena, que a chuva rasga e o vento pode arrebatá-lo, pesa mais nos ombros de Chiraué e no seu cachaço do que um bom fardo de fazendas ou quatro puas de milho.

De vez em quando espreita impaciente pela abertura do chingue mas volta logo à mesma posição, com os olhos fixos nas brasas e imóvel.

— Ainda é cedo! — repete de novo.

Exteriormente, nada parece preocupar Chiraué, o selvagem.

Dormita perto do lume, calmo e amodorrado. Só o seu cérebro lateja através dos olhos meio cerrados e das pálpebras nervosas.

Oh! O cérebro de Chiraué!

Vibra como coiro de bândi numa puita e corre veloz como um nunce. Tropeça aqui, levanta acolá, de um

monte para outro monte, de uma terra para outra terra. Depois estaca de repente sem razão... torna a largar numa carreira doida...

A cada comoção mais forte, os seus olhos muito pequenos e vivos pestanejam; as pupilas brilham como se tivessem fogo. Também a sua testa chega a encorri-lhar-se ao mais leve rumor lá fora...

Estará ele acordado? Dorme? Interroga o coração?

E o coração de Chiraué que responde?

Que não é nada... almas rodopiando com o vento... talvez...

Embora tudo isto se passe dentro dele, as suas mãos continuam espalmadas e quietas e o seu rosto fechado e tranquilo...

Aqueles barulhos — ele sabe-o perfeitamente — são mesmo os filhos da noite nas suas constantes correrias e caçadas. Àquela hora eles têm maus instintos; as estrelas empalidecem e um vago clarão no horizonte engana os pacíficos filhos do dia que se encaminham para bebedoiros certos... Então, esses malvados atacam de surpresa os amigos do sol...

São manhosos e maus; têm medo do senhor Sol.

Ele, Chiraué, não tem medo do senhor Sol; o Sol é o seu pai, o seu irmão e o seu amigo. Viaja com ele, dá-lhe calor, vida e força, dá-lhe coragem, ligeireza, manha e até o ensina a ser esperto.

Logo de manhã diz-lhe: «Anda, são horas, caminha!» E à tarde começa a matraquear-lhe sobre a pele: «É tempo de acampar, é tempo de acampar, é tempo de acampar!...»

O senhor Sol! O senhor Sol foi sempre a luz dos seus olhos, o guia dos seus pés, o guarda da sua cabeça...

— E o fogo? — perguntam-lhe, quando já está no jango.

— O fogo? É filho do senhor Sol. Só tenho medo da

Lua, porque ela é mulher e velhaca. Ri-se dos homens e marca-lhes o tempo e a morte na testa...

— Há quantas luas? — querem os homens saber.

— Mochi, babari batatu! Uma, duas, três!...

— Quantas luas tens?

— Equin, equin abari, equinatatu — dez, vinte, trinta...

Daqui a tantas luas... E ela brinca com o teu coração. Depois chupa o teu sangue, mata-te e arrasta a tua alma por cima das árvores...

Pois não é ela a morte? Não é ela que manda na vida? E a sua luz de que será feita para ser assim tão fria?

Pela calada da noite, quando Chiraué pensa nisto, nestes mistérios tão grandes e tão impenetráveis, o seu coração põe-se a bater... a bater... Só sossega ao pé de uma fogueira.

Até que enfim o dia entra sorrateiro pelo chão duro da palhota. No horizonte está tudo em brasa.

Chiraué amarra à pressa as palmilhas e parte, atirando mato dentro suas falas esganiçadas, seus assobios estrídulos e suas guturações fantásticas.

Eh! candimba, candimba, candimba.

Candimbaué.

Aiú! Aiú! Aiú!

Ó Coelho! Coelho! Coelho!

Coelho.

Ei-lo! Ei-lo! Ei-lo!

Isto de chamar pelo coelho é costume velho da terra e tem sua graça, porque ele tornou-se num reverendíssimo espertalhão... Engrola com suas artimanhas grandes e pequenos de todo o reino animal, ficando sempre de bem com Deus e com os cazumbis. E assim se livra de iras, de vinganças e de venenos...

Se até come papas na cabeça de um leão velho!...

Quando Chiraué tem aviso de que coisa ruim anda ali a empecer o seu caminho, então a cantiga é outra:

— Senhor! Eu estou inocente, arrede-se que a minha espingarda pode esquecer-se e matar!

Fica uns segundos à escuta, as narinas dilatam-se-lhe... mas... nada... ninguém responde, nem homem, nem cão, nem bicho... e vai ele então, corre, corre, em coleios, o guizo no tornozelo tilintando, os panos — shlap, shlap, shlap — enrodilhando-se-lhe à volta dos joelhos, numa dança de batuque.

Pela tarde, quando as nuvens se acastelam no horizonte ou pára o vento do deserto, no cacimbo, acampa. Num quimbo, na floresta, sobre lajes, onde calha... Repousa a fronte numa pedra e o corpo no solo duro. Nas chuvas ainda cobre os paus com capim, mas durante o cacimbo bastam bissopas e uma fogueira para se resguardar do frio e das feras.

Desta vez, porém, encontra aquele acampamento abandonado à beira da carreteira. Entra e revolve as cinzas. Num instante junta gravetos e lenha. Espevita o pau morrão balouçando-o de um lado para o outro e acende o lume. O fumo ergue-se em espiral; ele sopra, ajoelhado no chão. Depois, Chiraué senta-se. Vê ali à sua frente uma pedra abandonada e interroga-a.

— Quem passou?

— Pastor, carreiro, comitiva?

— Branco ou negro?

Acocorado sobre os calcanhares, estoura milho no brasido sobre um pedaço velho de lata e as florinhas brancas aparecem pouco a pouco. Esse ruído seco do grão é o único sinal de vida em todo o mato recolhido. Adivinha tempestade...

Ela aí vem, Chiraué! — dizem as árvores. Ela aí vem, Chiraué! Ela aí vem, Chiraué!

E chega. Rolando, bramindo, estorcegando, lavando e empapando paus e areias, lodos e turfas...

E o pobre ali sòzinho! Olha o fogo, olha a água, rói o grão!

Por fim, os elementos acalmam-se. Choram as folhas no mato, uivam chacais nos muchitos. Chiraué atira-lhes o seu desprezo.

— Vai comer galinha! Vai afiar o dente para outra banda! — e ri-se às gargalhadas e bate palmas e enrola-se no cambriquite.

Enrosca-se ao lado da fogueira.

De uma vez, um velho lobo matreiro puxara-lhe pelos pés...

Indignara-se, então — não queriam ver o atrevido? he! — e correra-o à pedrada, assobiando...

— Ai o cão! Grande cão! Filho de cão!

Mas de outra acordara de carapinha em pé, o coração a tremer, a tremer, e toda a noite rufara batuque sobre a marmita, toda a noite vira aqueles olhos doirados que o namoravam, aquele rabo sacudido, aquela juba esguedelhada, aquelas goelas como um abismo e tratara-o de senhoria, de rei, de soba, de amigo, de irmão.

— Irmão, sim, senhor, porque você é caçador como eu...

E o caso é que a fera entendera as suas falas e largara.

Por causa dessas e outras, Chiraué dorme com um olho aberto e outro fechado. Não sabe bem como é, mas num instante já acorda com todos os sentidos...

— Homem no mato é assim... sente o perigo...

Porém, todo o cuidado de Chiraué vai para o papel do branco que está à sua guarda, ali espetado no capim. Ele pode fugir, esconder-se na buraca mais funda, no mais espesso muchito, no morro mais altaneiro, mudar

de terra e até de nome, os olhos do branco descobrem-no seja onde for. E o castigo lá está. Já vem de tradição...

No seu quimbo contam uma história...

«Um branco, antes da guerra do Bailundo, chegou à nova libata, pediu para falar ao soba e disse-lhe:

— Soba, meu amigo, vou sair da tua terra. Aqui te deixo a minha fortuna, tudo o que eu possuo: a minha aguardente, os meus bois, os meus porcos, tantas peças de fazenda, tantos barris de pólvora... — e atirou-lhe uma carta para o meio do jango.

Pois a guerra rebentou, as casas dos brancos foram roubadas e queimadas, as plantações destruídas; morreram muitos homens e mulheres, muito boi e muito porco. Choravam os brancos, choravam os pretos...

Mas o branco acabou por ganhar a guerra... A guerra come tudo.

Ninguém contava com riquezas; fora preciso recomeçar uma palhotinha... E quando já ninguém esperava, nem branco nem preto, nem mulato, o soba mandou entregar pelos filhos ao seu amigo, peça por peça, rolo por rolo, barreira por barreira, boi por boi e porco por porco, tudo o que recebera à sua guarda!

E disse:

— Vê lá tu, ó branco, que eu não entrei na guerra, nem cheirei a pólvora, nem bebi garapa. Aqui tens as tuas riquezas que eu escondi dos outros patifes que mataram brancos e os roubaram, porque eu fui sempre fiel ao teu mando, porque eu fui sempre o teu sapato, porque eu fui sempre o teu filho, o teu escravo... porque eu... porque eu... porque eu...»

* * *

No dia seguinte, mal o sol espreita, Chiraué mete-se de novo a caminho.

Encontra uma caravana, outro carregador solitário e um carro chiando pela carreteira, mas não pára.

O da frente entabula conversa.

— Laripó!

— Laripó!

Depois passam as dez juntas de bois, primeiro as mais mansas, depois as mais bravas e no fim o coice e contra-coice.

— Belos bois! — diz Chiraué para o chicote, enquanto o carreiro meio amodorrado pelo calor, a poeira e o sono faz um gesto da boleia.

Chiraué cumprimenta-o também. Depois dá-lhe informações preciosas:

— O vale não dá passagem, toma cautela! Passou um leão na mupa grande! Andram ladrões pilhando gados para os irem vender aos Cuanhamas... Até trazem cavalos e levam os bois à frente deles.

Têm boas espingardas e bons punhais. Roubaram uma manada inteira ao seculo Sacachiranda...

— E que mais?

— Baixou o milho! Pua cinco pratas! Cachingue dá mata-bicho.

Quando Chiraué se cala o outro despeja o saco. É uma enfiada de coisas da cidade e dos brancos, dos bichos que vira, das passagens pelos macangos, das estradas, dos Muxilengues, que anunciam a vinda de soldados brancos... — Ah! Pai! Diz que parece uma guerra, está tudo cheio deles... ninguém escapa... E agora o branco também voa como os pássaros... Tu já viste? É tudo deles...

— E os condenados de Caconda?

Revoltaram-se! Andam fugidos no mato... Toma cautela, carregador! Toma cautela!

Chiraué responde sempre a andar.

— Ochô! Ochô! Laripó! — e bate com a mão espalmada na boca produzindo um som estranho...

Só quando o outro desaparece, com a voz perdida na distância, ele pára de falar. Mas informa bem, cumpre a «melola»...

Quem ordena o telégrafo do mato?

Quando? Como?

Não se sabe. São seus irmãos, pertencem à seita sagrada da «melola».

Chiraué corre para a linha a buscar o dinheiro do seu patrão velho, o seculo. Vai a cismar e a tremer.

Vinte contos! — dissera o branco! — Olo conto é quin abari!

E o que seriam vinte contos?

Faz lá ideia! Uma fortuna fabulosa para um pobre negro... provavelmente...

A veredazinha, bem conhecida e bem frequentada, estende-se por ali fora... De um lado paus e lavras, do outro lavras e paus.

Chega ao seu destino mesmo à chegada do comboio. Estão lá todos os brancos e parece quase uma festa. Abraçam-se, riem...

Depois o comboio parte; dizem-lhe adeus muitas vezes... Chiraué também acena... Ainda ele olha aparvalhado e já o branco lhe põe nas mãos a carta e o pacote.

— Toma conta, Chiraué! Levas o dinheiro do teu patrão, levas as suas cartas.

Nem descansa. Mete-se a caminho cantando, cheio de confiança nos seus braços e na sua arma.

Ela só já mete medo. E canta... canta sempre...

— Eh! Candimba! Candimba! Candimba! Candimbaué!

Mas, ao fim de algumas horas, de repente, quase a chegar a Candalakaué, onde morreu cercado pelos bran-

cos o último soba grande, vê-se atacado à frechada e de tão perto que nem tem tempo para meter a espoleta.

Defende-se como pode, com as unhas, com os dentes, vendendo cara a vida. A cada passo que recua arreganha as beíçorras; apara golpe sobre golpe. Aqueles diabos saíram com certeza das entranhas da terra, que os não vira no caminho nem lhes sentira os passos. Crescem para ele; são três gigantes nus.

E o caminho deserto!

Acode-lhe nesse momento o coelho espartalhão... Sim... o coelho... Vê-o cirandar à sua frente, aos saltos, a rir-se... e põe-se a barregar, a barregar como um possesso, com quanta força tem...

Eh! Vocês lá atrás! Candimba! Mutamba! Samba! Vinde depressa, correi, estes cães matam-me!...

Param os selvagens. Seus olhos espantadiços fuzilam raiva. Um momento, um silvo agudo, e cada qual, atacado e atacantes, foge para seu lado.

Chiraué tem asas nos pés; nem sente as dores do seu corpo frechado, escorrendo sangue...

Nunca mais acaba aquela viagem! Ainda vê as luzes da fazenda, os fogos das sanzalas e dos quimbos... De lá chega-lhe o som da puita, depois coros distantes... Parece-lhe que os outros o puxam para trás, que um grande penedo lhe cai em cima...

Grandes cães! Filhos de cães!

E... cai, num rodopio, de borco, estendido sobre o capim...

Manhã cedo encontram-no ali perto de casa, quase sem vida, hirto. A espingarda está caída a seu lado; as suas mãos enclavinham-se sobre as cartas. E quando vão a erguê-lo, alguma coisa escorrega para o solo... É a patronha cheia até acima de notas que ele enrolara na tanga, cobrindo-a com o próprio corpo.

CAFUZO

— Bá! Bá! Baué! Ê... é... é... é!...

Ainda com escuro, por madrugada serena, a fugir do sol flamejante que esbraseava, a tropa meteu-se à picada velha da carreteira, demandando o mato no seu primeiro treque.

Corria um silêncio pesado e profundo sobre a selva.

De um lado e outro, moitas avolumavam-se em sombras negras como breu e os troncos esgueiravam-se mais para as alturas afuroando o espaço. Depois abriam-se clareiras aqui e além no meio do matagal. Era então um deslumbramento de sonho; folhinhas trémulas de fimbriados luminosos, véus coalhados de prata a estremecerem-se dos muchitos densos e perigosos. E as almas ganhavam vida nova...

— Bá! Bá! Baué! Ê... é... é... é!...

A caravana avançava vagorosamente sobre folhas e ramos mortos que estalidavam debaixo dos pés e das rodas.

Abria de topo Candeeiro, rapazote esgalgado, com um cambriquite no cachaço à laia de capa. Levava a soga esticada no brago e na mão uma lanterna.

Olho mais vivo e perna mais ligeira não havia na terra!

Já sucedera um dia que uma cobra «andálo» (fogo) matara em poucos segundos quatro bois atrelados. Pois não o apanhara a ele, o rato da palmeira...

E agora, ali ia com o seu focinho aguçado, olhos redondos muito vivos a perscrutarem a noite. Tinha as orelhas de abano sempre à escuta, o nariz chato arrebitado no ar, virando a cabeça rapada com um penacho de carapinha no cocuruto ora para um lado ora para o outro, ao mais pequeno som estranho no meio dos berros dos carreiros.

Avisou para trás:

— Não é nada! Podes caminhar!

Mas doutras vezes a situação tornava-se grave e a voz era mais baixa, mais rouca.

Dizia então:

— Perto anda onça! Cautela!

Ou:

— Sinto cheiro do «Grande»!

E, todo trémulo, cosia-se entre a canga e os cornos dos bois da frente...

Naquela noite, porém, caminhava a passo tranquilo.

— Bá! Bá! Baué! Ê... é... é... é!...

Nas suas costas os animais — «ólófreñti» — quase lhe bufavam sobre a pele.

Eram uns bons bois, todos malhados de branco e castanho — «ólómôno» (rícinio) — com pequenas pontas reviradas. Pachorrentos e mansos como cordeiros, aguentavam a espane nas carreiras desordenadas.

Quando paravam, ou a caminhada era lenta, estendiam a língua babada mais de dois palmos e lambiam-lhe de baixo ao alto as listras de suor salgado que lhe escorria pelos lombos.

O rapazola, então, e mesmo assim virado de costas, pegava-lhes na barbela e falava-lhes com ternura:

— Ochô! Ochô! Ochô ô ô ô ô. Mas também corria como uma lebre aos saltos, sempre que nas ladeiras e ravinas eles queriam lançar-se de cambulhada. Nessa altura dominava-os com a sua voz mais estrídula e esganiçada: Anau! Anau! Anau!

Aguentava a correr horas seguidas...

Atrás dos frentes cangava-se a cada treque da corrente uma junta de contra-frente e logo os centros até às juntas do contra-coice e coice com pernas altas, bem mais possantes e galhudos que a primeira.

— Ei! Ei! Ombruto! Onférrri.

— Ei i i i.

Cachicote, ajudante de carreiro, estimulava assim a espane.

Caminhava ao lado e barregava a plenos pulmões, chamando os animais um a um, pelos seus próprios nomes.

Ergueu em seguida para o alto a sua pita com o cabo de bambu e volteou-a muitas vezes por cima da cabeça com estalidos secos como se fossem tiros de pistola. Depois passou-a de leve pelas lombeiras bojudas...

— Ei! Ei! Estiliférrri! Ei!

E o carração lá foi, aos solavancos, aos tombos, careteira em fora... cinco toneladas e pico!

Para resistir, tinha rodas chapeadas, com meia polegada de aço, raios e mangas de eixo grossas como os dos carros dos Boeres.

Mas o caminho dobrava agora numa lombeira íngreme, e fez correr Cachicote atrás, a fazer de brique.

Apertou o travão com quanta força tinha; segurou-o com ambas as mãos.

— Anau! Anau! U... u... Ombruto.

Ao som da voz conhecida, os bois refrearam o passo e esticaram as patas bem para diante seguindo em fila arqueada perfeita, enquanto o velho Bruaia, carreiro de

profissão e célebre caçador de búfalos, se mantinha a custo sobre a boleia, naquele caminho acidentado cheio de buracos e tocos.

— Quê rai! O culpa é di sô Manuéli. Si o carro parti o eixo ou dismanchá rodá, eli qui puxi! Qui puxi!

E saltou abaixo, furioso, arrancando o chicote das mãos do brique, a juntar seus berros aos berros do companheiro...

Foi um fim do mundo.

— Vamos! Vamos pró frenti! Pró frenti, hómi!

O mulhero e os carregadores seguiam em bicha indiana logo por detrás do grande toldo alentejano que cobria o carrão, com pesadas quindas de mantimentos à cabeça, ou restos de fardos e muambas de bíteres sobre o cachaço.

Entoavam sempre a mesma canção monótona:

— Bá! Bá! Baué! Ê... é... é... é!...

Bruaia detestava as mulheres. Eram a perdição dos homens, pior que bissonde e tinham mais língua que um formigueiro. Queria tudo ao direito, tudo ao direito!

Elas riam-se dos berros e dos seus saltos como se estivessem a desfrutar um saguí.

— Você, seu Bruaia, você anda no cipai!

Logo ele se virou ali a cuspir no chão com nojo.

— Grandes desavergonhadas! Olhai que o patrão!...

E saltando de novo a boleia, berrou com quanta força tinha:

— Ê andárrri pró frenti, mesmo! Ê andárrri!

O branco ia enervado com tamanho banzé. Fincou as esporas na montada avançando a trote largo sacolejado até aos bois.

— Que é lá isso, hem? — perguntou. Mas logo se deixou ficar para trás indiferente, ao ver a sem-razão da sarilhada.

Seguia agora à vontade fechando a caravana, com as rédeas soltas, o cigarro na boca, olhos fixos em frente.

Homem e animal formavam um todo característico do mato. Comprara-o no Sul, aos boeres, livre da «hors sickness» e com fama de resistência. E, na verdade, o cavalicoque — cabo-verdiano de origem — nunca desmentia os seus primitivos donos.

Era constantemente posto à prova em correrias desordenadas e livrara-o muitas vezes da morte; ou, então, nos povoados, caracoleava horas seguidas prendendo os cafuzos de boca aberta com seus passos complicados e firmes e suas crinas empenachadas.

— Aí valente!... Aí valente!... Bravo! Bravo!...

O cavaleiro impunha-se aos companheiros.

Era ousado e forte, de ombros hercúleos, peito seco, tez mulata.

Debaixo do chapéu largo, à militar, luziam dois olhos duros. O fato de caqui muito largo e curto para o seu corpo enfolava com o vento. E as botas cardadas, de vitela, reviradas nas biqueiras, com a enorme presilha de fora, completavam o conjunto bizarro do aventureiro.

Quem o diria branco?

Branco com aquela cara talhada no bronze?

Com aquelas mãos denegridas e calejadas? E não seria antes mulato ou fulo do Sul?

Mostrava sobre a fronte ativa certos trabalhos passados na selva, quando corria estradas silentes por cima dos macangos e anharas, abria picadas novas ou comboiava manadas de bois na travessia perigosa para os «Diamantes». Quantas noites e quantos dias assim viajara atrás dos carros boeres e das carroças, semanas ou meses a fio, cheio de febres, de fome, de sede e de misérias! Mas gostava daquela vida livre.

Quase na arreata ia também Manuel, negro «fama-naz» e esforçado. Era um companheiro nos negócios e

nas caminhadas. Balouçava uma pequena lâmpada com um couto aceso e atirava para a frente, de espaço a espaço, o seu enorme cajado de capataz.

— Pois fique sãbendo, sô Caluférri, qui no meu terra o nigócio é outro coisa. Rico, sim sinhori. Um hómi pódi funá bom fortuna...

E continuou, cuspindo para o chão com desprezo:

— Isto aqui... Eh! Eh! Ê uma porcária qualquéri, rélis mesmo!

Velha pecha aquela, de querer levar o amigo branco para o seu mato...

— Porque só lá tens cera com fartura — dizia-lhe na sua linguagem típica. — Só de lá, Caluférri, arrasas a cidade com couro... Só lá existe caça abundante, peixe do rio, milho, feijão, mandioca...

E bois? Nem se falava!...

— Ah! Patalão! Você não ri! Aquilo sim, qui é bom. Um hómi té mórri filiz só di verri...

Olhou para o branco como que a sentir o efeito das suas palavras. Depois insistiu:

— Pernas iguaizinhas às do teu cavalo; prontas que nem braços! — e marcava os chifres acutilando os próprios músculos com a mão espalmada e hirta.

Mas o branco ia soturno. Nem atentava nas suas histórias e chalaças...

Devorava cigarros sobre cigarros, com o sentido volvido quinze anos atrás, e cogitava na sua atribuladíssima vida de fumbeiro, sempre a dever à Casa Chefe, sempre escravo do saldo que o obrigava a vegetar miseravelmente, argamassando os dias com lágrimas, saudades e alucinações.

Podia ter continuado a estudar, ser médico, advogado ou engenheiro. Não quisera.

Tinha a ânsia inconsciente da liberdade...

E viera de Portugal aos dezoito anos. Um rapazola.

* * *

Primeiro agarrara-se ao que pudera; trabalhara no açude da luz eléctrica, na alfândega, nos batelões, na lavoura; fora chefe de posto e cortador de lenha, caçador no mato e comerciante na cidade e também tivera uma pequena fazenda...

Quando os «casacas» do litoral falavam de «sô Caluférri» — alcunha do mato por causa do seu primeiro fato à militar — diziam:

— Bom rapaz, sim, senhor. Uma jóia de rapaz, mesmo, com muito bom coração... até bom demais para certos malandros...

Outros afirmavam:

— Se faz alguma coisa má, só a ele se prejudica.

A coisa má era a batota. Conheciam o seu fraco...

— Hoje vamos ter champanhe, rapazes! Está cá Caluférri... — dizia-se quando chegava.

E tinham champanhe.

Sabia de todos os abusos, desde as marcações de cartas às esperas de horas tardias, quando o homem, um pouco toldado, já não tem bem a consciência do que faz.

Sabia-o perfeitamente, mas não resistia à tentação.

De uma vez, um amigo, quase irmão, quisera evitar que ele jogasse... Levou-o consigo, distraiu-o, pediu-lhe por alma do pai... e da mãe...

— Vem daí, homem! Tu não vês que te roubam? Não vês que é uma pouca vergonha? Andas a matar-te com trabalho para esses malandros encherem o bandulho!

Seguira-o cabisbaixo... Tinha razão, sim, sim, tinha carradas de razão... mas...

Quando estavam quase a chegar a casa, do lado de lá do rio, fixara-os com olhos de doido...

— Não posso! Não posso! Tenho que ir!

E lá fora, sozinho, sem arma nem pau, capaz de ser atacado pelas feras ou de cair, pelos interstícios das travessas, abaixo da ponte do caminho de ferro.

Ao lado destas faltas, quantos gestos generosos e heróicos!

De uma vez, quando ninguém ainda o ousara até ali, atravessou de noite um rio a nado, com a faca nos dentes para o que desse e viesse. Foi prender no seu covil o facinora que matara barbaramente um italiano das mais nobres famílias romanas.

Contavam, também, que um vizinho lhe batera à porta cheio de aflição e lhe pedira duzentos escudos.

Duzentos escudos! E onde iria buscá-los? Quatro e meio custava um boi soba!

Mas tivera pena do homem...

— Veja, amigo — dissera-lhe. — É só por uns dias porque ainda não fiz as contas das minhas percentagens com o administrador.

O vizinho jurou pela sua honra e pela honra dos seus pais e de seus avós, mas não cumpriu... Em vez disso fora denunciá-lo ao administrador, que logo acorrera com uma sindicância...

Não houvera faltas, felizmente.

Mas tudo aquilo o amargurava. Ele nunca fizera mal a ninguém. Nunca! Nunca!

E agora...

Agora, ali seguia ao deus-dará. Era sempre o mesmo! Sempre lástimas e tristezas!

Quando os fornecimentos chegavam do litoral tudo tinha subido; quando ele mandava a permuta em cera, couros, rícino ou milho, tudo baixava.

— Prejuízos? Qual prejuízos nem qual carapuça! — diziam os «casacas» da cidade. A Casa Chefe nunca tem prejuízos. Debite ao mato! Dez ou vinte por cento ao mato!

Uma cifra a mais ou a menos que importava?

Questão de contas com os aviados e feitorias...

E o guarda-livros compunha logo a paisagem do Deve com a floresta do Haver...

— Prejuízos! Prejuízos! Não está mal a léria!

E havemos de ser nós a suportá-los, hem? Estará bom o homem? Positivamente...

Ver, para crer, quantas vezes o cafuzo ouvia aquelas conversas!

Seriam todas as casas chefes assim? Não, não deviam ser... talvez...

Mas os batedores do sertão, como ele, que andavam metidos pelos fojos e comidos de febres, quem os defendia? Quem?

Ninguém. Sentiam-se sozinho, desamparados dos homens e até de Deus...

De Deus?

Não! Não! Deus estava em toda a parte. Estava ali a seu lado.

Porém, as vozes dos «casacas» martelavam-lhe nos ouvidos.

— Que se aguentem os do mato, que se aguentem!

Bem comidos e bem bebidos, à mesa do café, pouco se lhes importava das desgraças e desesperos dos seus irmãos de sangue. E os anos rolavam, uns após outros, desbastando existências... matando ilusões...

— Estes saldos fazem mal a muito boa gente — afirmavam, para sossego das consciências.

Entretanto, na cidade corria dinheiro a rodos. Traziam-se cachuchos nos dedos, maiores que bagos de milho; assinavam-se letras de centenas de contos contra as portas dos botequins e o luxo das mulheres assombrava.

Se, por um bambúrrio da sorte, o saldo negativo se

transformava em positivo, nunca mais o sertanejo tinha paz e sossego.

A cidade atraía-o, como a luz atrai os insectos; todos os seus sortilégios e vícios o enredavam; desbaratava o dinheiro das economias, à toa. Então, pequenos pecúlios angariados migalha a migalha, sabe Deus à custa de quantas privações, desapareciam numas horas de regabofe ou numa noite de vermelhinha.

Os da Casa Chefe esfregavam as mãos de contentes.

Riam-se ao darem com os olhos nas loucuras dos cafuzos que o comboio, semana a semana, despejava sobre o cais como toiros desembolados. Oh! Sim, eles riam-se... riam-se... riam-se...

Pareciam polvos estendendo os braços gigantes e mortíferos à volta dos pobres-diabos encandeados. No litoral ou ao longo do caminho de ferro, lá estavam de atalaia, à espera dele e dos outros papalvos como ele, prontos a sugarem a sua pele tostada e o seu sangue dessorado.

Manha e habilidade não lhes faltava.

Que lhe tinham feito desta vez? E sempre? Não era?

Primeiro, tudo festas e palmadinhas nas costas: Senhor fulaninho para a direita... Senhor fulaninho para a esquerda... Falaram-lhe de mulheres, das noitadas no «Suíço», de comezainas com bons acepipes e aperitivos, dos bailaricos no Clube e das arrebitas. Depois, quando — desgraçado! — mergulhou de cabeça no burburinho e o depenaram até aos últimos centavos, receberam o seu novo pedido de crédito com cara fechada e altiva.

— Tivesse juízo, homem! Essa é boa! Vocês fazem as tolices e, no fim, tudo são choradeiras. Eu também não ando na pândega, aqui onde me vê!

De chapéu na mão, à frente do chefe, ali estivera, acabrunhado e cheio de tristeza.

Ficara outra vez com o pescoço metido na canga, esbravejando por dentro, rancoroso, mas humilde e bonacheirão na aparência.

Abriam-lhe conta nova, agradeceu, mais calmo. Que remédio! Já nem tinha para voltar ao mato.

Conta nova! Era esse o momento das boas negociações com o interior.

Impingiram-lhe, então, quanta sucata havia no armazém, desde a peça ordinária e desbotada aos chapéus e coletes velhos, farranchos, quinquilharias e fatos mal talhados e mal cosidos.

E ele tivera ganas de lhes dizer duas coisas rijas, de lhes chamar ladrões e velhacos, mas deitara contas à vida e calara-se.

O saldo, de positivo, transformou-se, em poucos momentos, numa grande dívida, ali mesmo ao balcão, com uma simplicidade inaudita.

Alguém lhe mandara ser imbecil? E, no entanto... a conta nova era a única tábua de salvação, a única garantia de sossego. Ainda devia estar grato por aquela saída.

Mais pobre do que nunca, recalcara a sua dor e ali se acolhia novamente ao mato, na ânsia da miragem de abanar a árvore frondosa e lendária das patacas.

— Paciência! — disse baixinho. — O mato é grande!

— Há-de receber-me outra vez com piedade, como recebe todos os cafuzos e á sua sombra acolhedora...

— Se ao menos conseguisse depressa um saldo a meu favor!

Vieram-lhe lágrimas aos olhos, lágrimas que lhe queimavam o coração.

Não seria agora tragado pela floresta durante anos e anos seguidos, até se esquecerem de que existia? Morria para o mundo civilizado. Morria.

Por quanto tempo? Para sempre? E de quem era a culpa? Só sua.

Desesperado, encolheu os ombros. A imagem do pai, minado também por ali na mesma vida triste, perseguia-o por toda a parte, hora a hora, instante a instante. Parecia-lhe que a sua alma andava naquele luar de volta dele e ouvia-lhe a voz, as palavras, os suspiros: «Meu filho, o mato é nosso! É todo nosso! Não há como o mato para viver. Se tens dores, ninguém tas vê; se tens fome e andas roto, ninguém te escarnece; se és fraco, a tua cor te dará força; e se és um miserável, temem-te e respeitam-te. És livre e sem peias! És rei e senhor...»

Livre! Livre! Que ilusão! Ali estava agora que dependia de tudo e de todos, até do mais reles carregador. Mordeu os punhos até fazer sangue, numa raiva incontida contra si próprio e o seu destino duro e cruel.

— É aqui, patrão! — disse, enfim, Manuel capataz.

Sentiu-se o alívio de toda a caravana. Homens arquejavam. Até o frente, andarilho alegre, estava arrasado, coberto de suor e de poeira, com os olhos em sangue. Há mais de 15 horas que durava a marcha, quase sem parar e sem comer, naquele trilho mau semeado de morros de salalé. Os bois, todos a escorrer e babados de espuma, erguiam e baixavam o cavename a custo. Alguns mugiam tristemente...

— A culpa é di sô capataz! Daquêli danado! — disse Bruaia para o frente do Cachicote.

— Culpa di quê, hómi?

— Di meu boi morrêri! Capataz só vê nigócio, dá cabo di boi.

Não podia ver «sô capataz», o parlapatão. Fazia feitiço a «sô Caluférri» e levava-o para onde queria.

Aquela fúria era da fome e do cansaço. Foi de uma junta à outra e desamarrou os estropos. Depois chamou os animais um por um, que se juntaram em círculo, cabeças com cabeças. Pegou numa mão-cheia de sal e passou-lhes pelos focinhos gulosos.

— Vá! Toca a andar!

Largaram pelo mato, enquanto o frente se arrastava atrás deles mordiscando ombulas apanhadas na carreteira.

Caluférri também já se apeara e dava ordens para o levantamento dos chingues. Ele próprio escolheu sítio aprazível debaixo das árvores, perto de grandes massas de granito. Avistava-se lá de cima toda a clareira, aberta ao fundo sobre vale de capins fartos e um rio perdido na verdura. A luz micante, fazendo doer as pupilas, parecia que cegava com tamanho deslumbramento. Então o cafuzo, com a nuca aperrada como se duas tenazes lha apertassem com força, atirou-se para a sombra mais próxima. Sem querer, as pálpebras fecharam-se-lhe; estava cheio de fome e de sede.

Entretanto, os carregadores cortavam forquilhas e lenha; mulheres iam pela água e acendiam fogueiras...

Manuel nunca parava de falar, mesmo que o branco estivesse de má catadura. Agora era com o cavalo que entabulava conversa, esfregando-o, ao mesmo tempo, com quanta força tinha.

— Estás à espera do milho, hem? Ladrão! Primeiro sô Caluférri! Você é criado di patrão mesmo. Escusa olhá eu com essi olho di opomuno! Não leva nada!

Largou-o e pôs-se a lavar as mãos com um grande naco de sabão. Depois tratou do almoço.

— Quêri cafêzinho e churrasco, não é, patrão? Já sabi mesmo. O cafêzinho... Cafêzinho nunca farta no mato.

A pobre galinha que viera amarrada no selim já estava meio morta de calor. Cacarejou aflitivamente e o capataz estorcegou-lhe o pescoço, rindo.

Mas Caluférri nem atentava sequer no que ele dizia. Só pensava na vida e naqueles envenenados dias da capital. Sentia saudades, todo o peso da sua existência, daquelas árvores abraçadas até ao infinito, daquelas terras silenciosas e tristonhas. Parecia-lhe que estava num labirinto de onde nunca mais sairia vivo. Afinal, andava sempre à procura de libertação e só calcorreava areia movediça, sem norte e sem fim. Areia! Areia!

Ergueu as pálpebras para censurar Manuel.

— Ora! Ora! Então isto é que é a tua terra, patife?! Isto?!

— Patrão, Manuéli não é um danado ganguela. Você vai ver mesmo o nigócio... E si fala no mentira, você dá eu...

Não acabou a frase. Caluférri, de sobreceño carregado, fechara os olhos e o churrasco pedia gindungo.

Também as batatas doces e raízes de mandioca chisnavam na cinza quente. Ao lado, uma cafeteirinha de água cantava sobre três pedras, enquanto a lenha, meio verde, meio seca, estralejava fazendo dançar o ar.

E aquele calor cada vez mais forte!

Caluférri de novo fixava o vale e os altos arborizados do outro lado.

Que mãe era a terra! Que mãe! Mesmo longe dos rios, mirrada por 4 a 5 meses de seca, e ainda nas suas veias corriam seivas que alimentavam milhões de seres. Que boa e generosa ela era! Dava-se inteiramente para que do seu incomensurável labor vivessem as plantas, os animais e os homens.

Riu-se ao pronunciar a palavra homens. Parecia deserta aquela região, sem qualquer actividade humana que não fosse o acampamento.

Logo nessa noite, quando a paz repousante do escurecer envolveu os chingues e os fogos lumiaram por entre fustes grossos e matagal denso, capataz Manuel subiu às pedras e pôs-se lá de cima a barregar como um possesso, falando quimbundo:

— Gente! O branco não rouba nem mata! O branco é homem forte. Traz coisas baratas e bonitas! Traz pólvora e zagalotes! Traz panos e vinho, pulseiras, brincos, traz tudo! E eu sou seu filho! Ele é meu pai, mesmo! Ouvistes? Se deitais feitiço ao branco morre-reis todos, tomai conta!

Desceu e entrou no chingue de Caluférri. Cheirava a capim novo e a resinas, a fumo da fogueira e a café...

— Eles ouviram, patrão, ouviram! — disse na sua algaraviada. — São uns manhosos! Estão por aí alapados a ver tudo... Manuel conhece mesmo.

— Mas eles quem?

— O patrão vai ver! O patrão vai ver!

Riu-se como uma galinha choca, deitando-se lá fora, perto da fogueira.

Caluférri toda a noite se rebolou na chissa de paus e capim, enquanto o seu companheiro ressonava.

Mal o dia rompeu, foi dar um giro e encontrou Manuel já na carreteira a falar sòzinho e a esbracejar. Tinha uma ideia... Aproximou-se todo risonho.

— Ê aqui, patrão! Aqui passa todo genti do meu terra!

— Hum, hum!

Manuel pôs-se a coçar a orelha, atrapalhado, e ia botar novo discurso quando o branco cortou secamente:

— Bem! Bem!... Veremos!

Mas, logo atrás de Manuel, Bruaia, Cachicote e o seu frente avisaram, misteriosos:

— Patrão, Manuéli ser maluco! Maluco mesmo! Genti morrê neste mato! Vai morrê mesmo...

— Porquê?

— Este mato ter um grande feitiço, patrão. Eu foi saber, patrão. E o meu boi...

Caluférri desatou aos berros:

— O teu feitiço! O teu boi! Já sei a cantiga... Se o negócio for bom...

— O teu pintainho morreu! — insistiu Bruaia.

— Deixá-lo morrer! Pronto!

Pôs-se no entanto a cismar... Maluqueiras de negros! E encolheu os ombros.

Entretanto, Manuel estendeu à beira da carreteira uma peça de pintado e outra de lençol. Fechou assim um círculo em volta das árvores e pôs-se à escuta com toda a paciência.

— Eles passam, patrão, passam mesmo!

O Sol já ia alto quando de repente o capataz Manuel saltou fora do recinto, aos berros:

— Lá vêm eles, patrão! Lá vêm eles! Lá vêm eles!...

Colou o ouvido à terra.

Com efeito, ouviam-se as primeiras toadas ao longe...

— Dipressa, Caluférri! Dipressa! Eu não ti disse?

Foram ambos ao carro e trouxeram de lá mais mercadorias. Estatelaram-nas em cima de um tronco abastido: montes de peças, cartazes de bugigangas, pulseiras, latas de pólvora e zagalotes, missangas... Depois o cafuzo sentou-se, enquanto Manuel foi buscar a mesinha do acampamento.

— São muitos, patrão!

— Muitos?

— Sim, muitos...

Batia as palmas de contente.

Caluférri olhava para a floresta naquele ponto em que ela tragava a pobre carreteira. Por ali deviam desembocar, afirmava Manuel, dezenas e dezenas de negros

carregados, toda a vida e toda a riqueza daquele vale, farto de água, de boas terras dos altos e de bons gados.

— Se pararem, temos o dia ganho, Manuel!

— Ah, patrão, aqui branco fica rico. Eu não dissei você? Estrada é bom!

A comitiva aproximava-se cada vez mais; ouviam-se os coros distintamente. E agora já não era só uma. De todos os lados o mato se enchia de vozes. Berravam, assobiavam, davam gritos estrídulos para anunciar a sua passagem pela encruzilhada.

— Preto quando vai à loja de branco é uma festa.

— E que festa!

Surgiu o primeiro negro e atrás dele, que era guia, mais de 20 homens, mulheres e crianças.

Manuel atravessou o caminho e, de longe, entabulou conversa:

— Tens aqui tudo o que precisas. O branco é bom e não rouba. Dá mata-bicho grande.

Quando chegou perto, estendeu-lhe a mão.

— Pára, homem! Por ver, não morres, nem pagas nada. Eu sou teu irmão!

As raparigas, mais ariscas e desconfiadas daquelas manobras dos brancos, nem viraram a cara. Seguiram ligeiras como bânibus para a frente.

— «Aká! Aká!» — Credo! Credo!

Caluférri viu-as passar, desiludido, mas já outra comitiva se encaminhava para ele.

Novas manobras.

Desta vez, Manuel não foi ao encontro do enxame e, quando o viu aproximar-se em silêncio com um breve «laripo» (Adeus!) de quem quer fugir depressa, ocorreu-lhe outra ideia. Pegou nas peças e estendeu-as ao lado, como numa feira. Os brincos pendurou-os nos troncos, o barril de vinho e o óleo de palma pô-los à frente.

— Patrão, queria fazê parári um só. Depois...

Mas foi pelo meio-dia, já quando desesperavam, que uma enorme caravana acampou.

Veio primeiro o guiador, homem de melhores falas. Começou por regatear os preços mesmo ao pé das fazendas. O chefe avançou para a balança, com um saco de bâmbo bem cheio de milho.

— Pesa, branco! Tem uma pua! — disse.

— Uma pua?! — respondeu Caluférri. — A balança é que vai dizer.

E pesou.

Depois a dona chegou-se mais perto e ficou indecisa na escolha da fazenda. Mandou deitar abaixo da árvore peças e peças de pintado. Queria vê-las de perto, apalpá-las. Não se contentava assim... Não, ainda não era aquilo que desejava...

— Dá-me pano branco! — reclamou. — Quero um bom lençol.

Caluférri, farto de subir e descer a árvore, dominou-se ainda. Sorria para a mulher, que, por fim, com um muxoxo de desagrado, não escolheu nada, retirou o saco da balança, para o tornar a repor, e comprou quatro metros da primeira peça que a enfeiticava. Era a mais ordinária de todas, um riscado azul-escuro às flores brancas vistosas com barras de pintinhas.

— Tanta esquisitice numa negra! — pensou o cafuzo. Estava prestes a explodir.

— Ô branco! E os meus brincos! Quero uns brincos bonitos... quero sal... quero óleo de palma... quero vinho...

Manuel entornou-lhe a medida do óleo por cima da cabeça, que escorria para as costas e os peitos nus. O pano novo recebeu também o seu primeiro banho de gordura. Um cheiro enjoativo a fartum espalhava-se no ar e ela reclamava ainda, reclamava sempre, ria,

passava as mãos pelas ancas, toda vaidosa e sarcoteada.

Caluférri enchera-se de paciência. Daquele primeiro dia dependia o futuro. E outro saco veio para a balança, sempre com a mesma frase:

— Pesa, branco! Pesa bem porque a tua balança não está certa...

Recomeçaram as discussões... Desta vez as freguesas eram ainda mais exigentes. A cada peça que Caluférri ou Manuel mostravam, franziam a boca e fincavam os cotovelos num tronco, a dizer com a cabeça que não.

— Mulher! Você nunca viu pano na sua vida! Você deve pôr uma pele à frente e outra atrás que fica mais bonita!

Escandalizaram-se.

— «Aká! Aká!» — Credo! Credo! — Põe tu a casca de árvore como os ganguelas, cão tinoso de branco!

Aquilo era tudo brincadeira. Queriam panos bonitos.

Quando chegaram às peças boas e bonitas, de um azul-ferrete e sarapintado à moda dos panos de Alcobaga, dignaram-se prender a atenção. Com gestos soberanos disseram:

— Queremos isto! Uma sãmacaca!

Mas agora foi Manuel que fez negaças e apontou para o saco em cima da balança.

— Põe mais milho!

A negra voltou-se, levantou o saco e fugiu para longe, furiosa.

Tomou a vez uma rapariga de seios redondos erguidos, com uma quinda prodigiosa de grão. Houve nesse momento grande celeuma entre as duas. O branco ria-se divertido, enquanto o guia tentava apaziguá-las.

Depois de muito berro, a primeira voltou à balança, quase deitando lume pelos olhos.

— Mais milho!

— Mais milho? Tu estás a brincar, branco? O meu milho pesa tanto como o teu dinheiro. Corta a fazenda, branco!

E como ele ficasse impassível, disse qualquer coisa ao ouvido de Manuel como que a aliciá-lo.

À volta da improvisada loja, atraídas pelo barulho, outras comitivas esperavam vez.

Manuel rebolava os olhos e respondia às perguntas que lhe faziam sobre os preços: se o branco dava tingo — mata-bicho bom —, se o branco era zangado, se o branco não roubava no peso e se as fazendas eram bem tapadas ou redes de pescar peixe.

A mulher resolveu-se a ir buscar outra quinda de milho.

— Não chega! — foi a resposta.

— Não chega?! Vê bem a conta, branco! Escreve, branco!

Pegou no lápis e meteu-lho na mão.

— Não chega, já disse!

Ficou-se a olhar para ela, sempre risonho.

— Káiongora, não queres?

A rapariga convenceu-se.

Voltou atrás, pôs mais milho na balança, duas frangas e oito ovos. Já cheia de nervos, procurou também na ponta do pano uma bola de cera. Levou tempo a desamarrá-la e atirou-a sobre o milho, quase desesperada.

— Ainda queres mais? Não tenho mais nada! Pronto! E se queres!

O branco rabiscou, paciente. Tanto para o milho, tanto pelas frangas, tanto pela cera. Os ovos levam sal...

— Bem! Vá lá! E é grande mata-bicho! O mata-bicho da chieba. Mata-bicho grande, percebes?

E a felizarda, sempre com os seus «Aká! Aká!», lá levou o pano e enrolou-se nele. «Que lindo pano» — disseram as outras.

— Agora, vinho! Sal pelos ovos! Azeite! Quero também uma faca! Ouviste, branco? Uma faca!

O negócio não dava margem para tanto.

— A faca não! Põe-te a andar!

Ela teimou, em altos berros...

— Deste a faca a Cambabi e a mim não queres dar? Não saio daqui sem me dares uma faca!

Até que o cafuzo, desesperado, pegou num espelinho redondo e atirou-lho por cima das cabeças apinhadas.

— Toma! Roda daqui, estafermo...

Calou-se a tempo. Uma cafeco de seios a apontar agarrou o espelho, espreitou o vidro arregalando os olhos... Nunca vira a sua face...

Mostrava às outras: «Queres ver?». E todas se torciam com riso brejeiro... Afastaram o espelinho e apareceu meio corpo nu e tatuado da dona. Não o quis emprestar às cafecos, às canemas nem às chimbumbas que a rodeavam. E, mostrando os dentes brancos por entre os lábios carnudos e vermelhos, atirava muxoxos depreciativos àquelas tontas.

Ao cabo, nem o mostrou aos filhos, que o reclamavam em altos gritos.

— Queres, não? Pois é meu, que o comprei bem...

O recinto onde o branco mandava estava cercado por todos os lados de gente buliçosa e animada. Manuel, Bruaia e até Cachicote e Candeeiro tinham olho vivo e mão ligeira para avisar os desacomodados.

Cansado e cheio de sede, o branco saltou por cima dos barris e largou para longe; Manuel tomou conta dos haveres.

— Anda cá! Anda cá, ó branco!

Um grupo animado empurrava um boi que teimava em não andar, com um lumango a apertar-lhe o músculo da perna da frente. Um garrote corria atrás deles.

Precisavam de dinheiro para completar o imposto de seus filhos. Começou a desenrolar a história dos animais que trazia, desde que eles nasceram até àquele momento.

Mostrou-os ao branco, chamando-lhe a atenção para a barbela caída da cria, as patas perfeitas e fortes, dois chifres de meio palmo, o lombo bem curvado no cabeção e direito para trás.

As pintas não eram bonitas? O focinho esguio? As ventas furadas? De certeza ele nunca vira uma coisa assim!

— Nunca houve outro igual no sambo, branco! O boi é um boi-cavalo. Queres ver?

Amarrou-lhe nas ventas uma piaça e saltou-lhe para cima do lombo, a provar ao «chinder» — branco mesmo! — que o que ele dizia era verdade.

Mas o boi fugiu com o corpo e a sua pele formou corrilhas muito grandes dançando de um lado para o outro. Então o seculo, um pouco alegre do chimbombo que bebera logo de manhãzinha antes de partir, estatelou-se no chão como um sapo. E o bicho, partidas as cordas que lhe prendiam as pernas, seguiu pela estrada com grande estrépito.

Parou o negócio do milho e da cera, e todos se viraram para a carreteira numa galhofa interminável.

— Querias intrujar o branco, hem? Não sabes que o branco é mais esperto do que tu? O branco vê tudo! Olho de branco vê tudo!... — gritava Bruaia.

No encalço do animal seguia o frente, em grande correria. Agarrou-lhe num canelo e fê-lo cair com uma destreza espantosa. Os donos, entretanto, amarraram-no bem amarrado e voltaram ao seu negócio.

— Que me dás tu por ter agarrado o teu boi, seculo? — pediu o frente.

Caluférri já estava perto da balança. Resolveram esperar.

Prenderam o boi a uma árvore e acenderam lume, para estoirar milho. Os três homens e o frente acocoraram-se de volta da fogueira. Quem não tinha tabaco pedia-o ao seu parceiro do lado que lho desse; quem não tinha cachimbo recebia-o do seu vizinho. E, felizes, sem darem conta de que o tempo passava, cada qual foi conversando e mexendo na lata velha onde as chamas estoiravam pipocas.

O último da comitiva a ser servido pelo branco foi um garoto.

— Ah, pai! Eu quero um colete... Um colete e um boné!

Veio o fardo dos velhos coletes metropolitanos.

Um colete representava a melhor prenda para um garoto do sertão, assim como uma garrafa de conhaque era o melhor regalo do velho seculo, que o bebia aos golos contadinhos.

O rapazote enfiou uma quantidade sem fim de coletes enebados, desde os brancos de baile aos negros de luto ou das casacas e batinas. De cada vez passava-lhe as mãos por cima, todo vaidoso, como se tivesse pêlo de coelho macio ou de lobinho do mato sobre o peito.

Pôs-se a rir muito... e a bater as palmas, com o ventre impado de prazer, o umbigo desconforme saído para fora. As pernas muito secas, com os joelhos deformados, pareciam duas mocas.

Só tinha olhos e ventre e, no entanto, era a criança mais feliz do Mundo com aquelas maravilhas nas mãos e uma tanguinha de dois dedos entre as pernas, a cobrir a vergonha...

Caluférri pôs-lhe um boné na cabeça, enterrado até às orelhas, e então o pequeno ficou a irradiar alegria por todos os poros...

— Mãe, olha! É bonito, não é?

Mãe e irmãos viraram-no de todos os lados, satisfeitos e aprovadores, e o garoto pegou no arco e na seta com que caçava pássaros e foi até ao caminho.

Passou direito e importante, sorrindo para todos e olhando para a sombra.

Por fim, o guia bebeu bons copos de vinho. Lá se foram...

Nova comitiva veio à balança, outra e mais outra...

Caluférri nem dava pelas horas... E só quando o Sol já ia baixo e a fome apertou houve debandada geral.

Então tudo sossegou no acampamento.

* * *

Não se diria, semanas mais tarde, que era aquela a Terra de Ninguém.

Surgiram, como por encanto, os casinhotos de pau a pique, armazéns, currais e capoeiras, os chingues atibicados com seu ar de coisa perdurável.

E o negócio?

Nem Bruaia, nem o frente, nem Cachicote falavam dos seus enguiços...

As comitivas poisavam de volta como enxames e largavam suas enormes riquezas. Pelas horas da canícula, parecia um arraial de gente acampada, tudo cheio de movimento. Caluférri tinha sorte; gostavam muito do seu modo e da sua paciência. Também Manuel não tinha mãos a medir e até os dois carreiros e Candeeiro «funavam» de conta própria rolos de tabaco e zagalotes para a caça.

Manuel fazia troça deles.

— Então, qui tal o meu terra, Bruaia?

— Negócio é bom, sim senhori! Mas aquele pintainho qui morreu... Você sabi, sô Manuel...

Calou-se. Todos se calaram...

Entretanto, semana a semana, da linha chegavam mais mercadorias, para a linha despachavam-se mais sacos. Como um formigueiro, as obreiras iam e vinham afadigadas em seu vaivém activo e laborioso, espalhando a fama... trazendo a fortuna...

Porém, meses após, quando Caluférri já fazia projectos de voltar à capital do distrito, tentado pela sorte, outro branco foi acampar mais adiante.

E começou a luta.

Caluférri e os seus companheiros indignaram-se contra o intruso que os desapossava dos seus direitos exclusivos e da sua freguesia.

Se o mato era tão grande, para quê vir desassossegar quem estava sossegado?

Não era? Que fosse para outro sítio à vontade, sem acotovelar nem atropelar ninguém!...

Mas já a insistência de volta das abelhas, azoadas com mil promessas e mil intrigas, dividia os enxames.

Ante a perspectiva da derrota no comércio, Caluférri começou a cismar... Nem parecia o mesmo homem. Triste e macambúzio, falava sozinho, abalava horas e horas mato dentro, sem dar um tiro, sem comer, sempre irritado.

— Você estar doenti, sô Caluférri? — perguntou-lhe Manuel uma manhã.

Não respondeu. Olhou para o negro com os olhos muito vermelhos e ausentes...

Depois abalou de novo ao acaso pela floresta... Até que, exasperado, mandou levantar o acampamento. Não queria perder a cabeça, era melhor...

Parecia uma migração. Homens, mulheres, crian-

ças... tanta gente abalada, com o carroção aos trambolhões, os animais, as mercadorias e as bicuatas!...

Manuel desesperou-se.

— Patrão, você deixa meu terra, deixa fortuna... Condinado é qui fica contenti...

— Que mania a tua de chamar condenado a toda a gente!

Porém, à frente do acampamento inimigo o capataz apontou, furioso:

— Ê assim, barriga dêli pareci qui comeu muito feijão. Está mesmo inchado o danado!...

Lá estava «sô Pireira», como lhe chamavam os negros, postado cá fora, de arma ao ombro e mãos na cinta.

Riu-se ao ver passar a bicha de gente... o cafuzo à frente, depois sô Manuel... os bois... os carreiros... todo o pessoal.

Quando mesmo perto da casa, os negros cuspiram para o chão e o branco virou a cara para outro lado... Ouviram então grande gargalhar...

— Ê mesmo condinado, patrão. Branco não fazi assim outro branco!... Nem fosse cão...

Acamparam quilômetros à frente. Desde esse dia a sina vagabunda empolgou os dois europeus.

Sempre que um passava adiante do outro, preparava o que ficava para trás nova debandada; mal o sentia ganhar raízes, avançava também.

Como loucos, correram sertão adentro, numa compita desordenada e inglória. Nunca febre tamanha de egoísmo fora tão devoradora. E nada os demovia, nem a caridade cristã, nem os laços de sangue branco, nem as lembranças de civilizados... Construir casa, para quê? A ânsia era recolher primeiro o caudal de ouro que vinha do coração do mato, que os dinamizava e os enlouquecia numa concorrência feroz.

Viviam nos chingues como os selvagens, deitavam-se no chão duro como os animais, comiam pirão e peixe seco.

Onde iriam parar daquele modo?

Até os negros se riam dos brancos...

Bruaia, cheio de terror, cochichava toda a noite.

— Tu não sabes, Manuel, que o pintainho di sô Caluférri morreu? Isto acaba mal. Diz ao branco que vamos embora para outro mato. Não falta mato!

Ficavam-se assim, horas a conversar perto da fogueira e a fazer planos, mas não tinham coragem para dizerem o que sentiam.

— Branco anda maluco! — disse Manuel, uma noite.

— Quando pega numa teima... não quer saber do feitiço. Diz qui um hómi só mórri uma vez...

Então o frente achegou-se a eles, espavorido. Falou em quimbundo.

— Ouvi dizer que é condenado!...

— Condenado? — perguntaram ambos baixinho.

— Sim, condenado... Tem marca nas costas.

— Quem te disse?

— A rapariga dele...

Cuspiram para o chão.

— Você sabe o que é condenado?

— Sei! Sei! Ê homem mau que matou outro homem.

Traz a alma dele no corpo.

Ficaram-se assim muito tempo... com as mãos sobre o fogo, todos curvados.

Manuel quebrou o silêncio:

— Vou prevenir Caluférri...

Mas, nessa mesma tarde, o cafuzo deu ordem para novamente levantar o acampamento e não houve quem o tirasse dessa cisma.

Era a última vez; seguiria para o sul. Todo o pessoal ficou contente.

Bruaia chamou os bois, e Manuel, com os serventes, carregou o carro. As mulheres e os carregadores tinham fugido quase todos.

— Anau! Anau! Anau!!! Bronférrri!

Passou as peças pelas cornaduras, amarrou as cangas à corrente e depois as juntas às cangas.

Fazia o serviço devagar.

— Sô Caluférrri não anda bom! Pois não anda! — Bruaia olhava para ele. Ia e vinha pela carreteira, de mãos nos bolsos, com os olhos nas árvores, enquanto os negros faziam preparativos para a largada. Depois, lentamente, o carro partiu, com Lampeão à frente, atrás dos bois Cachicote a berrar, Bruaia na boleia e, por fim, o branco montado, com dois ou três carregadores atrás de si. Sô Manuel caminhava em silêncio; só os berros de Cachicote atroavam pelo mato...

Forçadamente tinham que passar ao pé do invejoso. Ele era um inimigo.

— Branco! Désci do teu cavalo! Noiti estar no muito perto...

Caluférrri encolheu os ombros...

Já se avistavam as fogueiras... vultos... chingues... Um cão uivou do lado da floresta e duas poupas iam à frente em voos curtos e tímidos. Agachavam-se mais adiante, para tornarem a erguer-se, a voar e a agachar-se de novo... No mato, uma pequena manada avançava mugindo, com uma choça a badalar.

Tudo parecia aquietar-se em rumores surdos e brandos. Só Cachicote continuava com os seus berros e a sua pita estalidava à mesma por cima dos bois.

— Ei! Ei! Bronférrri! Estiliférrri!

E ao passar...

Quem sabe como sucederam as coisas?

De lá começaram a fazer escárnio de Caluférrri e a rir-se muito alto, para que ele ouvisse a chacota.

Não fez caso, ia sereno.

Apertou as rédeas, mordeu os beiços com força e seguia já para a frente, esporeando o bucéfalo, quando «Sô Pireira» gritou de novo, desafiando:

— Homem, pare lá um bocado! Parece que leva fogo no rabo! Só os cães passam à porta dos brancos dessa maneira...

— Cão é você, seu condena...

Não acabou. Um tiro tinha soado... Passara-lhe a bala perto da orelha, assobiando... e, rápido, ripostara com a arma firme, bem aperrada...

Foi um segundo. «Sô Pireira» deu meia volta e tombou de borco.

— Ai meu Deus! Que grande desgraça!

E só então Caluférrri veio a si. Como louco, aos urros, apeou-se. Correu para o ferido, apalpou-lhe os pulsos e o corpo, a cara... virou-o de costas...

— Homem! Foi sem querer! Que raio de teima a sua! Foi sem querer, ouviu? Foi sem querer! Sem querer! Abra os olhos, pelo amor de Deus!

Assim estendido, o corpanzil parecia maior; um fio de sangue saía-lhe da boca e do peito empastado.

— Matei-o! Matei-o! Matei-o!

Ficou uns momentos petrificado. Depois reagiu. Uma vaga esperança nascia-lhe. Ergueu-lhe as pálpebras de repente; pôs-lhe um ouvido sobre o coração, abanou-o...

— Acorde, homem! Isso não é nada! Coragem! Abra os olhos!...

Estava morto.

Então, horrorizado, começou a tremer e a soluçar. Rugia como fera. Não! Não! Ele não quisera matar! Ele não quisera matar! Olhava para as mãos com horror, arrancava cabelos aos punhados. Aquela palavra — matar — entrava-lhe pelos ouvidos, pelos olhos, pelo cérebro como castigo tremendo. Parecia que lhe enter-

ravam brutalmente uma cavilha na nuca... que as veias inchadas não lhe cabiam dentro do crânio.

— Sim! Sim! Matara! Matara!

Começou a caminhar como um autómato, desvairadamente, em passadas largas, e de novo parou em frente do cadáver, sem ver os companheiros.

— Ah! Patrão! — atreveu-se Bruaia a dizer. — Bem ti dissei, teu pintainho morreu. Quimbanda falou mesmo verdádi! T'á i Patalão!

— Era condinado!... — sentenciou Manuel.

Ergueu o casaco e a camisa do morto para se certificar.

— Cá está a marca dêli mesmo! Era condinado. Branco a isto, seu hómi!

Manuel e Bruaia foram pela ferramenta e começaram a abrir a cova dentro do chingue.

— Bem funda... Eh! Fica mesmo no casa dêli!

O cafuzo sentara-se à beira do caminho, com a cabeça entre as mãos e os dentes cerrados. Sentia-se aniquilado como se lhe estivessem a tirar o sangue das veias.

Depois ficou só o barulho das enxadas tinindo contra a terra dura. Quando parara era noite bem fechada. Uma grande fogueira iluminava o mato através dos troncos.

Chamavam Caluférri. Cambaleava como bêbado e assim chegou perto da vítima.

Cruzou-lhe as mãos e mandou que o depositassem cuidadosamente no fundo da cova. Ele próprio, já mais sereno, ajudou a enchê-la de terra e a pôr pedras por cima para que as hienas não violassem a sepultura. Também mandou enterrar à cabeceira dois paus em cruz. Em seguida benzeu-se. Tinha os olhos inchados e as pupilas secas cheias de febre.

Disse a Manuel, sacudidamente, que voltasse à linha com o carro; que entregasse todos os seus haveres à

família do morto. Ele não tinha ninguém. Contassem tudo, como sucedera...

Os quatro negros quiseram intervir, demovê-lo daquele propósito, mas o cafuzo deitou-lhes um olhar feroz — que os fez desistir. Apertou a mão de Bruaia, de Cachicote e de Candeeiro e abraçou Manuel.

— Obrigado! — disse. — Obrigado!

Chorava.

— Você, seu Caluférri, vocimicê ondi vai assim sozinho? — perguntou-lhe Manuel aos soluços. — Deixa ir eu com você, branco! Um hómi só no mato, mórrri! Mórrri mesmo, patrão!

O cafuzo, porém, encolheu os ombros. Rápido, sacudido, montou a cavalo, olhou em frente, fez um gesto largo a indicar a vastidão da selva e partiu, espreando com fúria o animal.

Carreteira em fora, quase a perder-se de vista no escuro da floresta, voltou-se e ergueu ao alto o chapéu largo. Os companheiros lá estavam atravessados no estradão, de pernas escanchadas, braços caídos... Só Candeeiro erguia acima da espane um facho vermelho de capim ardente e gritava como um possesso:

— Adeus! Adeus! Adeus, meu patrão!...

E foi nesse momento que avistaram de novo a rapariga, a correr ao lado do cavalo. O branco não ia só!

COLONOS

Há bastantes anos fomos ver uma linda horta, para as bandas do cemitério, e encontrei lá o velho. Era alto e curvado, de poucas falas.

Tinha a cara e as mãos tostadas como um berbere, a barba toda crescida e branca de neve, os olhos muito vivos e penetrantes. Usava sempre o mesmo fato de caqui, abotoado até acima como um verdadeiro cafuzo, o mesmo chapéu à militar de aba larga, correia por baixo dos queixos e as mesmas botifarras cardadas, grandes demais para os seus pés...

Quem não conhecia, na cidade de S. Filipe, aquela curiosa figura de colonial?

Todas as tardes, aí por volta das quatro ou cinco horas, passava à frente do Miguel Cigano, virava depois à esquina do largo e encaminhava-se lentamente para a planície deserta. Ia sereno, mãos atrás das costas, tamborilando com os oito dedos maiores sobre as maçanetas dos polegares.

Aquele tamborilar era indício de abstracção. Se o cumprimentavam, levava maquinalmente a mão ao chapéu, mas não parava; as suas pupilas fixavam-se interessadas naquele renque de verdura pujante, estendido por bons dez mil metros quadrados aos pés dos morros

mais secos, desertos e escaldantes que olhos humanos jamais viram.

Lá diz o grande escritor fluminense e com muita verdade:

«Cada qual tem o seu balão».

Pois o balão do velho era a horta.

Queria lá saber de negócios naquela altura! A sua alma fugia do caos das cifras e da rotina do Deve e do Haver como o diabo da cruz, para se embriagar na ideia fixa — quase mania — de criar uma horta, uma grande horta, modelo das hortas, capaz de satisfazer todas as necessidades e exigências daquela capital burguesa e sedentária. Pois não vivia ela, ainda e tão-sòmente, agarrada aos velhos princípios comerciais do lucro ao balcão e pelo balcão?

— Que lhes preste!

Parava de vez em quando, ria-se, gesticulava, falava sòzinho... Parecia querer convencer alguém da sua razão, mostrando e desenvolvendo projectos em largos gestos que abarcavam a terra toda, até mesmo à ponta negra do Sombreiro... Depois erguia os olhos vagos para o horizonte fechado e barrento e continuava o seu passeio...

Diziam-no doido.

Naquela altura em que o divisei, por entre espeques de feijoeiros e renques de tomates salpicados de vermelho, ele tinha o célebre chapéu de aba larga à militar deitado para a nuca e estava sentado no rebordo da cacimba.

A cacimba! Todos os quintais têm uma cacimba, mas não sei se sabem o que é e o que representa uma cacimba. Realmente não passa de um poço; talvez menos profundo do que muitos dos metropolitanos, porque o lençol de água anda mais à superfície, e mais largo... talvez... Mas naquelas calcinadas terras a cacimba é

um símbolo. Sim, um símbolo de civilização, um símbolo de vida... do engenho do branco... Ninguém diz: «Vou tirar água ao poço». Não. A frase é esta: «Vou tirar água da cacimba». E aquela era funda e invulgarmente larga, própria para terras de regadio.

Construída havia mais de vinte anos pelo velho e havia mais de vinte anos enramada com boas castas rústicas de videiras portuguesas, enquadrava-se maravilhosamente no cenário típico de qualquer herdade da Estremadura. Um moinho de vento erguia-se altaneiro por cima dela.

Gostei do velho e entabulei conversa com ele. Tinha mesmo uma ternura especial por todos os velhos! Interessavam-me as suas rugas fundas, o seu ar cansado e misterioso, a sua vida, as suas histórias cheias de movimento e de bravuras, as suas saudades...

«No meu tempo...» E ao ouvi-los nascia-me cá dentro não sei que dúvidas e incertezas na evolução do mundo e das almas para melhor...

Certo. Eu era moça, alegre e optimista... mas admirava os velhos. Tinham em si qualquer coisa de grande, qualquer coisa de maravilhoso... As suas mãos nodosas faziam pensar em muitos trabalhos e canseiras, e a sua pele, encarquilhada e amarela como um pergaminho, numa alma tão trabalhada pelas mãos de Deus e do destino como as penedias teimando em resistir e sempre batidas pelas ondas do mar, descarnadas, cheias de frinchas, de luras, de sulcos profundos... E em cada lura e em cada frincha, quantas maravilhas escondidas!

As suas almas!

Não eram elas como aqueles jardins dos tempos antigos, com árvores carcomidas e frondosas, cheias de beleza e de silêncios repousantes onde o tempo marcava a sua passagem e deixava no ar a neblina do sonho? Ah! Não são como estes jardins de agora, todos tos-

quiados e enformados, com o sol a esbrasear-lhes a terra, em vez de brincar através da folhagem, e onde as flores têm medo de lançar as suas cabecitas e as suas corolas garridas acima das outras, ao acaso. É tudo por medida, tudo a talhe, e as aves fogem e vão mais longe fazer seus ninhos e trilar suas cantigas!

As almas... as almas procuram o sonho... São como as aves... anseiam por se lançarem livres no espaço, batidas pelo vento, pelas tempestades!

Mas voltemos ao velho...

Ele lá estava, sentado no rebordo da cacimba, e olhava com ternura, ora para os cachos mirrados da ramada, ora para as mangueiras em fila plantadas por ele, ora para os tabuleiros de viçosas hortaliças. Era aquele o seu mundo, um pequeno mundo é certo, mas paradisíaco, e sorria-se comovido, tal e qual os pais fazem aos filhos, quase babados.

Tinha a sua história aquele velho... uma história triste...

E não serão todas tristes as histórias dos velhos? Todas cinzentas como uma paisagem nostálgica de Outono?

Porquê?

Será que as almas depois de terem vivido muito e de muito terem sofrido perdem a cor ou a coragem como o próprio cavaleiro andante de que nos fala o poeta, o cavaleiro do sonho com os olhos azuis cor de esperança?

Sim, este colono aportara àquelas terras ardentes cheio de fé. Tinha, então, vinte anos e ia agora nos setenta e pico. Como fora que Angola o prendera assim? Com que encantos bárbaros, com que aliciantes ternuras?

Ora! É na força da vida que se sonha. Que nasce dentro do peito aquela ânsia desmedida de glória impelindo as almas para grandes feitos. Não foi essa mesma

ânsia que levou Gama às Índias e Cabral às terras de Santa Cruz? Que fez criar novos mundos com o trabalho humilde de humildes cabouqueiros?

Há sempre qualquer coisa de bom, de mais forte e de mais vivo em tudo o que é novo; nas gentes, nos países, nas ideias e nas obras.

E quem é que não sonha? Sim, digam! Desgraçado do que for batalhar sem essa luz a alumia-lo, sem essa força a dar-lhe força... Não chegará nunca ao fim do seu caminho...

Pois o nosso velho também sonhara; sonhava ainda... Ganhava ao balcão para enterrar na horta, quando podia fazer como muitos outros que ganhavam ao balcão e perdiam de noite na batota. Queria plantar mais mangueiras e julgava poder vê-las ainda a dar fruto...

Quimeras? Visões?

Se ele tinha alma de camponês! De resto todos nós temos um pouco de lavrador. É o Sr. Dr. Juiz que pensa na fazenda para descansar depois da reforma ou nos dias de férias; é o médico que nos intervalos das consultas ou mesmo das operações discute o preço da moenda de dendém para as suas terras do Seles; ou o secretário, o chefe, o administrador que vai por esse mato fora em busca de novas fibras, de látex preciosos e até de flores raras... Tal e qual, com a mesma paixão com que o cavador passa fome e misérias para conservar sete palmos e meio de terreiro e esterco. A terra tenta, prende o nosso coração, muitas vezes nos perde. Mas não desistimos de a possuir.

E o velho? Onde ia eu? Ah! Já sei... Perdoem... Isto é um jeito antigo de falar sòzinha...

Pois, como ia dizendo... Quando ele era moço, ganhava ao balcão e enterrava na horta, na sua horta, com tudo o que uma boa dona de casa pode apetecer... Ricas alfaces repolhudas, pimentos, couves de todas as

qualidades, acelgas e cenouras, tomates, quiabos, feijão verde... E até ervilhas e melões, daqueles rendilhados de Coimbra... Então árvores de fruto? Desde a manga, à pinha, ou o mamão à pitanga, à anona, até às uvas, as laranjas e tangerinas, os morangos de todas as qualidades, uns grandes, vermelhões, outros mais bravos, pequenos e perfumados, de tudo lá havia. E bananas? A pão, a maçã, a prata, a ouro, a anã, a roxa... Das videiras, quando podadas a tempo, havia duas colheitas no ano, e as laranjeiras estavam sempre cobertas de flor, de frutos verdes e frutos maduros... E mais, naquela terra nunca crescera ungoté; era amarela e barrenta como a dos morros.

— Uma riqueza, como vêem — disse-nos ele entusiasmado. — É questão de aproveitá-la... A terra não é ingrata como os homens, tudo agradece... tudo retribui...

O destino porém, levou-me para o interior; esqueci-me da horta e do seu dono original. Mas o mundo é bem pequeno, muito pequeno mesmo! Pessoas que nunca mais avistámos, quantas vezes há dez, vinte ou trinta anos, de repente voltam a aparecer na nossa vida ou surgem inesperadamente no nosso caminho. Foi o que sucedeu...

A uns oitenta e tantos quilómetros da linha férrea, quando passávamos a cavalo e em pleno matagal, na região entre o Cuporolo e o Catumbela, deparou-se-nos o exemplo mais frisante do que pode a vontade e a persistência do homem. Imaginem-se longe de todo o labutar humano, de toda a vida civilizada... Nem fumos de casal nem colmos de choupanas. Só a floresta imensa, com os seus ramos emaranhados num abraço eterno de milhares de séculos.

Pois no meio deste matagal, como nos contos das fadas, surgiu à nossa frente largo portão de tacula, aberto de par em par; uma casa comprida, de lojas e

sobradinho à direita e torreão altaneiro à esquerda e um vasto terreiro interior fechado por outras construções espaçosas e todo empedrado. E isto limpo, caiado.

Estacámos surpreendidos. Não julguem que se tratava de coisa rústica, não. As casas tinham janelas de vidros e beirais de telha e para o terreiro davam as oficinas e a moagem com maquinaria da mais moderna. Por exemplo: serras circulares grandes e pequenas, de voltear, serras a prumo, moinhos das melhores marcas, peneiras de primeira, de segunda e terceira, tudo ligado a uma infinidade de roldanas, correias e poleias que se cruzavam por cima das nossas cabeças e iam ligar-se ao veio principal movido a vapor. Pasmados diante de tanto apetrechamento caro e tão sólido, nem nos atrevíamos a falar. Parecia quase um milagre transportar àquela distância e em carros boeres tudo o que ali estava patente a nossos olhos...

Levaram-nos também a ver a casa, quarto por quarto e sala por sala, mobilada e arranjada com certo gosto, o que é raro em semelhantes paragens.

Esperariam alguém de cerimónia? Onde estava a fada daquele jardim com canteiros de violetas e tangerineiras carregadas de fruto? Onde as mãos que colheiam as rosas e o «imangolo» perfumado que trepava pelas paredes com as suas estrelinhas muito brancas? Mas o que nos deixou lembrança imorredoura foi o chalé, distanciado dali uns cento e cinquenta metros. Era uma casinha de bonecas, toda rendas e laços, rodeada de cretones berrantes... Como o meu companheiro perguntasse quem era a dona feliz daquele pequeno paraíso, o empregado olhou para nós tristemente...

— Então não sabem?... Morreu aqui a menina... Era a casa da menina...

— Ah! Foi então para a menina que o seu patrão fez isto tudo?

— Foi...

Caímos em silêncio... A planura sem fim avistava-se dali e aterrou-me. Depois, para lá da planura recomegava a floresta... Os meus olhos só viam verde, verde, verde... e no horizonte engastava-se o azul desmaiado do céu, como uma concha infinita, rútila, linda. Fiquei cega...

O velho da horta era dono daquilo... Tivera uma filha muito querida... Vivia em Portugal a menina, feliz e despreocupada, enquanto o pai trabalhava para ela dia e noite. Ao tempo de a criança se fazer mulher, ele viera para ali e construíra aquele ninho. Sentia-se só. Escrevia cartas sobre cartas enternecedoras e ficava tempos infinitos a olhar para os olhos meigos e inocentes do retrato que ela lhe mandara! Naqueles olhos e naquela alma pusera ele todas as esperanças da vida! Os filhos pagam sempre as culpas dos pais, mas a sua menina não havia de pagar...

Então a rapariga mandou dizer que adorava o seu paizinho, que nunca poderia esquecer o que o seu bom e querido paizinho por ela fizera; tantos sacrifícios para a educar, tanto dinheiro gasto com os seus luxos... Chegara a sua vez de retribuir em carinho, afeição e beijos o que generosamente recebera durante tantos anos...

O pai, ao tempo já rico e a entrar nos cinquenta e tantos, ficou radiante. Atrás de um projecto vieram logo outros projectos; construiu, planeou, sonhou... O coração humano é assim, anda sempre ao mando da fantasia... e ele já via a filha casada, feliz... Imaginava-se rodeado de netos... Que mais poderia desejar? Essa ideia de ter chegado ao fim do caminho traçado enchia-o de pasmo... Poderia morrer descansado... não é? Já nem se lembrava das noites a rolar fardos, dos dias a medir metros de fazendas e copos de vinho, do peixe de

fardo e do pirão que comera como os pretos para cobrir de luxos a menina. Sim, passara muita miséria, curtira muitas febres e dormira ao relento pelo mato...

A chegada da filha não se poupou em despesas. Tudo o que uma mulher pode desejar ele mandou vir para ali: flores, livros, um piano, uma grafonola, roupas, mobílias, louças novas, despensa farta e variada... criados... Só faltava a fada que movimentasse com a sua varinha de condão pessoas e coisas...

Não perguntámos se a menina fora loura e branca ou morena e de olhos escuros... Se fora triste ou alegre, uma alma aberta ou fechada e pensativa... Mas o que soubemos tornou-nos ainda mais silenciosos...

— De princípio — disse o empregado — tudo correu bem. Ela era a nossa rainha e à sua volta quase andávamos em bicos dos pés. Por seu lado o pai cobria-a de mimos e carinhos... Merecia-o. Nunca tinha mau modo para ninguém; muitas vezes pedia por nós...

— E depois?

— Depois... entrou a entristecer... Aparecia de manhã com os olhos pisados de chorar... Nós bem víamos que sofria, mas não tínhamos coragem para dizer ao patrão...

— Seriam saudades? — insistimos.

— Sim, deviam ser saudades... Ou este mato e este clima a pesar-lhe no coração... Eu sou homem e também o sinto muitas vezes... Aqui só se pensa em trabalho... trabalho... e mais trabalho... E quanto mais se trabalha maiores nos parecem as terras e os dias... De resto, escondia a sua tristeza. Diante do pai ria-se muito, enchia-o de ternuras...

Quando o velho deu por ela, já era tarde. Quis mandá-la para a Metrópole — recusou-se. Levou-a uma temporada para a sua casa do litoral, andou em bailes e festas, viajou pelo planalto; não houve nada que não

fizesse para a salvar e distrair... nada... nada... em vão... Um dia, quando já meio convencida da necessidade urgente de partir, com um sorriso, completamente desapegada da vida, morreu como um passarinho... Enterrou-se debaixo daquela incendeira e a árvore todos os anos tenta lançar sobre a campa as suas raízes aéreas. Sabem os senhores? Faz-me impressão aquela teimosia da árvore em querer chupar a terra justamente naquele sítio...

— E o pai?

— O pai... feito velho em poucos dias, raras vezes cá voltou. Está para aí tudo abandonado... As coisas vão apodrecendo sem proveito para ninguém... Até faz pena... De vez em quando ainda ameaça para cima com uma próxima visita, para que os empregados cumpram as suas ordens de manter tudo como se a filha vivesse, mas não aparece.

Estamos nisto há vinte anos!

— Vinte anos!

Partimos com o coração apertado!... Durante o resto da viagem pouco falámos... como se o mato para nós tivesse perdido o anterior encantamento...

E o velho? Devia andar perto dos oitenta...

Tornei a vê-lo. Olhei bem fundo nos seus olhos, apertei-lhe a mão com mais carinho... Vivia só. Era rico, tinha muitos empregados, casas, propriedades, as lojas cheias de fazendas, mas vivia só. Diziam que estava muito caquético e não regulava bem dos miolos... Eu ponho em dúvida essa afirmação. Será porque continuava a passar as tardes na horta e a falar com as suas mangueiras? Ou porque fazia projectos para que ela se estendesse até ao mar? Se a terra era de ninguém! Que mal haveria nisso?

Pois sonhar não é viver mais intensamente a vida?

Não será pura e simplesmente viver? Não, o velho não estava doido; era uma pobre alma agarrada às suas próprias sombras, uma pobre alma batida pelo vento, rasgada de lés a lés, cheia de cicatrizes e de remendos; como as velas de certos barcos que, mesmo velhinhas e puídas, ainda resistem, ainda fazem navegar os homens, ainda aguentam com a tormenta e dão fé e dão esperança...

TURIÃO

Todos os dias, percorrendo o caminho até à margem do rio grande, o pescador passava perto da casa de Curico, seu inimigo figadal. Surgia nas dobras da lombeira, pela veredazinha sombreada, arrastando a perna monstruosa à prova de jacaré e pigarreando seu bocado, quase derreado pelo caniço ou pelas redes ao dependurão.

Mal o pressentia, Curico assomava à entrada da palhota e, ao rilhar do seu cachimbo, franzia os lábios descaídos, a face aberta num riso escarninho e mau. Cuspinhava à direita e à esquerda como se tivesse um grande nojo; as pupilas e até a sua pele pergaminhosa, de um amarelo mais que torrado, lampejavam de fogo do inferno, virando a cor como os lagartos das pedras.

Turião seguia seu caminho sem mais aquelas, no mesmo passo indolente e do mesmo modo balanceando, a assobiar modinhas de S. Tomé.

Mardita à terra...

Aiué!

Aiué!

Ondi si pesca câmárão no serra...

Aiué!

Aiué!

Se adregava encontrar, um pouco adiante, gente do quimbo ou moça na faina dos arimbos, abrandava a marcha e elevava a voz de contrabaixo. Era, então, um nunca acabar de perguntas e respostas:

— Como vais? De onde vens?

— Que viste?

— Que fazes?

— Que há de novo?

E, sem parar, o seu vozeirão reboava pelo mato em gargalhadas fundas e espaçadas.

— Ô! Ô! Ô! Mãe... Quêris peixi? Um prisentinho, hem! Peixi num cai na rêdi! Peixi andar no muito esperto!

Gostava de mostrar que era português de lei àqueles malvados que só falavam no «chinguerês» da missão. Ele não falava o «chinguerês», ele só sabia língua de branco, e o «chinguerês» não era branco, era «chinguerês» mesmo! Como o «arimão», como o china da «combaca» era china...

Fora baptizado pelo branco, vira muito mundo, andara no navio e tinha as suas ideias sobre nacionalidades...

Que nenhum daqueles brutos lhe tocasse nos brancos e nos seus brios!...

Enfurecia-se...

O outro via-o desaparecer entre os arbustos ou nos terrenos suaves da última naca, lá mais para baixo.

Irritava-o a alegria mansa de Turião; seguia-lhe os passos pelo ondular das praganas bravas e corimbos ou pelos gritos selvagens lançados aqui e além ao longo do riacho. Por fim despegava-se daquela visão, reunia as cordas de londobe, metia à cinta o porrinho e a machadinha e lá ia defrontar-se com o velho.

Naquele dia, porém, quando Turião chegou ao açude, já Curico, alapado na outra margem, há muito vigiava.

Seguiu-se a mesma cena habitual.

Os dois homens avançaram de um lado e do outro do açude de pedra solta. Turião parou à entrada, ergueu o braço e botou fala em quimbundo:

— Sr. Jacaré! Saiba que já meu avô era pescador e nunca bicho deste rio se meteu com o seu feitiço. Ora fique assim... Perna de Turião nunca foi para o seu dente, ouviu?

E, dizendo isto, avançou até ao meio do rio, sacudindo de lá do fundo do caniço os belos peixes que abundavam sempre do seu lado e fugiam dos alçapões de Curico.

Foi preciso presteza e golpe de mão firme. Um bagre de mais de metro, viscoso, negro e com quatro grandes barbichas ao dependurão, escabujava no meio dos peixes mais pequenos cobertos de escamas. O velho pescador tirou a machadinha da cinta, riu-se para o inimigo e rachou com um golpe certo a cabeça chata do siluro.

— Nosso Sinhô ajuda quem tem coração limpo! Stá-i! Todo o mundo pôdi vê! — sentenciou convicto.

Curico virou-lhe as costas com um «laripó» (adeus) muito seco e duro, e seguiu depois, do seu vagar, na pesca à chumbeira do outro lado da margem.

O que ia na alma dele era inveja, «chipurulo» puro e simples, inspirador de ódios e ruins paixões. Porque Turião, em tempos idos, fora seu mestre na arte. Mostrara-lhe como o branco atira as redes pelos bordos remansados sobre as belas carpas prateadas; caíra mesmo em o amestrar na compostura dos «chiengos» e caniços, cestos grandes de lombalas fininhas e canas rachadas ao meio; correra uns quilómetros abaixo e acima, indicando os melhores pegos e os rápidos mais acertados e fáceis para a montagem de pequenos açudes. Tudo isso, que ele cocara nos outros com tamanha habi-

lidade, ou debruçado dias e dias sobre a corrente soubera adivinhar, ele, Curico, aprendera num rufo. O rio não tinha segredos... Pelo borbulhar das lagoas, ambos sabiam ao mesmo tempo dos cardumes; roteavam a marcha dos peixes seguindo as cristações da superfície da água, ou, mais ainda, nos plainos varados pelo sol esperavam juntos que picassem o lambisco, horas seguidas... acocorados...

O danado do peixe!... Mesmo o mais miúdo só encarreirava para a linha de Turião. Às vezes, Curico estava quase a apanhar um cardume de carpas. Via-as cortar a água, saltarem, um guia à frente, as outras atrás em triângulo... desconfiadas... Atirava a chumbeira, rápido, fechava a rede... Elas guinavam para a esquerda e eram apanhadas pelo velho...

No entanto, até o esconjuro contra o Sr. Jacaré, cobarde e traçoeiro, o caminho da subida e da descida do peixe, a época própria das pescas, as manhas e os costumes de certas espécies que só abundam onde crescem ervinhas e limos raros, ou nos fundões negros e lodosos, ele de bom grado ensinara àquele filho ingrato.

E como lhe pagava agora?

Sim, como lhe pagava?

Daquela forma... Pior que bicho!

Já o rio ia baixo e manso como um córrego, todo ele espreguiçado nos pequenos areais, ou por entre pedregulhos polidos como seixos em murmulhos brincalhões. Pela terra chã, cortada de profundas arribas, só os caniçais impavam lodo em fora, de um verde mimoso e tenro que as queimadas tinham poupado. E, sobre eles, as viúvinhas esvoaçavam lentamente, a custo abrindo caudas tufadas como cometas.

Era lindo aquele mundo exótico! Agora que as águas se sumiam mais e mais e voltava um pouco de calor,

parecia que plantas e bichos cantavam a plenos pulmões a sua alegria de viver. Bem curta era essa vida à beira rio. Não tardariam as chuvas e tudo de novo seria mergulhado até ao ano. Por isso mesmo, aquela ânsia nas seivas, aquele fervilhar nos ramos, aquele abrir e fechar de pétalas de um dia para o outro.

Arvoretas pendidas debruçavam-se sobre a corrente; cada raminho carregado de flocos, por mais leve que fosse, baloiçava ao sabor da brisa um ninho de tecelão e do raizame ao léu saíam os pica-peixes cortando a água rasa e as galinhas pretas beberricando à margem.

Quebrado o encanto dos três meses de frio, as pontinhas mimosas do ungotte surgiam também como a medo pelas anharas; cores flamejavam à toa pelo mato, em clarões de brasas e roxas. Mas era principalmente nas duas margens que a vida borbulhava. Ah, que maravilha nos pegos cobertos de rosas de água coalhadas em manchas amarelas e azuis!... Quantas folhas a boiar, quantas trepadeiras enredadas sobre a terra ressumando a húmus gorduroso! E nas lagoas, aqui e além, bandos de mergulhões e marrecos, com as cabeças muito brilhantes, ou então de asas vermelhas e verdes, brigavam às corridas, enchendo de alacridade a planície deserta...

Um dia, Turião chegou lá de baixo cheio de calor, a lembrar que era tempo...

Os rios tomavam outra cor, os patos desarvoravam, as chuvas não tardariam a vir e o peixe seguiria novo rumo para paragens longínquas e desconhecidas...

Quando é que falhava um aviso de Turião?

Por isso, logo de manhã, duas moças pisaram o «calembi» sobre as pedras, e o pescador, verificados os preparativos, andou a espreitar as lagoas uma por uma, fechando a mais povoada, do lado do rio.

À hora do sol, todo o quimbo estava ali reunido;

mulheres numa bicha interminável, com os seus «chien-gos» à cabeça, crianças e canemas de pomos tatuados, homens e rapazes formando na margem um renque selvagem e compacto com arcos e setas.

— Vá, firme! — gritou Turião.

— Avancem as mulheres!

— Espalhem «calembi»!

As ordens foram rápidas e decisivas, todos obedeceram sem hesitações. E um matula de ébano, metido à água a nado, fez voltar um dos cestos cheios de ervas pisadas que deixavam à superfície um lastro esverdugado.

Já para as margens fugiam miríades de peixinhos; muitos, virados de barriga para o ar, eram apanhados à mão pelos garotos. O entusiasmo crescia, as mulheres riam-se de contentes e os homens faziam um babarêu infernal, aos gritos, aos assobios, aos saltos prodigiosos de cada vez que uma seta atingia o alvo. Era a festa pagã do rio, a natureza primitiva e bárbara do homem dando largas à sua alegria.

Mas só ao fim de tempo o trovisco deu efeito até ao fundo da lagoa.

Então os peixes, desvairados, vieram ao cimo e, de cabeças erguidas de fora de água, espadanando a toda a velocidade, procuravam refúgio seguro que os livrasse do veneno. Os negros apontavam, as setas choviam; e os bagres, debatendo-se, galgavam a lagoa de lés a lés, numa vertigem louca, levantando ondas de espuma, com os ferros espetados na carne.

Perto da embocadura, as mulheres afundavam os cestos e apanhavam os fugitivos com presteza.

— Ih... Santo Deus, qui farturinha!... Nosso Sinhô é papai!...

Curico olhou Turião de revés.

— Nosso Sinhô! Nosso Sinhô! É esse o feitiço com qui você apanha o peixe?

O velho replicou-lhe com azedume:

— Ah! Ah! Você é mais bruto qui meu cão! Nosso Sinhô é «Suco» e o «Suco» é qui dá tudo. Você não sábi? Não presta mesmo pra nada! Sua pésti! — e beijou duas vezes a cruz do rosário que trazia ao pescoço desde que fora à Missão do Cuando, no tempo das chuvas. — Pra qui quéri você as pernas, si nunca vai ver mundo? Pra qui quéri você a língua si não aprêndi nada? Eu não tem feitiço pra você, você é que é mesmo feiteiro...

Estiveram quase a pegar-se, com os olhos injectados, punhos erguidos...

Mas os outros começaram a berrar contra Curico.

— Não tem vergonha! Levantar a mão para o velho!

Só ao fim da tarde surgiu das pedras uma peça maravilhosa, com o costado negro e gigante.

— É para os pescadores. Os pescadores que façam as pazes! — disseram todos.

Turião e Curico, em prodígio de pontaria e agilidade, acertaram uma, duas setas, feriram o peixe de morte.

O bagre reagiu. Já nas vascas da agonia e ainda cortava a água como um raio, a cauda em vibrações espasmódicas, às guinadas, aos estrebuchões. Erguia-se todo a prumo no ar, com as setas ao dependurão, dava saltos prodigiosos como uma cobra, ou mergulhava de novo para logo reaparecer mais ao meio da lagoa...

Por fim, exausto, ficou estendido e virado a todo o comprimento.

Logo ali o ódio de Curico explodiu numa grande tempestade.

— O peixe é meu, porque a minha seta está espetada na cabeça!

— Então, com a barriga aberta o peixe pode viver?
— perguntou Turião aos assistentes.

— Diz! Anda! Fala!

Ele sabia tirar desforço habilidoso e destruir todos os raciocínios de Curico. Depois, voltando-se para os outros, acrescentou em quimbundo:

— O peixe não pode viver sem tripas! Sem comer, tudo morre. Até as plantas, até a terra. Que dá a terra sem a semente? Ela come a semente. E que dá a semente sem água? A semente come a água. Não vai nem para mim, nem para ti. Cada qual recebe uma metade! — E ele mesmo, com a sua faca, partiu o bagre e distribuiu os bocados.

No dia seguinte, Turião e Curico encontraram-se ambos à mesma hora na lagoa.

Foram ao respigo pelo açude. Turião tinha um peixe pequeno no seu caniço; Curico absolutamente nada.

— Vês?

Curico, porém, estava calmo.

— Deixa-te disso! Para quê andar em questões? Não é? Bebe antes um pouco de cachaça para matar o bicho...

Sentaram-se ambos nas pedras. Os olhos do velho luziam e o rio escachoava em gorgolejos, lambendo-lhes os pés, para logo ali se estender nas margens sobre a areia fina e clara. Tudo quanto as pupilas abarcavam, ria... ria... inundado de sol, poeirado de ouro, quase fulgindo na tepidez cariciosa da manhã. Sentia-se a paz que penetrava as coisas e os seres...

— Pois então! — respondeu. — O rio chega para todos. Sim, senhor, sejamos amigos. É o que eu quero! — E Turião gargalhava, já alegrote, beberricando sempre da cabaga.

Aquela, sim, era da boa!

— Onde a arranjaste? Veio dos alambiques de Canda, hem? São uns espertalhões aqueles malandros! Não pagam díizimo.

Ficou-se em silêncio a olhar a água... o céu...

Penhascos roboludos duma ilhota dividiam o rio em dois braços preguiçosos. Era ali que os pernaltas se extasiavam, borrachos de luz e de sol. Lá estava um a embebedar-se... espanejando as asas compridas, com uma pata levantada e imóvel.

Turião estendeu as mãos ao inimigo.

— Acabou-se a inveja, homem! Põe o teu coração limpo e o teu caniço ao pé do meu. Queres assim? Estou velho... «Uacuca muénè»!... Velho mesmo! Não vale a pena...

Exigiu que Curico trouxesse os apetrechos dele. Depois foi colocar os dois alçapões no mesmo sítio, disse as palavras que chamam o peixe. Galgou o pegão de calhaus, debruçou-se sobre a água, pegou nas cordas para amarrar...

Mas ao tempo pareceu-lhe a corrente atraí-lo de cabeça, com uma força sobre-humana a que os seus membros chumbados não resistiam. Quis erguer-se e não pôde. Ah! Pai do Céu, que seria aquilo? Aterrado, veio-lhe a noção exacta do perigo. Viu, num lampejo de lucidez, a sua perdição... A água, correndo veloz, fazia-lhe andar os miolos à volta, estava como que assombrado, nem reagia nem gritava. Depois... a terra fugiu-lhe dos pés, os calhaus rolaram, sentiu o vácuo... Todas as suas forças eram impotentes para vencer a inércia da alma, deixava de querer e de existir, e o seu corpo, o seu corpo pesado e enorme, chapinhou no pego, de bruços, com os braços abertos, quase hirtos.

Durante um instante a superfície negra borbulhou aos arrepios e a cegonha em cima do penhasco abriu as asas com um guincho estrídulo, riscou o espaço...

E mais nada...

A paz de Deus sobre aquele recanto estranho, um sol esbraseante causticando a natureza meio adormecida e sobre o penedo a mesma cegonha extasiada, e sobre os caniçais verdes as mesmas viúvinhas arrastando o seu luto pesado e a sua tristeza pungitiva...

SOLDADO N.º 7
DA 10.ª COMPANHIA

Nessa noite, após um dia de negócio movimentado e barulhento, Manuel Catongo, ex-soldado n.º 7 da 10.ª Companhia, faz projectos para a volta.

Qualquer coisa de muito doloroso aperta-lhe o coração; não lhe sai da ideia a mulher e o quimbo.

O quimbo!

Lembra-se de tudo, dos mais pequeninos nadas... E é tão boa a vida na sua terra com as manadas sempre em movimento!

De manhã saem uma a uma, mato fora. À tarde voltam aos sambos com os pastores, badalando os chocalhos... Depois, já no cercado, enquanto as crias se não juntam às mães, que rugidos impacientes!

Abre-se a portinhola e as bezerras aí vão, correndo como doidas, aos pinotes, rabo no ar, e atiram-se às tetas retesadas pelo leite, marram a puxá-lo, com o focinho lambuzado e escorrendo. As vacas todas se escancham...

Catongo muitas vezes as observa sentado perto do cercado, quando elas mugem baixinho e lambem as crias com a pele aos estremeções...

— Sô Manuel, você não vem?

— Não, não vou! — responde secamente. — Falem vocês; não estou para aturar histórias de brutos!

Os seus carregadores acocoram-se lá fora em volta da fogueira. E, enquanto as chamas sobem ao ar crepitando, Catongo, encostado às lombaldas do chingue, chupa o cachimbo com calma e estende as mãos ossudas para o brasume da ceia.

Aquela aflição não é só por causa da mulher e do quimbo; também os garotos lhe vêm à mente, brincalhões como os bezerras da manada.

Mas... aí está a maior paixão da sua vida: a manada. Por causa dela, todos os anos, desde que recebeu baixa do seu comandante, embrenha-se naquela maldita terra e vem «funar» mais uma vaca!

Ri-se circunvagando os olhos com prazer ao redor das latas de óleo dendém e das bolas de cera já compradas; mais um bocado de paciência e as cargas estarão completas para fazer a troca na sua terra, da «nema» ou da «baripa». Sem paciência não se ganha nem para um rolo de tabaco, e ele bem vê o branco seu amigo, dias e dias ao balcão, à espera do negócio...

Tudo aquilo que ali está constitui uma fortuna para Catongo.

O dia foi bom, muito bom mesmo. O pior é voltar!...

Maldita gente aquela! Foi sempre assim; conhece-a muito bem.

Ê traíçoira? Ui! Ui! Até na carapinha esconde picos venenosos.

As lúgubres histórias voltam-lhe à mente; dos funantes como ele, atacados e espoliados pelos caminhos à ordem dos sobas; das armadilhas para apanhar incautos e martirizá-los; depois, ao som da puíta e do batuque... enquanto a panela ferve para a cozedura...

— Não, um homem, por mais corajoso que seja,

nunca deve atrever-se sozinho por estes «macangos»... de comedores de gente — pensa.

Lembra-se de que foi soldado, o soldado n.º 7 da 10.ª Companhia...

— E soldado também tem medo?

— Soldado é valente mas tem medo, sim, senhor! Só um grande feitigo livra da traição!

Manuel Catongo não anda só. Trouxe do Bucoio, junto à raia do Seles, um bom carregador da sua raça. Os outros, arranjou-os pelo caminho.

E a sua faca? O jabite afiado e de cabo rijo? Além disso, tem um trabuco de grande alcance, que mete respeito a muito atrevido...

Assim pensa e chega dois pauzitos sobre as brasas.

Noite sem lume faz vir maus pensamentos. Os seus olhos de conta fixam a entrada do chingue, por onde uma réstea de luar entra em estreita faixa prateada.

Má raça de gente! Má raça mesmo! Come o seu inimigo, o seu escravo, o próprio pai... Pior que bicho do mato. Pois já alguém viu um leão devorar outro leão? Ou onça comer outra onça? Nunca! Nunca!... Só o mabeco é como o Seles...

Sabe que tanto faz ser branco como preto; se não anda a jeito e com manha, aqueles mesmos que de dia lhe vendem a cera vêm de noite buscar-lhe a pele traiçoeiramente, metendo a faca pelo capim do chingue e enterrando-a entre as suas costelas.

O menor ruído arrepiava-lhe o corpo, o seu coração põe-se para ali aos pulos como uma cabra.

— Só Manuel, você não dorme? Está a falar com quem?

Chibia, irmão da sua terra, espregueada para dentro do chingue.

— Falo com o meu coração... Um homem no mato nunca dorme! Fica sabendo... e aqui no Seles muito

menos... Meu comandanti fala assim: «Soldado dorme acordado»!

— E... se o sono é muito, Sô Manuel?

— Se o sono é muito, fica mesmo com os olhos abertos para enganar.

Riem-se ambos; lá fora os carregadores palestram animadamente.

Então, Chibia chega-se mais para o amigo.

— Sô Manuel, hoje vou ao quimbo do seculo...

— Tu? Não, tu não vais!

— Sô Manuel, Chibia tem que ir mesmo. Chibia prometeu à rapariga que ia...

— Àquele ninho de cobras? Desgraçado! Nunca mais voltas... De madrugada, quando o sono pega bem, eles puxam pela chissa e cais num buraco cheio de paus aguçados. Depois...

— E será verdade tudo o que dizem?

— Verdade? Duvidas? Experimenta mesmo... Já cá não voltas a dizer como falou a rapariga... Até aqui, todos os dias mudo a minha chissa. Hoje fica no meio do chingue... para que o braço traíçoeiro a não encontre...

— Mas você vem todos os anos! — Na sua linguagem simples Chibia faz calar Catongo por um momento. — Sim! Para que veio você a este quimbo?

— Rapaz, o dinheiro pode mais que o medo! Esta terra é rica, muito rica... Entra o «chipurulo» dos brancos no coração de um homem e ele fica logo cego. Se tem uma vaca, quer duas; se tem duas, quer quatro; se tem quatro, quer oito! Não é assim? E acaba por se perder... — E depois de novo silêncio: — O pior são os caminhos... Daqui ao meu amigo sô Peixoto nasce o Sol duas vezes...

— Sô Manuel, eu vou mesmo...

O soldado encolhe os ombros. Sabe que nada des-

viará Chibia do seu intento. Se lho proíbe, foge... Não é pior? Ele durante uns segundos segreda-lhe qualquer coisa muito baixinho. Depois ergue-se e parte...

Catongo segue-lhe no encalço até à orla da clareira. Põe o ouvido à escuta, os seus olhos dilatados não largam o vulto.

Se ele pudesse ver para além, pelo mato dentro!

Que farão os seculos? Que pensarão eles? Naquele silêncio aflitivo, a própria Natureza parece interrogar... Volta ao chingue, embrulha-se no cambriquite e estende-se na esteira, puxando fumaça sobre fumaça.

Só tem uma ideia fixa: tornar a ver a sua terra!

No chingue pegado, os carregadores, já recolhidos, contam histórias. Uma voz fala, fala sempre, no mesmo tom, na mesma cadência:

«Eu conheci na minha terra um coelho espertalhão... Foi no tempo da fome grande, ele tinha o pêlo comprido. Os outros bichos, todos pelados e magros, começaram a olhar para a sua tanga nova, para o seu colete macio...».

Então Catongo não resiste mais, os olhos vão-se fechando; quer lutar e não pode, é superior às suas forças. Ainda vê lá fora a fogueira esbraseada, o «lua-ceiro» que recua pouco a pouco, deixando tudo no escuro...

Quanto tempo fica assim?

Não sabe.

Noite alta, acorda estremunhado e pega na faca.

— Sô Manuel, sou eu, Chibia... Chibia traz mulher...

Tem a cara encostada à dele, fala a galope, todo trémulo.

— Vamos embora, sô Manuel! Vem aí a guerra, está no seculo Mandombe. E você morre, depois sô Peixoto,

depois todos os pretos e todos os brancos... Morrem todos... É a ordem do soba!

Catongo não perde a cabeça.

— E os carregadores?

— Não penses neles, meu irmão Catongo... Fuja-mos... Eles são da terra.

Rápido, Catongo despede-se, enrola a roupa com o resto das fazendas debaixo do cambriquite, a fingir corpo adormecido e coberto. À volta da cinta põe a tanga e a faca, na patronha uns punhados de milho, depois de o repartir com o companheiro. Dá-lhe o jabite.

— E a arma?

— A arma fica, pesa muito.

Vira-se para Chibia:

— Chibia, meu irmão: tu és meu irmão, da minha família, irmão mesmo. Se voltar, dou-te uma vaca. Vais ao nosso quimbo prevenir os parentes, o povo todo... Catongo não vai, não deixa morrer o seu amigo branco. Catongo é soldado!

E depois de uma pausa:

— Levas esse bicho? — Cospe no chão e, como Chibia baixa a cabeça, continua: — Dá feitiço, homem... Morres!

Aperta-lhe a mão... Depois rastejam ambos para fora... em direcções diferentes... a rapariga no encalço do companheiro. Já perto da floresta desatam a correr... Catongo ainda se volta, vê os dois vultos sumirem-se no mato, cospe novamente.

Todo o resto da noite caminha a corta-mato, e todo o dia, evitando os quimbos e as lavras, como se o Seles em peso o perseguisse. É noite, ao fim de ver nascer o Sol duas vezes, quando avista terras da fazenda.

Os seus olhos esbugalhados ficam para ali a olhar a casa destelhada e fumegante, as plantações destruí-

das... Tudo ruínas, tristeza. Passou por ali a guerra. Então deixa cair os braços, desalentado.

E o seu amigo Peixoto? Pobre do seu amigo Peixoto! O branco matava a fome a muito negro que lhe batia à porta. Também matara a fome a Catongo.

Que seria feito dele?

Tem ainda uma ideia e novamente se embrenha no mato. Leva na cara o terror e na alma o desespero.

Catongo, soldado n.º 7 da 10.ª Companhia, tens coragem?

Comandante diz sempre: «Soldado sem coragem é um cão sem dentes».

Aproxima-se das lavras e procura um rasto. Quando avista uma manada de bois parece outro; pára, ganha fôlego. Depois põe as mãos em concha e, cá de cima da encosta, grita:

— Ô vocês! Eu venho aqui de mando do meu seculo do Bucoio, que também quer revolta contra o branco!

Dentro em pouco surgem do mato homens seminus, armados de azagaias.

Rodeiam-no.

— Quem és?

— Que queres?

— Quem te manda?

E Catongo fala seguro:

— O meu seculo Panda, do soba Cander, tem velhas contas com o Peixoto. Quer o Peixoto, quer a mulher do Peixoto. Em troca entra na guerra contra o branco, leva a guerra até ao fim da Ganda...

— O Peixoto, o branco?...

— Sim...

— O Peixoto morreu e a sua pele, cheia de capim, está sentada à porta do nosso seculo... Deu duas puas de banha...

Riem-se...

— E a mulher?

Catongo sente um estremeção... Há silêncios piores que a morte.

Os pastores seguem pela orla...

— A mulher?

— Sim, a mulher... a branca...

— A mulher está no nosso quimbo...

— E levas-me ao quimbo, ao vosso seculo?

— Vem!

Catongo acompanha-os. Vai dizendo para consigo: «Soldado n.º 7 da 10.ª Companhia não tem medo... Soldado nunca tem medo. Fica mesmo bêbado...».

Avança imponente, como representante do seu soba, exige a prisioneira. Nem pensa que o podem reconhecer.

— Sim, a branca pertence-me! A guerra no Buccio só virá com a sua entrega.

— Queres vê-la?

— Quero!

O seculo observa-o atentamente. Ele nem pestaneja. Vê-a a seus pés, quase nua, embrutecida pela dor, olhos de doida, muito longe...

Cospe no chão com desprezo, cospe sobre os seus farrapos imundos e toca-lhe com o pé.

— É minha, seculo! Vou levá-la para a minha terra, entregá-la ao meu soba. Começa amanhã a guerra...

Só ao terceiro dia, enquanto espera os emissários enviados ao chefe grande, a pedir autorização, consegue falar-lhe. É preciso fugir... fugir quanto antes...

— Senhora, tem coragem! Catongo vem salvar você. Não tem medo, senhora! Eu vai levar você meu comandante...

E naquela madrugada desaparecem.

Durante mais de semana e meia escondem-se pelos matos. De noite caminham. É sempre Catongo quem procura comida enquanto ela descansa. Arma laços aos coelhos e perdizes, caça ratos, tudo o que pode. Às vezes encontra raízes tenras de olumué e frutos bravos de figueira; ou então rasteja mais de uma hora para cavar um punhado de batatas doces nalguma lavra abandonada.

Ela já mal pode andar, com os ossos a furarem-lhe a pele, os pés em sangue. Tem os cabelos todos brancos...

— Senhora, corági! É já ali, depois daquele morro... Já ali... — e aponta com o braço estendido. — Branco ter muita corági, diz meu comandante. Você conhéci meu comandante?

Na sua enorme miséria, ainda é a dedicação do companheiro que lhe dá ânimo. Ele fala-lhe de melhores dias, com muito pirão e boa carne. De só Peixoto nem palavra...

Para quê?

Catongo sente a sua dor, quando ela se põe a chorar.

Um dia não quer andar mais.

— Catongo, bom Catongo, foge! Deixa-me morrer. Eu quero morrer aqui! Quero morrer.

Tem os olhos cheios de lágrimas e arde em febre.

Então ele agarra-a com toda a sua força e leva-a conforme pode, aos ombros, ao colo...

— Não, senhora, branca não fica no mato, branca vai com Catongo; o Selis mata branca, mata Catongo, cómi genti...

Uma manhã avista a fortaleza... Mostra-lha cheio de alegria, põe-se a berrar, bate palmas, mas ela nem reage.

— Senhora! Estamos com o branco! Branco está ali! Vamos comer pirão e cáni, vamos biber vinho; Biber vinho, senhora! Já lá está mesmo!

E como ela não responde, Catongo novamente pega no seu fardo e caminha... caminha... aos tropeções, cai aqui, levanta acolá.

Como foi esse milagre? Ante o pasmo de toda a guarnição, depõe a branca aos pés do comandante.

— Branca tem fómi! Ó fómi! Ó fómi!

O oficial avança para o seu antigo soldado e abre-lhe os braços.

— Soldado n.º 7, tu és um bravo!

A comoção embarga-lhe a voz, não pode conter as lágrimas. Manda levá-los para a sua residência e trata-os com desvelo. Passados dias, quando o negro ainda esquelético vem à sua frente, aperta-lhe a mão, quer sentá-lo à sua mesa. Mas Catongo recusa. Endireita-se, faz a continência e diz solenemente:

— Meu comandanti, Manuel Catongo é sordado, sordado mesmo. Preto não pódi sentári no mesa do seu comandanti, não pódi mesmo! Vai no seu sanzala!

CHICA

A minha querida e chorada filha, Maria do Carmo:

Foi um caso extraordinário. Começou por me pedir serviço e acorrou-se a meus pés segurando-os com quanta força tinha.

Serviço? Mas quem és tu, mulher? De onde vens?

Era uma negra pestilenta, quase nua, e os seus seios pendiam como peluncas sobre o ventre cavado. Impaciente, quase a ia derrubando; ela, então, ergueu para mim os seus olhos rasgados e tristes. Tremia como os cães perseguidos de perto; pareceu-me mesmo que chorava. Depois dobrou-se novamente para o solo e acariciou humildemente as solas dos meus sapatos.

Quem teria coragem de escorraçar um pobre ser humano, ou animal que fosse, em plena selva, por uma noite daquelas? A tempestade raivosa bramia ao longe sobre a floresta emudecida de pavor e até os nossos nervos, esticados ao máximo, ameaçavam partir e a nossa alma se fazia mais pequenina e fechada que um grão de «massambala». Pois bem, ficaria. Depois de lavada e vestida como as outras, seria como elas, uma «quimbar» perfeita. Pus-lhe o nome de Chica e entreguei-a aos bons cuidados de Mariana, a lavadeira.

A mão-de-obra aparece sempre assim, de improvisto. Se a procuramos, foge desconfiada; se se oferece, é tomá-la antes que se arrependa. Não tentem saber de sua origem, das suas qualidades ou do seu trabalho; nem mesmo da última casa onde serviu. Tivesse eu interrogado a Chica e ela mentiria como um saco roto e com o maior descaramento, olhos nos olhos. Francisco, o cozinheiro, também mentiu, e Boy, o criado de mesa, e até a minha afilhada também mentiram. Todos eles se apresentaram, o primeiro como bom cozinheiro, o segundo como bom criado de mesa e a mulatinha como ótima criada de dentro. Fingi acreditar. Tinha a certeza de que, pelo menos, se ajeitariam nos seus misteres. Mas livreí-me sempre de exigir do Francisco a lavagem da louça; ele tinha o seu ajudante. Ou que Boy fosse para o jardim cavar os meus canteiros de flores, ou para a horta ou para o batatal. Teriam fugido como coelhos, sem deixar rastro; teriam mudado de terra, de nome e de profissão, para onde «olhos de branco» os não pudessem descobrir.

Francisco dizia-me muitas vezes: «Vou à terra!», mas não passava da sanzala onde dormia durante três dias e três noites seguidas, fumava cachimbo e aquecia a barriga ao sol. Ou, então, adoecia, muito a propósito, na véspera da chegada do governador e no dia seguinte apresentava à mesa da administração, onde o chefe supremo do distrito se hospedava, os mais afamados pratos da sua variada ementa colonial. Por exemplo: o célebre leitão assado com gindungo e mostarda, ou os peitos de pato com molho picante de fazer chorar, à volta do arroz enformado, o muambá de galinha famoso e a salada cortada como o caldo verde com gemas de ovos cozidos e esmagados. Conhecia-lhe logo a mão pelos pitéus e ria-me à sucapa. Na manhã seguinte, ou daí a dois ou três dias, conforme a bebedeira, apresentava-se

ao serviço, mais manhoso e mais risonho do que nunca. Fora já o cozinheiro do governador e tinha sangue branco nas veias. Seu bisavô, um grande homem, chamava-se Vandúnen.

O governador gostava muito do cozinheiro, dos seus belos petiscos, mas... deitaram-lhe um grande feitiço, um feitiço que era mesmo de enraivecer — todas as quartas-feiras ia dormir ao calabouço.

Da primeira vez chamaram-no e disseram-lhe com brandura:

— Toma juízo, rapaz, já não estás em idade de dormir no calabouço... senão... — e mandaram-no embora.

Mas chegou à quarta-feira seguinte e ele, zás, outra vez preso...

Novamente foi levado à presença da autoridade.

— Tu não tens vergonha? Olha, José (naquele tempo ele chamava-se José), para a outra vez mando dar-te uma sova.

E na quarta-feira seguinte foi calabouço e sova por cima.

— Positivamente, tu não tens vergonha! — disse-lhe o governador todo zangado.

— Tens vergonha, sim, senhor!

— Não és homem!

— És homem, sim senhor!

— Então porque bebes?

— Porque bebes, sim, senhor!

— Pois não deves beber, não quero que bebas.

— Não bebas, sim, senhor!...

Mas aquilo era mesmo uma maldição. Chegou a quarta-feira, tornou a beber e tornou a dormir naquele maldito lugar.

— Porque é que só bebes na quarta-feira, homem? — perguntou-lhe o do governo quando lho levaram, mais morto do que vivo, e amarrado, à sua presença.

— Não sábi, patrão!

— Não sabe?

— Não sábi, não, patrão!

Daí em diante todas as terças-feiras depois do jantar apresentava-se um cipaio na cozinha e ficava de guarda todo o dia seguinte ao cozinheiro José.

— José hoje não bebe!

— Não bébi mesmo! José Vandúnen não bébi mesmo!

O feitiço, porém, era tão grande e tão forte que, passadas semanas, cozinheiro e cipaio ambos foram parar às grades com as costas quentes e a cabeça rachada, dum barulho que armaram. Nem chegou a saber como aquilo fora; o soldado apanhou dois dias de detenção...

Algum malvado que lhe queria mal!

Começou a cismar e arraigou-se numa ideia fixa terrível de perseguição...

Pois não lhe apareciam garrafas por todos os lados e por todos os cantos a tentá-lo? Ele era vinho, ele era conhaque, ele era cachaça e licores e Porto e Madeira e champanhe...

Como é que os brancos bebiam tudo e se não embor-rachavam, e ele, um pobre negro, só de cheirar ia sempre cair na enxovia?

E, da ideia fixa, foi ao propósito firme de fugir, antes que viesse novo dia fatídico. Naquela semana desapareceu.

Outras vezes era a Mariana que amarrava um fio à testa e pintava a cara com «chiquelas» vermelhas e brancas. Chegava-se ao pé de mim com o nariz mais trombudo do que nunca, passos lentos e arrastados, beija-corra grossa e caída e dizia-me: «Ó Luento».

Encolhia os ombros, com a certeza de que ela ia

lavar roupa a outros brancos durante uma ou duas semanas, ou andava metida nalgum dos seus muitos negócios de candongueira incorrigível. Só uma vez, de dois em dois anos, o meu jardineiro (!) falava verdade. Jardineiro! Ele parecia tanto jardineiro como o Huambo uma cidade, onde os mortos jaziam, até à hora do enterro, dentro dos furgões do caminho de ferro, onde o hospital era ainda um mito e a igreja um lindo sonho quase irrealizável...

De sonho é feita a vida e os homens levam a cabo grandes obras, mesmo sem recursos, mesmo quando se apodam de doidos e lunáticos, só porque nisso põem toda a sua férrea vontade...

Pois o jardineiro também tinha o seu sonho de nativo. Ia à terra e voltava. Arranjava mulher, dava festa rija no quimbo, pagava os presentes, gozava uma ou duas luas ou mesmo três em sossego e vigiava os trabalhos das lavras. Depois, quando a rapariga tinha porco no curral, cabra no cortelho e prometia dar-lhe um filho pelo tempo das maçarocas, voltava, a forrar mais panos, mais dinheiro e mais cachaça para comprar outra mulher.

E dizia francamente ao que vinha. Queria ser homem rico e respeitado entre os da sua tribo, ter boas vacas e bom leite, muitos cortiços, muita mandioca e muito milho. Para isso fazia-se avarento e vendia aos companheiros tabaco de rolo a cinco tostões a plegada, em vez de passar o seu cachimbo como era de uso na terra. Nunca ninguém soube onde escondia o dinheiro.

Porém, o caso de Chica, como já disse, foi um caso extraordinário. Ela veio ter à minha porta como aqueles cães vadios e escorraçados que se agarram às nossas pernas e nunca mais nos largam, ou como os «bobos» lanzudos que se enroscam ao nosso pescoço e mordem a mão que de lá os quiser tirar.

A tudo se sujeitou com paciência, a todas as troças, a todos os repelões e a todos os desprezos. Nem se revoltava quando Mariana e a minha afilhada lhe chamavam «chinhama» (bicho) e «chimuno» (ladrão). Cortaram-lhe, quase rente, a carapinha espalmada em leque sobre a nuca e cosida com búzios e tachas amarelas; depois desfizeram-lhe as trancinhas à volta da fronte e esfregaram-na impiedosamente, desinfectaram-na ao nosso uso, dentro de uma celha, ali mesmo ao sol, por trás da cozinha.

— Ah! — dizia a minha afilhada, cheia de inveja. — Você julga que tomar conta da menina é o mesmo que carregar uma quinda de batata doce?

Mariana ria-se muito alto, dando valentes palmadas nas costas de Chica.

— Vamos, mulher! Você agora endireita! Endireita mesmo!

Enfiou-lhe pela cabeça a blusa quimono das civilizadas, enrolaram-na depois em dois panos claros presos pelas pontas sobre os seios e amarraram-lhe à cabeça o lenço vermelho do turbante.

— Pronto! Queres ver como estás bonita?

Dirigiram-se então ao meu quarto e puseram-se em frente do espelho. Da varanda eu ouvia tudo: os seus «ah!» e os seus «oh!» de admiração; ouvia a chacota, as risadinhas reprimidas, os ditos malévolos e picantes. A velha tratou logo de intrujar e fez um bom negócio. Pôs-lhe nas orelhas uns brincos de latão pelo dobro do que lhe custaram e ao pescoço duas fiadas de missangas desirmanadas.

— Pagas depois — afirmou em tom que não admitia réplica. — E também o meu mata-bicho.

Mata-bicho! Estas duas palavras mágicas abrem todas as portas do coração humano. O mata-bicho é uma recompensa que se pede sempre; quando se traba-

lha bem e quando se trabalha mal, até quando se não trabalha mesmo nada; de manhã, ao meio-dia e à noite, se se prestam favores ou se se recebem, se se vende um boi, uma galinha e até um só ovo, e ainda sem razão de espécie alguma...

A espertalhona da Mariana descobriu logo ali um filão de mata-bichos...

Dizia ela para Chica:

— Mulher que deve nunca mais paga a dívida, sabe você? Quando recebe uma pua de milho no tempo das sementeiras, paga três ou quatro no tempo das colheitas e ainda fica a dever um favor. Sim, um favor, porque se não tivesse milho para semear passaria fome durante doze luas, ela, o seu homem, os seus filhos e os seus animais e uma grande calamidade de desgraças cairia sobre a palhota e até sobre o quimbo todo...

Chica prometeu e só depois a trouxeram à minha frente.

Perguntei-lhe se estava satisfeita e ela acenou com a cabeça que sim. Mostrei-lhe o meu tesouro pequenino. Espreitou através do mosquiteiro e viu a menina, muito rosada, com duas covinhas nas faces, os olhitos verdes abertos e meigos virados para ela...

Não chorou e a negra pôs-se a bater as palmas, a rir-se de contente, toda debruçada sobre a criança.

— Vais entregar a menina a este bicho, senhora? Mulher que não fala — disse Mariana, cheia de desprezo — não é boa mulher; ninguém sabe nada dela, é como um caroço de dendém...

Mas por fim, e após longa aprendizagem em que Mariana e a minha afilhada abusaram da paciência de Chica, sempre recebeu a filhinha nos braços.

Parecia doida com a criança. Mal chorava no berço, corria a pegar-lhe com muito cuidado e escanchava-a

devagarinho sobre os rins como se fosse sua filha. Depois, sempre curvada, passava-lhe um pano por baixo dos bracinhos e das pernas e amarrava-o à frente. Endireitava-se então e punha-se a dançar a «chinhauinga» no meio do quarto.

— Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!

E a menina? Afeioou-se-lhe muito... Quando via a sua negra estendia-lhe os bracinhos, fugindo do colo da minha afilhada e até do meu, com um sorriso meigo e feliz.

— Ah! — protestava, fingindo-se muito zangada. — Queres ir para as costas da Chica? Pois agora não vais. Não vais!

Então a criança fazia beicinho e Chica arrebatava-a como doida. Falava-lhe quimbundo, prometia-lhe tudo quanto havia, e, a pretexto de qualquer coisa, ou mesmo sem nada dizer, aproveitando a minha distração, afastava-se ligeira como uma sombra.

Daí a pouco ouvia o seu «Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!».

Como faziam contraste os olhos verdes da menina e os seus cabelos louros em caracóis, com a pele de fuligem e a carapinha curta da criada! Maior era a ternura por ela; só adormecia aconchegada ao seu corpo e embalada pela sua voz tristonha. Não tinha medo da pobre negra, não; dava beijos em mim e nela, abraçava-se ao meu pescoço e ao seu, apertava-a muito contra o coraçãozinho pequeno, tal qual fazia quando estava ao meu colo. E dava-lhe palmadinhas na cara com suas mãozitas sapudas, puxava-lhe pelas orelhas e pelos brincos, pelo colar, metia-lhe os deditos cor-de-rosa nos olhos pestanudos... Chica tudo deixava; até se ria quando a pequena, numa fúria, a mordida e esgadhava, para logo a cobrir de beijos, a seguir, se ela fingia chorar...

O seu «lé, lé, lé, mininá!» tomava ar de ralho nessas

ocasiões. Esbugalhava muito os olhos, mostrava os dentes afiados, mas a criança conhecia-lhe o fraco e tudo acabava numa grande risota.

— Você abusa, mininá! Você é mesmo abusadora!

Ah! Pobre negra, pobre negra! Quantas noites não dormiu enroscada no tapete perto do berço! Quantos dias e meses não obedeceu cegamente àquela pequena tirana!

E quando a minha filhinha começou a dar as primeiras passadas? Ia dando em doida comigo! Sentava-se no chão, traçava os panos entre as pernas e abria-as o mais que podia. Punha depois a menina ao alcance das mãos e chamava por ela com grande ternura:

— Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!

A pequena, com os bracitos trémulos, olhinhos cheios de medo, lábios entreabertos, avançava primeiro um pézito, depois outro e por fim atirava-se contra o seu peito, desamparada. Chica batia as palmas de contente:

— Mininá já anda, senhora! Mininá já anda!

Mariana perseguia Chica com propostas de casamento. A rapariga tornara-se um bom partido; trabalhadeira, calada e humilde e, ao mesmo tempo, até, bonita mulher entre os da sua raça, com uns olhos de bândi assustadiços...

Que não, estava muito bem assim... — e desandava altaneira.

Para mim era um descanso. Muitas vezes, enquanto eu curtia febres dias seguidos, a negra não saía dali, de ao pé da pequena; vigiava os seus mais pequenos gestos; afastava dela todos os perigos. Logo de manhã trazia a tina da água para o banho, pedia a roupa à minha afilhada, e, enquanto a outra ensaboava e tornava a ensaboar a pequerrucha, até ficar coberta de

espuma, Chica preparava uma boa agulha ou um pau muito afiado. Sentava-se no chão com as pernas cruzadas e recebia a menina no regaço sobre o lençol de banho. Antes de mais nada passava revista aos seus pêzinhos, às suas mãos pequeninas e por fim a todo o corpo.

Por mais que a minha afilhada quisesse impor-se, sem esse serviço não deixava vesti-la.

— Você quéri qui a minha mininá fiqui sem pés, como eu, todos comidos? Mininá tem dois mamãe, eu não têvi nenhuma, sábi?

No princípio das chuvas desse ano, quando as bitacaías de todas as cores e de todos os tamanhos, desde as reboludas louras às pretas bravas e secas como cisco mirrado, atacaram aos milhares os pés dos caminhantes e chegaram a imobilizar um batalhão quase inteiro de tropas em pleno planalto, esse serviço tornou-se delicado. Ao mais pequeno descuido já estava a pulga dentro do sabugo e então era necessário deixar criar saco para evitar que ficasse fincada no fundo a metade mais venenosa da cabeça e produzisse infecção.

— Bicho feio! — dizia Chica quando encontrava alguma pulga. — Você é como o leão, quéri comer o pêzinho da minha mininá? Quéri comê mesmo? Julga qui ela não tem mamãe? Tem sim siô, tem dois mamãe. Chica é que não têvi mamãe, Chica é o sapato da mininá. — E punha-se a dançar, como sempre, para fazer rir a pequerrucha.

— Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!

— Ah! Mininá! Mininá! Chica é qui não têvi mamãe pra tirá o bitacaia, não têvi, não; pé di Chica é preto e tem dedos comidos. Agora o seu pêzinho... o seu pêzinho ser branco e o bicho malandro não há-di comê sua cární, nem fazê saco à sua custa, nem chupá seu sangri. Não cómi, não...

Abanava a cabeça como tonta, puxava à frente os seus pés disformes, quase sem dedos, como se a minha pequenina pudesse compreender a sua lengalenga.

Mariana e a minha afilhada chamavam-lhe maluca. Desatavam às gargalhadas e vingavam-se dos meus justos elogios atirando para cima da rapariga os piores e os mais pesados serviços.

Nunca se queixou. Não era trabalho da «mininá»?

Um dia, pela manhã, descobri com horror, enroscada sobre o berço, uma cobra cuspideira. Era negra, pavorosamente negra. Estarrecida, procurava um meio de salvar a minha filhinha, quando Chica se atirou num repente sobre o berço e recebeu em cheio, nos olhos, o cuspo venenoso. Ainda teve tempo de repelir o animalinho, mas depois rebolou-se pelo chão como possessa, cheia de dores, com a cara feita num bolo. Esteve vinte e quatro horas em delírio e semanas a fio em tratamento da vista com o melhor quimbanda da especialidade.

Pobre Chica! Quantas vezes a fui ver à sua cubata! Quanto lhe agradei a sua dedicação! Fora ela uma branca e tê-la-ia abraçado, tê-la-ia chamado irmã com toda a minha ternura, teria chorado com ela de alegria e de gratidão...

Chica sorria-se e só perguntava pela sua menina, se a menina já andava bem, se a menina tomava os remédios e comia, se a menina não chamava por ela de noite e se já lhe nascera mais um dentinho.

Mandei-lhe lá a criança...

Quando voltou para o serviço, ainda bastante fraca, dei-lhe mais panos, mais blusas e um lindo bracelete. Eram as lembranças da menina para a sua negra...

Quem pode descrever a alegria dela? Parecia que me devia a existência e não eu a da minha filhinha. Esteve um bom quarto de hora a fazer festas aos pêzi-

tos da pequena, dançou, cantarolou e, por fim, foi à sanzala buscar uma coleção de chocalhos, feitos de frutos secos do mato.

— Não tenho mais nada... — disse humilde.

Como se sentia completamente recompensada com aqueles farrapos e completamente feliz com o sorriso da criança, ela que quase dera a vida pela sua vida!

— Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!

E a cantiga encheu novamente toda a casa...

O ano fora muito chuvoso; a menina só tinha olhos e ventre e resolvemos embarcar para a Metrópole o mais depressa possível. Meses antes, Chica começou a cismar. Encontrei-a mesmo perto do berço com os olhos cheios de lágrimas.

— Que tens, Chica? Alguém te fez mal?

— Nada, nada, senhora!

E fugiu...

Estranhei a sua atitude. Mariana olhava-a desconfiada e com ar acusador, mas Chica continuava a cumprir os seus deveres exemplarmente, continuava a embalar a pequenita com o mesmo carinho e a sua voz tristonha soava pelos cantos.

— Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!

* * *

— Uma manhã, ao chegar da sanzala, pediu-me, como se fora uma grande graça, que lhe descontasse todos os meses metade do ordenado.

Para quê, Chica?

— Uma coisa, senhora...

— Uma coisa?!

E tanto apertei com ela que por fim respondeu, quase a medo, receando uma recusa:

— Chica quer ir ao Lobito despedir...

Não acabou... Tinha os olhos alagados de água...

Fiquei-me a olhá-la... espantada... Pois aquele dinheiro não seria para Chica uma verdadeira fortuna? Quantas surpresas nos reserva a gente humilde que nos cerca! Como as terras de África nos prendem! São doentias, nostálgicas, feias, talvez?... Embora!... O meu coração sangrava de as deixar, a minha alma agarra-va-se a todas as coisas... Fora aquela terra acolhedora que sorvera tudo quanto os verdes anos podem dar de entusiasmo, de alegria e paixão. E a terra apaixonada, podem crer. Enraizamos nela como as árvores, bem fundo... e... ai de nós! — transplantados, sofreremos tanto que fica sempre uma ferida a sangrar...

Se eu pudesse, já lá teria voltado a ver a minha casa do mato no Chimbasse, aqueles chapeirões queridos de colmo, os jardins desenhados por mim, os meus craveiros e os meus fetos do caramanchão, a Chica e a Mariana, o Francisco e o Boy, todos os nossos empregados, todos os nossos vizinhos e amigos.

E existirão eles ainda?

* * *

No dia da partida, mulheres e homens afogaram a mágoa num grande batuque com vinho e chimbombo. Só as raparigas ao meu serviço vieram à camioneta. Rodearam-me numa roda, lançaram-se a meus pés, acariciaram-me os meus sapatos...

Quis falar mas não pude, faltou-me a coragem; sentia latejar as veias com força e o meu coração parecia que estalava. Fixei mais uma vez o lar querido, aquelas vastas plantações, a ponte pênsil sobre o rio, os empregados um a um. Companheiros há tantos anos, a todos agradei o carinho com que procuraram tornar fácil a minha vida sertaneja. Estendi-lhes a mão com gratidão, fixei-os nas pupilas: Sr. José! Sr. Francisco! E

você, Kámemino, e você, Moraes. Naquele momento de dor sentia-me mais perto dos seus corações, vi-lhes nos olhos a grande mágoa de ficar.

Ah! Como eu trocava de boa vontade com eles! Deixava o que o meu coração queria ter bem perto, e eles tinham na Metrópole pais, irmãos e esposas. Não era estranha a vida? Cheia de paradoxos e de lutas? De desejos vãos irrealizáveis?

* * *

Mariana berrava com quanta força tinha quando o carro se pôs em marcha e os lenços acenavam de um lado e do outro, enquanto a fazenda se tornava cada vez mais indistinta, com os seus quadrados de cultura, seus pomares de papaias e de citros, suas casas achique-ladas, muito claras. Vista assim de longe, parecia uma pequena clareira em mar imenso de copas. Por fim desapareceu. Adeus! Adeus! Até à volta!

Chica não falava. Apertava a menina contra o peito e pareceu-me ouvir baixinho o seu: «Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!».

* * *

No Lobito, enquanto procurava manter-me serena e corajosa, Chica soluçava.

— Quem será esta mulher? — ouvi perguntar várias vezes. As minhas amigas pediram-ma como herança e eu logo ali lhe falei, mas Chica estava tão ausente que nem compreendeu. Olhou para mim e para a minha filha e recomeçou a chorar.

— Senhora! Senhora!

Não quis entregar a menina à minha afilhada nem separar-se dela um só momento. Acocorou-se a um canto

do beliche, ergueu-a nos braços e fê-la rir com as suas momices...

Deixei-lha até à última...

— Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!

* * *

Depois... vieram os derradeiros abraços, as derradeiras ternuras. No meio de grande confusão e de grande pressa, com o vapor a apitar, lùgubrememente, arrancaram a menina, à força, dos braços da pobre Chica e ela lá foi, levada aos empurrões, resistindo sempre, gritando, barafustando...

Então — Oh! Meu Deus! — eu não sei de dor maior nem de agonia mais cruel. Não tive coragem para subir ao convés. Deixei-me ficar no beliche, abraçada à minha pequerrucha, com os olhos enxutos, o cérebro vazio, a alma despedaçada. Lá em baixo ficava tudo o que era querido: essa terra que amei mais que à minha própria, pai, irmão e marido, e a pobre negra a gritar, acenando com os panos... Do meu beliche via-a correr pela areia como se pudesse agarrar o navio... e... depois... ficou-me o eco do seu «Lé, lé, lé, mininá! Lé, lé, lé, mininá!» entrando-me pelos ouvidos, pelo cérebro, esfurracando-os violentamente...

* * *

Era a alma negra que se me revelava, alma bárbara, mas grande, cheia de dedicações humildes e de rasgos generosos; de paixões e de desprezos, de ternuras e de raivas, de beleza e de fealdade, de heroísmos e de crimes. Alma como a de todos os homens do Universo, das velhas Marianas manhosas e escuras, das Chicas dedicadas e simples, dos velhos Turiões e de Curico, o seu

assassino; dos Franciscos e dos Boys, dos Vandúnen e dos Bruaias, caçadores de búfalo e de leão; de Viraué, o correio que ia morrendo para salvar o dinheiro do seu patrão; de Manuel Capataz — a alma de todos aqueles que emigraram connosco das terras do Sumi para as terras do Chimbasse, abandonando quimbos, mulheres e filhos, para serem nossos companheiros...

* * *

Já não se via terra; a noite descia velozmente, cobrindo com seu manto solene as águas profundas do oceano... e... eu ainda olhava através da vigia, com o coração esmagado, a babugem humedecendo-me os lábios...

ÍNDICE

| | Págs. |
|--|-------|
| Saudade (Pórtico) | 9 |
| Tudo é «Chipurulo» | 19 |
| Mãe e filho | 39 |
| A velha do agude | 55 |
| Chiraué | 73 |
| Cafuzo | 87 |
| Colonos | 121 |
| Turião | 135 |
| Soldado N.º 7 da 10.ª Companhia | 147 |
| Chica... .. | 159 |

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA SILVAS, LDA.
Rua D. Pedro V, 126-Tel. 2 3121
LISBOA